

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Corpos e Cidades
lugares da educação

Kátia Danailof
Orientadora: Profa. Dra. Carmen Lúcia Soares

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida por Kátia Danailof e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 25 / 06 / 2002

Assinatura:

Carmen Lúcia Soares

Comissão Julgadora:

Luciana Helena Almeida Rocha

Luciana Helena Almeida Rocha

Carmen Lúcia Soares

2002

UNIDADE Be
Nº CHAMADA T/UNICAMP
D192c
V _____ EX _____
TOMBO BC/ 50663
PROC 16-837/02
C _____ DX _____
PREÇO R\$ 11,00
DATA 10/09/02
Nº CPD _____

CM00173383-2

BIB ID 256967

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecária: Rosemary Passos - CRB-8ª/5751

~~VERBA~~
D192c

Danailof, Kátia.
Corpos e cidade : lugares da educação / Kátia Danailof. -- Campinas, SP:
[s.n.], 2002.

Orientador : Carmen Lúcia Soares.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Corpo. 2. Capitais (Cidades). 3. Educação. 4. Higiene. 6. Eugenia.
I. Soares, Carmen Lúcia. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

02-096-BFE

Agradecimentos

Ao finalizar “parcialmente” uma pesquisa, a ponto de ser possível torná-la pública, cabe evidenciar todos aqueles que se encontram nos “bastidores” deste trabalho. Pessoas que, distantes fisicamente ou não, participaram de um sonho que hoje se encontra concretizado em forma de texto.

Dentre as lembranças recorro nomes “eternos” a quem agradeço, são eles: o professor e amigo Jocimar Daolio, quem primeiro acreditou em meu trabalho; o amigo Giuliano, sempre presente nos momentos precisos; Juliana por representar a amizade sincera; e à professora-orientadora Carmen Lúcia Soares pelos “puxões de orelha” nas horas certas, como também por sua generosidade acadêmica, transmitindo sempre o prazer contido no aprender e no ensinar.

Agradeço a todos que fazem parte do OLHO (Laboratório de Estudos Audiovisuais) e, em especial, ao professor Milton José de Almeida por me possibilitar um encontro sensível e denso com a educação e a arte em suas mais diversas formas.

Sou grata à leitura atenta e cuidadosa de Ana Márcia Silva, Heloísa Rocha, Roseli C. Fontana e Tarcísio Mauro Vago. Professores mas, muito além, são pessoas admiráveis a quem devo a análise deste trabalho e agradeço pela presença nesta última etapa de reconhecimento da pesquisa a ser defendida.

Com carinho agradeço a amizade e o apoio de Rafael, Maria Cristina, Andrea e Vinícius, pessoas que conheci e aprendi a admirar. Como também sou grata às amigas Lígia, Mili, Tânia e Patrícia (Belém) pela força.

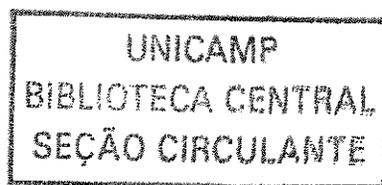
À compreensão e paciência de Daniel Soboleski que esteve, e está, ao meu lado apoiando e incentivando este sonho.

À Otília Forster pelo registro e concessão de suas lembranças.

Agradeço à Aline pelo competente trabalho de revisão do texto. Ao Centro de Memória da UNICAMP pela disponibilidade do material utilizado na pesquisa e, em especial, à Márcia pela atenção e pela ajuda. Ao mesmo tempo agradeço à FAPESP pelo suporte financeiro durante os meses de pesquisa.

Apoios estes que possibilitaram a realização do projeto.

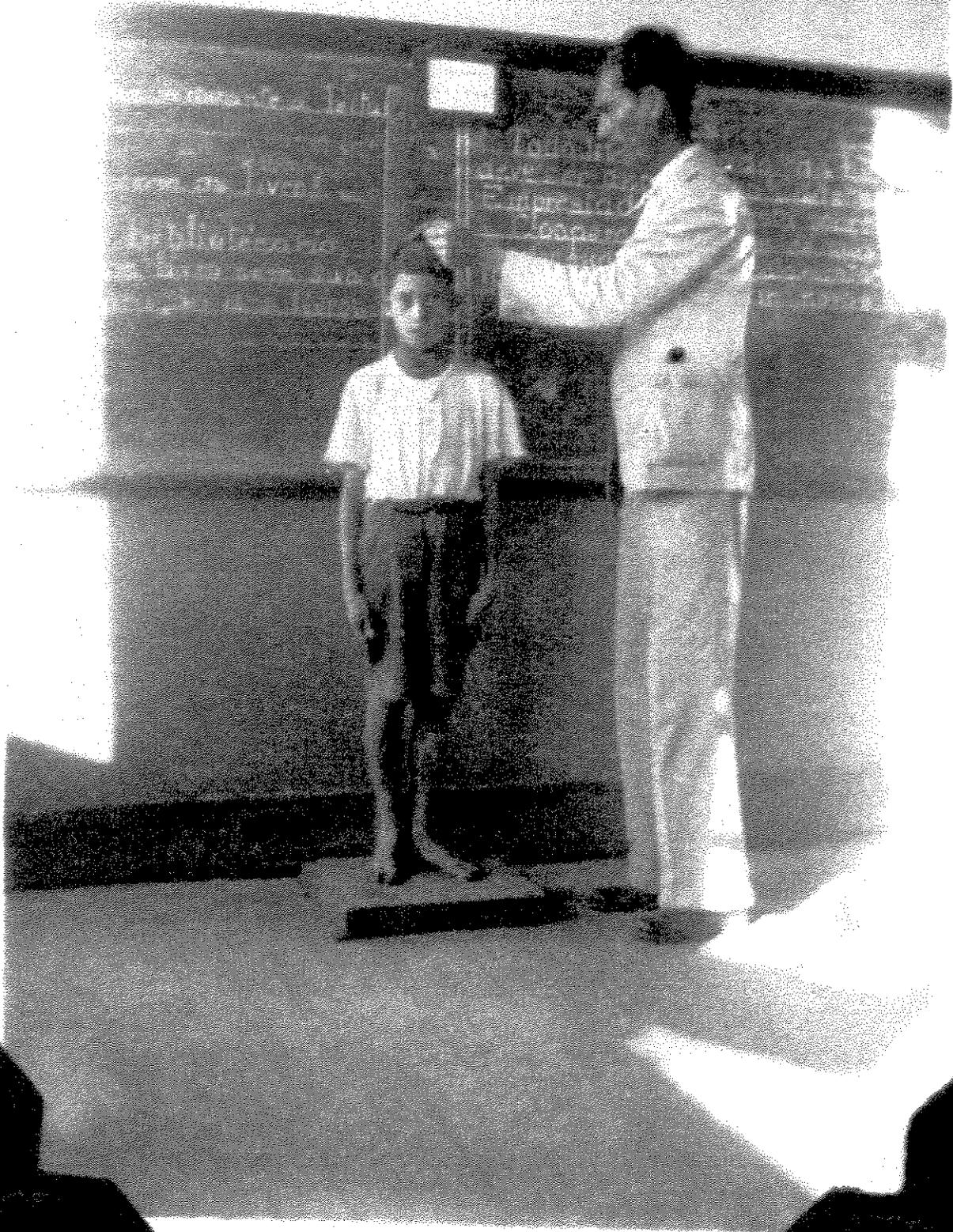
Aos familiares e especialmente a meus pais, Leni e Nikola, a quem dedico este trabalho.



200242363

***“Num sonho um amigo vinha de longe para me ver, e no sonho eu lhe perguntei: você chegou por fotografia ou de trem?
Todas as fotografias são uma forma de transporte e a expressão de uma ausência.”***

(John Berger)



Resumo

Destaco, nesta pesquisa, a importância da Educação Física como mediadora do processo de construção de um biotipo relacionado a saúde e beleza nos anos de 1930 e 1940, vinculando a atividade física aos ideais de ordem e progresso.

Permeando este estudo, as imagens são parte inerente às discussões desenvolvidas, colocando no “centro do palco” a ginástica como aquela que contém os traços visíveis do espaço em que se encontra: a cidade. Tais representações da realidade instigam o olhar para diferentes áreas do conhecimento da época, como também permitem a lembrança da própria história do leitor. Quantos de nós já não usamos uniformes? Quantos não desfilaram em paradas cívicas? Por fim, todos fizemos parte do ambiente escolar e nos envolvemos, em algum momento de nossas vidas, com práticas físicas e cívicas.

Situando, assim, a ginástica como formadora de indivíduos disciplinados em suas vontades e gestos, aliando pesquisa bibliográfica e documental, discuto o corpo em sua exposição à sociedade, considerando-o lugar de registro das marcas de um tempo que vislumbra um futuro próspero para a nação, associando esta prática aos valores sociais e morais da época descrita.

Abstract

In this research, I call attention to the importance of Physical Education as a building up process of the 1930s' and 1940s' health and beauty biotype, bonding the physical activity to the ideals of order and progress.

The images are inherent to the occurred discussions, bringing out the gymnastics as the one which has visible traces of the encountered space: the city. Such real examples tease the way we look the different cultural areas of that time, as well as the memory of the own reader's history. How many of us have already worn uniforms? How many of us have taken part of civic parades? Eventually, all of us were at school and got involved with its environment, in its physical and civic events.

To sum up, gymnastics is, without a doubt, responsible for bringing up disciplined individuals in their attitudes and willingness. Through bibliographical and documental research, I discuss the body exhibition to the society, considering the place where there are time records of a promising future to the nation, associating this fact to social and moral values related to the mentioned period.

SUMÁRIO

Apresentação	01
Capítulo Um - O Corpo Da/Na Nova Pátria	11
1.1 - Cidades e Corpos	13
1.2 - Saúde, Beleza e Força	37
1.3 - Limites do Corpo	59
Capítulo Dois - O Exercício do Poder	67
2.1 - Na Escola	69
2.2 - O Corpo sob Medida	81
2.3 - Corpo e Moldura	89
Capítulo Três - O Corpo em Exposição	97
3.1 - O Corpo: limites, medidas, molduras e exposição	119
Bibliografia	129

Lista de Figuras

Figura 1. E.F.C.B. (1924) – Tarsila do Amaral
Fonte: AMARAL, 1997, p. 77.

Figura 2. Cortejo (1930) – Cícero Dias
Fonte: BATISTA, 1984, p. 67.

Figura 3. Operários (1933) - Tarsila do Amaral
Fonte: AMARAL, 1997, p. 139.

Figura 4. Retirantes (1944) – Candido Portinari
Fonte: CALLADO, 1997, p. 151.

Figura 5. Menino do Tabuleiro (1937) – Candido Portinari
Fonte: CALLADO, 1997, p. 163.

Figura 6. Estímulo à industrialização
Fonte: BADARÓ, 1996, p. 94.

Figura 7. Avenida Francisco Glicério – Largo do Rosário (Campinas-SP).
Fonte: BADARÓ, 1996, p. 99.

Figura 8. Edifício do Fórum de Campinas-SP, com base em Esboço de Prestes Maia (1937).
Fonte: BADARÓ, 1996, p. 96.

Figura 9. “Bíblia da Saúde”
Fonte: VI Relatório de Atividades, Delegacia Regional de Ensino de Campinas, 1943. Fundo Otília Forster, cx. 1, Arquivos Históricos – Centro de Memória - UNICAMP.

Figura 10. Menino Plantando Bananeira (1940) – Candido Portinari
Fonte: CALLADO, 1997, p. 103.

Figura 11. Crianças brincando (1940) – Candido Portinari
Fonte: CALLADO, 1997, p. 105.

Figura 12. Avenida Campos Sales (Estação - Centro): Campinas-SP.
Fonte: BADARÓ, 1996, p. 98.

Figura 13. Menino com Pião (1947) – Candido Portinari
Fonte: CALLADO, 1997, p. 193.

Figura 14. “Aula de Ginástica Feminina” (G.E. de Souza)
Fonte: I. Relatório de Atividades, 1937-1939. Fundo Otília Forster, cx. 1, Arquivos Históricos – Centro de Memória - UNICAMP.

Figura 15. “Aula de Ginástica Masculina” (G.E. de Souza)
Fonte: I Relatório de Atividades, 1937-1939. Fundo Otília Forster, cx. 1, Arquivos Históricos – Centro de Memória - UNICAMP.

Figura 16. “Exame Antropométrico” (G.E. de Pinhal – SP, 06/dez/1939)
Fonte: II Relatório de Atividades, 1939. Fundo Otília Forster, cx. 1, Arquivos Históricos – Centro de Memória - UNICAMP.

Figura 17. Secção Feminina de Ginástica (G.E. Luiz Leite, 1938)
Fonte: I Relatório de Atividades, 1937-1939. Fundo Otília Forster, cx. 1, Arquivos Históricos – Centro de Memória - UNICAMP.

Figura 18. “Secção Masculina de Ginástica” (G.E. Luiz Leite, 1938)
Fonte: I Relatório de Atividades, 1937-1939. Fundo Otília Forster, cx. 1, Arquivos Históricos – Centro de Memória - UNICAMP.

Figura 19. Alunos da Equipe de Ginástica do “6º Grupo Escolar” (Campinas-SP)
Fonte: Coleção Otília Forster. Documentação Iconográfica, Centro de Memória - UNICAMP.

Figura 20. Grupo Escolar do Taquaral (Campinas-SP).
Fonte: Coleção Otília Forster. Documentação Iconográfica, Centro de Memória - UNICAMP.

Figura 21. Grupo Escolar “Cel. Joaquim José” (São João da Boa Vista – SP, 1938)
Fonte: Coleção Otília Forster. Documentação Iconográfica, Centro de Memória - UNICAMP.

Figura 22. “Inauguração do Estádio do Pacaembu” (1945) - Desfile
Fonte: Coleção Otília Forster. Documentação Iconográfica, Centro de Memória - UNICAMP. Coleção Otília Forster.

Figura 23. “Inauguração do Estádio do Pacaembu” (1945) - Demonstração de Ginástica
Fonte: Coleção Otília Forster. Documentação Iconográfica, Centro de Memória - UNICAMP. Coleção Otília Forster.

Figura 24. “X Aniversário da Escola de Educação Física do Estado de São Paulo” (Estádio do Pacaembu, 22/out/1944)
Fonte: Coleção Otília Forster. Documentação Iconográfica, Centro de Memória - UNICAMP.

Figura 25. “Demonstração de Ginástica em Praça Pública” (G.E. Jardim)
Fonte: II Relatório de Atividades, 1939. Fundo Otília Forster, cx. 1,
Arquivos Históricos – Centro de Memória - UNICAMP.

Figura 26. “Aluna na abertura da III Olimpíada Campineira” (1944)
Fonte: Coleção Otília Forster. Documentação Iconográfica, Centro de
Memória - UNICAMP.

Figura 27. Demonstração Pública de “Aula-Modelo” de Ginástica
Fonte: I Relatório de Atividades, 1937-1939. Fundo Otília Forster, cx. 1,
Arquivos Históricos – Centro de Memória - UNICAMP.

Figura 28. “III Olimpíada Campineira” (1944) – Cerimônia de Abertura
Fonte: Coleção Otília Forster. Documentação Iconográfica, Centro de
Memória - UNICAMP.

Figura 29. “Público da III Olimpíada Campineira” (1944)
Fonte: Coleção Otília Forster. Documentação Iconográfica, Centro de
Memória - UNICAMP.

Figura 30. “Alegorias do Brasil”
Fonte: II Relatório de Atividades, 1939. Fundo Otília Forster, cx. 1,
Arquivos Históricos – Centro de Memória - UNICAMP.

Figura 31. “Desfile de 7 de Setembro”
Fonte: II Relatório de Atividades, 1939. Fundo Otília Forster, cx. 1,
Arquivos Históricos – Centro de Memória - UNICAMP.

Figura 32. Mulher e Criança (1936) – Candido Portinari
Fonte: CALLADO, 1997, p. 59.

Apresentação

“Cada história é o ensejo de uma nova história, que desencadeia uma outra, que traz uma quarta, etc.; esta dinâmica ilimitada da memória é a da constituição do relato, com cada texto chamando e suscitando outros textos”¹.

A história que pretendo apresentar sobre *“Corpos e Cidades: lugares da educação”* não é apenas aquela que diz respeito aos fatos históricos ocorridos entre os anos de 1930 e 1940, priorizados neste trabalho. Tampouco me dedico a realizar descrições de acontecimentos que dizem respeito ao movimento da educação física² do período, da própria educação escolar, ou mesmo a descrição factual do governo de Getúlio Vargas, do positivismo ou do modernismo. Busco, enfim, *narrar* uma possível *história* que fale do corpo, considerando-o texto que, ao ser lido, passa a contemplar as interfaces do período.

Segundo Benjamin, a narração, ou melhor o próprio *narrador*, deve partir de uma experiência quase cotidiana com o conhecimento histórico, a qual exige certa distância e, ao mesmo tempo, aproximações tendo em vista que induz à troca de experiências com inúmeras figuras anônimas, as quais se destacam à medida que as informações se apresentam³.

Neste sentido, componho o texto a partir da história das grandes e pequenas personagens do passado, no qual o homem comum se destaca entre as “imagens eternas” de governantes e imperadores, possibilitando com que o “estado de exceção”, que diz respeito às relações cotidianas, torne-se uma possível verdade sobre a regra geral⁴.

¹ TODOROV apud BENJAMIN, 1994, p. 13.

² Como bem cita Vago, a ginástica é definida como conteúdo da disciplina que envolveria o ensino dos “exercícios físicos” no início do século XX. Então nomeada “Educação Physica”, tal disciplina seria responsável por “interferir na corporeidade das crianças a ponto de moldar novas posturas e modos de andar, endireitando o corpo das crianças”, corpos estes considerados “desajeitados, tortos e despossuídos de beleza”. Sobre o tema ver, em especial: VAGO, 1999, p.259-309.

³ BENJAMIN, 1994, p. 198-199.

⁴ BENJAMIN, 1994, p. 222–234.

Como bem cita Denise Sant'Anna, “da medicina à arte, passando pela antropologia e pela moda”, são inúmeros os caminhos e possibilidades de se realizar uma história do corpo. Tratando-se de um “bem comum” a todos, o corpo agrega o simbólico e o biológico, é extremamente familiar ao mesmo tempo em que pode se tornar estranho e desconhecido⁵.

Dessa forma, a curiosidade acerca dos corpos que viveram as décadas de 30 e 40 — século XX no Brasil - parte das nem sempre tão sutis diferenças que surgem nas relações diárias. Dessa forma, busco nos comportamentos, gestos, hábitos os sinais que marcam os corpos do passado no que tange aos investimentos e exigências de uma determinada época para que tais traços tornem-se visíveis no modo de vestir, na postura, ou mesmo no trato com a aparência física.

A Educação Física, para tanto, apresenta-se como uma forma possível de “organização” do corpo, atendendo a interesses coletivos e pessoais. Agregando o biológico, o simbólico e a pedagogia, a área - Educação Física - torna-se uma real possibilidade de se formar novos cidadãos. Falo dos jovens que, através da escola, vivenciaram a ginástica, os jogos, os esportes, ancorados pela razão, disciplina e normalização dos atos e formas do corpo.

Destacando em especial a ginástica como formadora de indivíduos disciplinados em suas vontades e gestos, discuto o corpo através do registro de sinais de um período histórico que vislumbra, no caso, um futuro próspero para a nação, associando esta prática aos valores sociais e morais do período.

Situado o estudo, restam algumas considerações a serem feitas acerca das normas e valores que regiam a vida cotidiana que, em linhas gerais, dizem respeito ao comportamento urbano, a exemplo da imposição do uniforme escolar e de hábitos de higiene. Idealizando modelos a partir da marginalização dos degenerados, tais formas de conduta sofrem intervenções em função de um “processo civilizador” almejado. A exposição do corpo à sociedade remete à análise da dualidade entre o que seria bom e mau, transferindo ao corpo do homem brasileiro traços do projeto idealizado para o organismo social.

⁵ SANT'ANNA in SOARES, 2001, p. 3-24.

Falo, para tanto, da chegada na cidade grande. Este fato fez intelectuais repensarem a realidade local. Como também fez com que os novos moradores - imigrantes estrangeiros e brasileiros vindos de regiões rurais - fossem submetidos a perder sua identidade⁶ diante das exigências do espaço. Exigências que remetiam à ordem, à saúde e à disciplina no trato com o tempo, então ritmado pela velocidade das máquinas e economia dos gestos e em sua ação nas ruas ora tão largas e retas que não mais aceitavam “passos tortos”, educados em “becos tortos”⁷.

A educação é tratada não apenas aos meios e definições que se referem à escola. O programa visual que cerca as obras públicas do progresso, tal qual os odores e sons “nunca antes percebidos”⁸, exemplificam uma experiência corpórea que passa a se conformar por novos desejos que cercam o ambiente e, mais especificamente, a rua.

As formas de argumentação sobre determinado comportamento passam a suprimir condutas: o medo, a repugnância, a vergonha, a delicadeza, a restrição externa encontram-se reproduzidos com maior ou menor intensidade no íntimo do indivíduo, gerando um autocontrole que opera através do despertar das necessidades e desejos correspondentes ao ideal difundido⁹.

O indivíduo, seu modo de ser, liga-se portanto à sua construção, ou melhor, à construção de seu corpo (aparência física) sem estar desvinculado da alma (moral e valores), passando a ser o local de articulação dos efeitos do poder ligados à referência do saber.

Refiro-me, no caso, à alma não como um “espírito”, mas como “estado de espírito” desperto por sentimentos, atos, em tempo e lugar determinados¹⁰. Em outras palavras, trato das maneiras pelas quais as ações são naturalizadas controlando e agindo sobre algo que está no corpo (alma) mas que ao mesmo tempo não está.

⁶ No caso, utilizo-me do termo identidade como forma de expressão de um conjunto de hábitos aprendidos fora dos limites urbanos, pois considero, acima de tudo, a opção de um sem número de imigrantes estrangeiros e brasileiros pelo ambiente urbano. Muitos deles migraram de regiões nas quais, até hoje, predominam os hábitos rurais, onde o tempo é o da colheita, para viverem num local regido pelo tempo dos carros e das máquinas.

⁷ Neste poema Carlos Drummond de Andrade refere-se à Belo Horizonte, cidade racionalmente construída a fim de ser transformada em um espaço imune à desordem. ANDRADE in VAGO, 1999, p. 29-31.

⁸ Referência ao poema de Brecht “Parada do velho novo” com o qual o autor apresenta a chegada do novo nas cidades, garantida pelo apoio das aclamações públicas. BRECHT, 2000, p. 217.

⁹ Sobre o tema ver em especial: ELIAS, 1994, v. I.

¹⁰ MORENO in SOARES, 2001, p. 131-144.

Enfim, tecendo a teia de relações que concentra na nacionalização e na modernização o ideal de reconstrução do país, recorro às persistências decorrentes da necessidade de uma reinterpretação crítica de nossas raízes, tanto no âmbito político quanto cultural.

O homem brasileiro torna-se alvo das buscas de jornalistas, pesquisadores, artistas, literatos, ensaístas, professores, políticos no que tange à formação de uma identidade e consciência típicas, ou seja, o corpo como alvo de uma revolução que realizaria e revelaria o Brasil.

Assim, meu encontro com estes corpos do passado ocorre no curso da pesquisa por três eixos principais, com os quais componho narrativas acerca de: “o corpo da nova pátria”; “o exercício do poder” e “o corpo em exposição”. Partindo da análise do ponto de vista de políticos, eugenistas, higienistas, literatos e pedagogos, apresento os corpos que circulavam no imaginário social, os quais permitem destacar o projeto nacional de reconstrução do Brasil gerenciado pela razão, disciplina e normalização dos indivíduos.

Buscando as linhas de pensamento de intelectuais de diferentes áreas, destaco, dentre as fontes utilizadas, os boletins de *Hygiene Mental* e *Eugenia* publicados entre os anos de 1929 e 1931. Estes documentos tinham como objetivo auxiliar a campanha pró-higiene e eugenia respectivamente, além de sanar dúvidas acerca de assuntos constantemente discutidos no período, como: educação escolar, hábitos, patriotismo, identidade nacional, controle de natalidade e regeneração do povo, ou fortalecimento da raça, dentre outros¹¹.

Filiados à “Liga de Hygiene Mental”, porém com instituto próprio, os eugenistas visavam difundir “entre os elementos cultos e (...) os elementos de cultura mediana” a propaganda dos ideais eugênicos. Buscavam, assim, despertar mais interesse pela área, disseminando a “bella doutrina do aperfeiçoamento physio-psychico da espécie humana”, a qual sugere o aprimoramento das qualidades e a redução das imperfeições humanas¹².

¹¹ Boletim de Eugenia, ano I, n. I, 1929.

¹² Boletim de Eugenia, ano I, n. I, 1929.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, o “Boletim de Hygiene Mental”, publicado pela “Liga Paulista de Hygiene Mental”, contém artigos que descrevem as formas ideais de comportamento, e aqueles contra-indicados, como também expõem métodos de avaliação das crianças, no geral classificadas como susceptíveis de instrução e insusceptíveis de instrução ¹³, promovendo parâmetros de normalidade física e mental. A coleta de dados para a conseqüente análise quantitativa dos comportamentos dava-se tanto nos Centros de Saúde distribuídos pelo estado, no caso São Paulo, como nas escolas.

Discutindo em muitos artigos a importância de se forjar os hábitos higiênicos ainda na infância, estes profissionais da área médica defendiam que professores e pedagogos deveriam, antes de tudo, ser bons higienistas, acompanhando o desenvolvimento dos alunos através da constante inspeção.

A afinidade dos interesses expressos por estas duas áreas, diretamente relacionada aos problemas sociais do país, é abordada ao mesmo tempo por literatos, pedagogos, políticos, pois se tratam de problemas considerados nacionais. Em especial, pedagogos e educadores físicos preocupam-se com o fortalecimento da nação, apresentando metodologias de ensino pautadas na formação integral do homem brasileiro. Ou seja, priorizavam meios de intervenção direta na população, educando, corrigindo e induzindo à limpeza e ao fortalecimento dos corpos, inculcando “bons” hábitos com o objetivo de transformar o Brasil em uma nação civilizada e moderna.

O consenso, aos poucos, estabelecia-se. Seria através da formação de novos cidadãos que surgiria uma nova pátria próspera e passível de desenvolvimento. No entanto, seguindo as palavras de Foucault, “(...) não é o consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo” ¹⁴. Partindo deste quadro, abro espaço para uma reflexão gerada pela confluência entre o corpo e a padronização da produção e consumo, a civilização da técnica, as indústrias, o desenvolvimento científico e tecnológico, elementos que suscitam ações sobre este mesmo corpo, tornando-o virtuoso ou vicioso.

¹³ Boletim de Hygiene Mental, n. 21, 1930.

¹⁴ FOUCAULT, 1996, p.146.

Reconheço, assim, os corpos ideais, disciplinados, devidamente higienizados, belos e saudáveis, contrapostos aos marginais, sujos, desproporcionais, tortos, propensos a doenças e vícios, representando a desordem urbana. Para tanto, a tradição e a modernidade, o velho e o novo, o particular e o universal colocam-se frente a frente, gerando a desqualificação de uns em razão do que se considerava ser o melhor para o desenvolvimento do país e sua inserção na modernidade.

Partindo dessas idéias, o segundo momento da discussão deste trabalho gira em torno do “exercício do poder” na “alma” daqueles que habitam cidades movidas pela economia industrial e desenvolvimento urbano. Em especial, chamo atenção à aceitação da ginástica como prática social que se difunde nas escolas, principalmente por serem estes os locais sintonizados com os anseios nacionalistas em sua relação direta com o mundo moderno das máquinas, ciência e desenvolvimento tecnológico.

A escola reafirma-se como o “templo de civilização”¹⁵ da população, que coloca em prática os ideais forjados para o desenvolvimento e progresso do país. Como bem cita Rocha, “escolas, ao invés de igrejas, espalhavam-se por todos os cantos da cidade” anunciando um tempo em que a razão se sobrepõe à fé¹⁶. Sob tal perspectiva, o corpo volta a ser tratado como produto da razão, disciplina e normalização das condutas.

Enfatizo, para tanto, o processo de construção destes corpos dos jovens representantes da força e do futuro. No dia-a-dia das aulas de Educação Física as observações apresentadas até este momento podem ser visualizadas na forma pela qual o cotidiano escolar absorveu a valorização da pátria.

¹⁵ Utilizo a expressão “templo de civilização” neste trabalho baseando-me nos estudos de Rosa Fátima de Souza. Considero que tal expressão define bem a idéia de que a escola, ainda nas primeiras décadas do século XX, foi eleita o local da educação, formação e instrução do povo, partindo do princípio de que a população deveria ser devidamente educada, civilizada sob os preceitos da ciência, disciplina e normalidade que passavam a reger o cotidiano. SOUZA, 1998.

¹⁶ ROCHA, 2001, p. 24.

Os documentos em arquivo de Otilia Forster¹⁷ auxiliam-me nesta busca pelo reconhecimento, em práticas escolares, dos corpos marcados pela ação da ciência no âmbito escolar. Falo de “um” cotidiano escolar voltado às aulas de Educação Física no que diz respeito à sua organização espaço-temporal, metodologia, objetivos, além de proporcionar um diálogo constante com os ideais nacionalistas de desenvolvimento e fortalecimento da nação.

Constituído por: relatórios anuais, materiais didáticos, correspondências, documentos pessoais, recortes de jornais além de 780 fotografias de aulas e demonstrações de ginástica, entre outras, tal acervo reúne as realizações de Otilia Forster nos anos de 1937 a 1945¹⁸, período no qual mantém um programa de estruturação das aulas de Educação Física em Campinas e região.

A partir da análise destes documentos, noto que havia aulas de Educação Física para todos os alunos e alguns, selecionados, iriam compor as equipes de ginástica de suas escolas. Tais equipes seriam aquelas que participariam das apresentações públicas representando suas escolas.

Assim, em “O Corpo em Exposição” mostro o resultado do trabalho com a ginástica refletindo acerca da apresentação dos grupos escolares em comemorações públicas, as quais estão vinculadas a datas cívicas, como 7 de setembro, 12 de outubro (dia da raça)¹⁹ e 15 de novembro. Os alunos eleitos para as equipes apresentam-se devidamente uniformizados, belos e saudáveis. Pais, professores, jornalistas e nomes importantes da política aclamam a juventude que se construía.

Diante da grande euforia em relação à Educação Física, a área tem seu “coroamento social” no instante em que apresenta os resultados do trabalho, expondo-se como importante mediadora do processo de construção de um biotipo relacionado à saúde e à beleza associadas aos valores morais da época. Neste quadro, torna-se perceptível a propaganda como experiência “ilusória”, capaz de generalizar expectativas, desejos e necessidades.

¹⁷ Nascida em 1912, Otilia Forster foi a primeira mulher campineira a se formar pela Escola Superior de Educação Física de São Paulo, em 1936. Dedicou sua vida ao ensino dessa matéria tendo desenvolvido metodologia baseada em “aulas modelo” com ênfase no método Francês de ginástica. Tal acervo se encontra no Centro de Memória da UNICAMP.

¹⁸ Os documentos existentes no acervo histórico de Otilia Forster correspondem ao período de 1937 a 1945, os quais dizem respeito ao desenvolvimento das aulas de Educação Física, contemporâneo ao Estado Novo.

¹⁹ LOYOLA apud GOELLNER, 1992, p. 148-149.

Os desfiles, como também as fotografias, conduzem o olhar e contemplam desde a descrição do ideal de cidadão às palavras ordenadas pela visão política, social ou médica, expostas nas comemorações públicas, potencializadas para a concretização do “real” visualizado nas fotografias. Capazes de fixar o instante e congelá-lo, as fotografias foram usadas como importante instrumento na articulação da palavra com a imagem²⁰.

O registro do trabalho desenvolvido por Otilia Forster junto à Delegacia Regional de Ensino de Campinas apresenta-se tanto por imagens quanto por palavras descritas em forma de relatórios anuais. Aulas e comemorações foram fotografadas com o objetivo explícito de garantir a imagem da realidade delineada.

As imagens que apresento permeiam o texto, desde o início, pois considero que estas são capazes de contar histórias diversas, levando-nos até mesmo a outras imagens, não necessariamente fotográficas. No caso deste estudo, as imagens das pinturas de Tarsila do Amaral e Candido Portinari são aquelas que me permitiram a aproximação e entendimento da diversidade de corpos presentes no período.

Aproprio-me das imagens pensando, mais uma vez, na memória. Nos documentos pertencentes ao Acervo Otilia Forster e na pintura modernista, parto do princípio de que as imagens revelam corpos, como também os espaços aos quais pertencem, pois homens, mulheres e crianças passam a confundir-se com o próprio espaço em que se encontram. Os traços que delineiam casas, salas de aula, praças, bairros pobres criam um contorno ao redor destes corpos que, de acordo com o ponto de vista dos modernistas, exprimem ainda o resultado do desejo de busca pelas raízes da nacionalidade, destacando gestos e hábitos de regiões diversas do Brasil²¹.

Ora disciplinados, ordenados, ora em meio à sujeira de suas moradias insalubres, os corpos tornam-se, dessa forma, a matéria viva daquela nova realidade nacional que se configurava, impondo um único modo de vida a ser seguido, gerando o abandono e o esquecimento das práticas e significações consideradas retrógradas, sugerindo, ainda, uma determinada identidade nacional.

²⁰ Gostaria de destacar o fato de que as fotografias presentes na tese de doutorado de Heloísa Rocha auxiliaram meu encontro com estes corpos dos homens comuns idealizados a partir das suas condições de vida. ROCHA, 2001.

²¹ SEVCENKO, 1992, p. 299.

Noto, com isso, que “(...) Em toda parte viam-se túmulos vazios, enquanto o Novo movia-se em direção à capital”²², aos centros urbanos, padronizando comportamentos, desqualificando gestos, marginalizando aqueles que se apresentavam não condizentes à disciplina e à normalização preestabelecidas pela razão científica.

Assim, meu objetivo concentra-se em destacar o papel da Educação Física como mediadora do processo de construção de um biotipo relacionado à saúde e à beleza nos anos 30 e 40 - século XX - vinculando a atividade física aos ideais de ordem e progresso.

Situando a ginástica como formadora de indivíduos disciplinados em suas vontades e gestos, aliando pesquisa bibliográfica e documental, discuto o corpo em sua exposição à sociedade, considerando-o lugar de registro das marcas de um tempo que vislumbra, no caso, um futuro próspero para a nação, associando esta prática aos valores sociais e morais da época descrita.

²² BRECHT, 2000, p. 217.

Capítulo Um

O Corpo Da/Na Nova Pátria

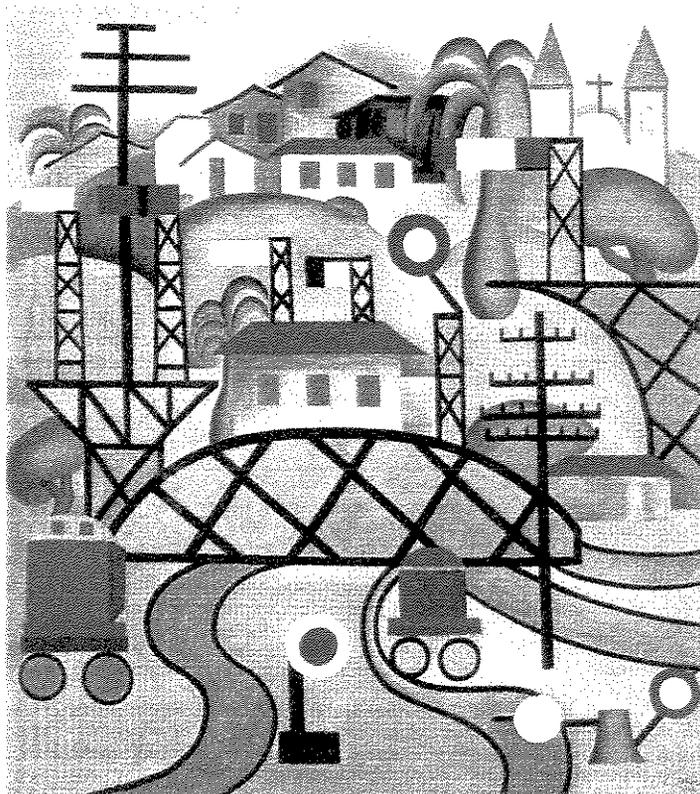


Figura 1: E.F.C.B. (1924) - Tarsila do Amaral

Raramente seu olhar fixava-se em algo, no entanto, da janela de seu quarto Otilia Forster contempla, curiosa, a rua...

A casa, referência da infância e adolescência, localiza-se na esquina da rua Duque de Caxias com a avenida Francisco Glicério, em Campinas. Hoje esta casa se encontra como um monumento modificado pelo tempo. Sua janela ainda está lá... a janela que permitiu seu primeiro "contato" com a rua, com o "footing" de suas amigas e que, ao mesmo tempo, distanciou-a desta mesma rua.

Como observadora Otilia Forster se manteve por muitos anos até, finalmente, entrar em cena como precursora da "Nova Educação Física" na cidade¹.

¹ Este texto foi por mim composto a partir das informações contidas na entrevista cedida por Otilia Forster ao LAHO (Laboratório de História Oral – UNICAMP) datada de 1996.

1.1 - Cidades e Corpos

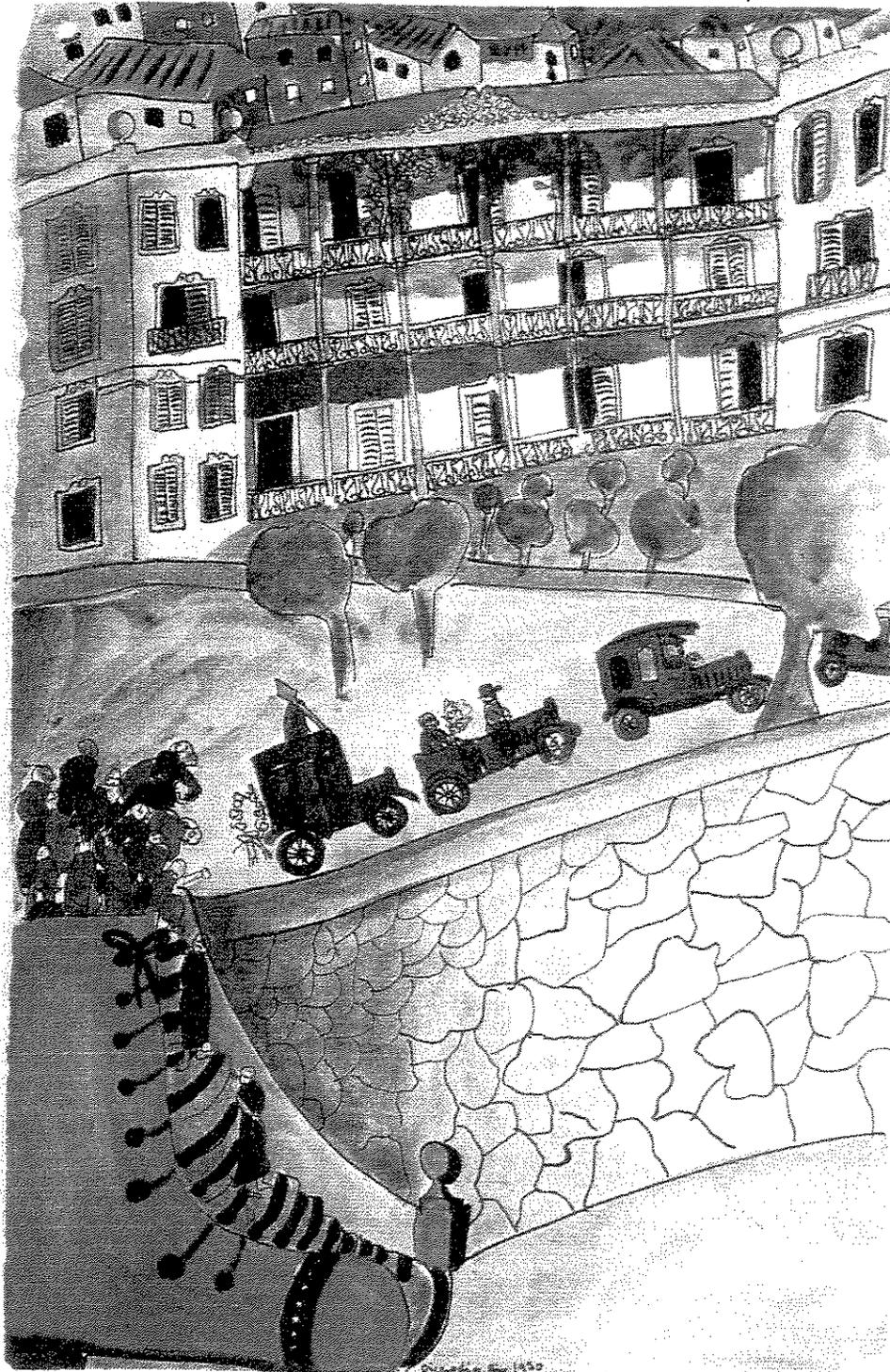


Figura 2: Cortejo (1930) – Cícero Dias

“(...) minha memória contém dirigíveis que voam em todas as direções à altura das janelas”².

“(...) Estou sentindo uma coisa: falta de memória em minhas memórias. Amigos telefonam retificando detalhes. Sem querer mentimos depois dos 50 anos. A perda da memória transforma em verdade a nossa imaginação”³.

Entre o esquecer e o lembrar, despertados por diferentes meios como a arquitetura, a pintura, a escultura... as informações, sedimentos acumulados, sugerem diferentes histórias, expondo-se como forma “ilegítima” de se contar fatos do passado, pois não se encontram pautadas em documentos, mas ligadas a uma forma particular de ver e sentir. Seguindo tal pensamento, logo entendo que não há uma verdade sobre a realidade, pois são várias as histórias e as interpretações possíveis. Penso também que talvez seja apropriada a impossibilidade de recuperarmos por completo o que foi esquecido, pois o choque da lembrança com a realidade tornaria incompreensível a saudade⁴.

“Tal como sucede na linguagem, onde todas as épocas, com as suas controvérsias, deixaram sedimentos acumulados”⁵, a memória utiliza-se de artifícios para manter-se viva. No caso falo de lembranças de um tempo que, apesar de recente, é traído pelas imagens do presente dialogando com o passado. O período refere-se ao Estado Novo (1937-1945), expresso em atos, hábitos, comportamentos, gestos e palavras.

² CALVINO, 2001, p. 23.

³ ANDRADE, C. D., 1987, p. 123.

⁴ BENJAMIN, 1995, p. 104.

⁵ BERNARDO in ALMEIDA, 1999, p. XV.

Otília Forster, professora de Educação Física de 1937 a 1964 em Campinas e região, participa deste estudo não como personagem central, mas como aquela que concede suas lembranças, revelando uma perspectiva particular sobre o período. De sua janela indica a direção do olhar, colocando-me diante de uma época caracterizada pelos resultados de um processo de ruptura no qual as tensões surgiam com uma particular significação: a redefinição de um padrão cultural e político que tornasse viável, e visível, a formação de uma sociedade devidamente organizada pelas premissas dos “*tempos modernos*”⁶.

Desta mesma janela, aproprio-me do olhar e das palavras de Otília Forster a partir do que hoje entendo ser o motivo deste estudo sobre Educação Física, corpo e sociedade. Busco, assim, entender este período, disperso em anos de história, pensando na *pele*⁷ que se destaca em meio às novas construções.

Ao ouvir as histórias de Otília Forster, revê-las, deparo-me com testemunhas desta mesma época e, dentre elas, a cidade, espaço no qual me perdi com a consciência da desorientação de quem procura conhecimento⁸. Em outras palavras, opto por ler Campinas a partir de seu avesso, buscando uma cidade dos sonhos e dos desejos, por vezes mentirosa, pois apenas é capaz de ser entendida ao se considerar a memória como fio condutor da narrativa. Uma cidade que se localiza, simultaneamente, no presente, passado e futuro, acessível em cada espaço devidamente estudado para que sua paisagem sirva de palco para as novas construções, apresentações, desfiles públicos, enfim, de espetáculos em nome da modernidade, ordenando um cenário que revela o amor à arte de ensinar seus habitantes⁹.

A *urbe* delimita o espaço que passa a ser conhecido por todos. Campinas, em seu avesso, revela necessidades e desejos comuns aos demais centros urbanos do período, tendo como parâmetro São Paulo. Entre as cidades o diálogo estabelece-se pelo fato de tornarem-se, ao mesmo tempo, símbolo e cenário do ideal de progresso e modernidade.

⁶ Alusão ao filme de Charles Chaplin, *Tempos Modernos*, 1936.

⁷ CANETTI, 1995, p. 83.

⁸ BENJAMIN, 1995, p. 73

⁹ O amor à arte é citado inúmeras vezes por Otília Forster durante a entrevista datada de 1994 (LAHO), que se refere constantemente à sua paixão ao magistério. Não é intenção deste trabalho realizar uma análise das entrevistas em separado, pois abordam temas complementares, os quais suprem algumas dúvidas que surgiram no desenvolvimento desta pesquisa. A primeira (1994) refere-se aos estudos da alocação de famílias alemãs no Brasil (consumo cultural, trabalho, educação e lazer) e a segunda ocupa-se com temas voltados à educação e formação de professores. Otília Forster - Entrevista, Laboratório de História Oral – UNICAMP, 1994 e 1996.

A cidade, enfim, não fala sobre seu passado. Ela o contém “como as linhas das mãos”. Cada segmento é marcado por “arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras”. As marcas repetem-se para fazer dela um local inesquecível sem, no entanto, demonstrar particular beleza ou raridade. “A cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente”¹⁰, apresenta as mesmas peças, os mesmos elementos que, ao serem recombinaados, revelam-se como variação do mesmo modelo¹¹.

Cendrars¹², poeta apaixonado pelo Brasil, exprime esta idéia de permanência dos modelos ao citar São Paulo como uma cidade admiravelmente moderna:

“São Paulo
Enfim eis as fábricas um arrabalde um bondinho elegante
Condutores elétricos
Uma rua lotada que vai fazer suas compras da tarde
Um gasômetro
Enfim se chega na estação
Saint-Paul
Eu me imagino na estação de Nice
Ou desembarcando no Charling-Cross em Londres
Eu encontro todos meus amigos
Bom dia
Eis-me aqui”¹³

Cendrars descreve São Paulo pensando no momento de sua chegada à capital paulista, pela Estação da Luz, no ano de 1924. Seguindo as impressões do poeta, a modernidade concretiza-se nas diferentes metrópoles mundiais, partilhando as ruas lotadas de gente, a estação, os amigos..., as mesmas peças que permitem o reconhecimento, a presença de aspectos comuns às demais cidades do período¹⁴.

¹⁰ CALVINO, 2001, p.19.

¹¹ A colocação parte da obra *As cidades: a cidade de Gomes*, a qual apresenta uma análise particular sobre as idéias de Calvino expostas em *As cidades invisíveis*. GOMES, 1996, p.15.

¹² Blaise Cendrars, poeta suíço conhecido como um dos criadores da poesia cubista, viaja pelo Brasil na companhia de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarcila do Amaral e Paulo Prado, dentre outros. SEVCENKO, 1992, p. 288-295.

¹³ Poema intitulado “Au coeur du monde”. CENDRARS apud SEVCENKO, 1992, p.288.

¹⁴ CALVINO, 2001, p. 81.

No Brasil o poeta entrega-se à contemplação sem se esquecer das cidades que conheceu em diversas viagens que fez pelo mundo: Nova York, Califórnia, Paris, Londres. Visita desde cidades históricas mineiras até capitais, como São Paulo e Rio de Janeiro. Admira a Serra do Mar, ridiculariza a ostentação daqueles que possuíam automóveis, aprecia o convívio entre o velho e o novo em um mesmo espaço, não deixando de lado elementos como a exploração, a esperança e a ansiedade das pessoas¹⁵. No poema “Saint-Paul” Cendrars declara:

“Eu adoro esta cidade
São Paulo é como o meu coração
Aqui nenhuma tradição
Nenhum preconceito
Nem antigo nem moderno
Só contam esse apetite furioso essa confiança absoluta
esse otimismo essa audácia esse trabalho esse esforço
essa especulação que faz construir dez casas por hora
de todos os estilos ridículos grotescos belos grandes e pequenos
norte sul egípcio yankee cubista
Sem outra preocupação que a de seguir as estatísticas
prever o futuro o conforto a utilidade a mais-valia e
atrair uma enorme imigração
Todos os países
Todos os povos
Eu amo isso
As duas três velhas casas portuguesas que restam
são faianças azuis”¹⁶.

¹⁵ SEVCENKO, 1992, p. 292.

¹⁶ Poema “Saint-Paul”. CENDRARS apud SEVCENKO, 1992, p. 293.

O ambiente externo confunde-se ao “mundo interno” de cada cidadão na obra dos modernistas. As angústias e incertezas diante de um mundo em crise, marcado em especial pelas duas grandes guerras da metade do século XX, como também as marcas deixadas pelo progresso, tornam-se uma constante nos escritos desses autores¹⁷.

São Paulo foi considerada “uma audaciosa obra de arte modernista em si mesma, com suas contradições intrínsecas, sua coleção de ambições delirantes e seu desprezo pela história passada e futura”¹⁸. Neste poema - “Saint-Paul” - Cendrars fala de amor, como também revela a contradição expressa na estranha irregularidade das cidades, levando ao limite a idéia de ser a *urbe* um campo de provas, ou um imenso laboratório urbano, no qual a modernidade poderia se redimir das intempéries de guerra, justificando-se como forma aglutinadora e emancipatória¹⁹.

Obcecado pela modernidade, sentia-se atraído por todas as manifestações extremas do chamado *fenômeno moderno*, ou seja: “a monocultura moderna, as mulheres e homens simples, os imigrantes angustiados num limite, o círculo estreito de onde saíam as decisões fixando o destino de milhões de outros seres humanos”²⁰.



Figura 3: Operários (1933) – Tarsila do Amaral

¹⁷ BRADBURRY, 1989, p. 19-37.

¹⁸ SEVCENKO, 1992, p. 294.

¹⁹ SEVCENKO, 1992, p. 294.

²⁰ SEVCENKO, 1992, p. 290.

Em especial, revendo as idéias difundidas por Cendrars e a imagem de Tarsila do Amaral, recordo o grande número de pessoas reunidas nos centros urbanos, onde se destacam rostos fascinados que, superpostos, apresentam-se curiosamente homogêneos²¹.

“Nada foi anunciado; nada é aguardado. De repente o local preteja gente. As pessoas afluem, provindas de todos os lados, e é como se as ruas tivessem uma única direção. (...) o movimento de uns – pode-se pensar – comunica-se aos outros; mas não é só isso: as pessoas têm uma meta. E ela está lá antes mesmo que se encontrem palavras para descrevê-la: a meta é o ponto mais negro – o local onde a maioria encontra-se reunida”²².

A maior densidade localizava-se na região central da cidade, local este que anunciava toda a pompa e grandeza do novo. Prédios, indústrias, novas vias de circulação, instalação de serviços de utilidade pública, crescimento populacional alteravam a paisagem dos bairros.

Nas ruas e avenidas, “tão largas e tão retas”²³, um grande número de pessoas surgia em meio a luxuosos cafés, estabelecimentos comerciais atraentes, prósperas indústrias. Neste contexto, a palavra “moderno” passa a fazer parte do cotidiano como algo “mágico”, captando e mobilizando aspirações a um novo mundo, dinâmico, responsáveis por solidificar a idéia de uma vida melhor²⁴.

À margem da civilização, corpos franzinos encontram-se em meio à sujeira, crimes, vícios, que compõem a moradia da população pobre. As periferias, por fim, eram caracterizadas pela presença do passado. As ruas sinuosas, estreitas e deselegantes, a pobreza e a doença representavam a outra face do progresso, a qual deveria ser esquecida.

²¹ CANETTI, 1995, p. 27.

²² CANETTI, 1995, p. 14.

²³ ANDRADE, C.D., 1992.

²⁴ SEVCENKO, 1992, p. 288.



Figura 4: Retirantes (1944) – Candido Portinari

Ao revelar a dissonância das vozes, a *urbe* torna-se um espaço “paradoxal”. O lugar da beleza e, conseqüentemente, o não-lugar²⁵ dos corpos marginais, tortos, franzinos. Símbolo da modernidade, a cidade impõe novas práticas, elege uns e desqualifica outros a favor da normalidade e da razão geométrica. Os personagens anônimos passam então a confundir-se com o próprio traçado das ruas e movimento das máquinas.

O novo, de acordo com as premissas estabelecidas pelo Estado Novo, expressa nas ruas sua forma ideal, prioriza a saúde e o bem-estar da população e concretiza em diferentes locais – corpo e espaço urbano – o modo de ser e de estar modernos. Os espaços públicos revelam um catolicismo oculto, então disperso pela razão científica do período²⁶. No corpo de seus habitantes, a marca deste tempo expõe-se na sutileza dos gestos, na postura ereta, na marcha ritmada pelos cantos que falam da força e ordem necessárias a um Brasil moderno e próspero. Um corpo que um dia representou a degeneração por revelar a mestiçagem da raça regenera-se, sob os parâmetros da ordem natural expressa pelo manifesto nacionalista.

Esta “atmosfera de ruptura”, polarizando o belo e o feio, forte e fraco, luxo e lixo, novo e velho, advém das inovações tecnológicas, do automóvel, do telefone, da difusão dos processos industriais, dentre outros, contribuiu com a “crise da certeza, da desagregação da palavra e imagem”²⁷, impondo aos moradores ambientes novos, como também a complexidade e a tensão da vida metropolitana moderna. O espaço urbano representava o futuro, a promessa de uma vida melhor, convivía com o passado. Com o conseqüente desenquadramento, ou fragmentação, de elementos espaciais e/ou temporais, os modernistas apresentavam em suas obras o caos dos fatos cotidianos com o objetivo de libertar a imaginação do cientificismo do mundo moderno.

²⁵ O “não-lugar”, pelas palavras de Andrea Moreno, diz respeito não à um lugar que nunca existiu, e sim a práticas, gestos, formas de existir que não encontraram seu lugar. Ver, em especial, MORENO in SOARES, 2001, p. 131-144.

²⁶ Sobre o tema ver, em especial, ROCHA, 2001, p. 24.

²⁷ BRADBURY, 1989, p. 24.

Dessa forma, expressando através da arte situações particulares diversas, o movimento modernista revela um novo que se encontra além das obras materiais do progresso, inaugurando no Brasil o que Mário de Andrade chama de “estado de espírito nacional”²⁸. Apresentando este “estado de espírito” gerado pela vida metropolitana, no caso São Paulo, o autor descreve suas impressões que se completam pela necessidade e desejo do novo que se instala entre os cidadãos. Os modernistas buscavam, a todo o momento, as novas formas desse progresso e, com elas, refletir acerca da realidade que se configurava²⁹.



Figura 5: Menino do Tabuleiro (1937) – Candido Portinari

²⁸ ANDRADE, M., 1960, p. 231.

²⁹ BRADBURY, 1999, p. 76.

Trata-se de uma perspectiva singular que se constrói pelos traços de Candido Portinari, Tarsila do Amaral, Mário de Andrade e Carlos Drummond, redescobrimo o Brasil através da figura da negra, do homem da cidade, do campo, das crianças, em sua deformação diante do rigor geométrico da ordem e disciplina que se instalava com o progresso.

O poema “Ruas” de Carlos Drummond de Andrade expõe este viver na cidade grande, moderna, apresentando o corpo moderno como aquele que *nasce de novo*. O poeta utiliza-se da união do abstrato às imagens concretas para exprimir “a tensão entre racionalidade geométrica e emaranhado das existências humanas (...) numa tentativa de apreender a totalização da cidade”³⁰. O corpo de homens, mulheres, crianças, é lembrado como aquele que sente um certo desconforto diante do limite, contempla, assusta-se e, finalmente, habitua-se à nova realidade.

“Nascer: findou o sono das entranhas.

Surge o concreto,

a dor das formas repartidas.

Tão doce era viver

sem alma no regaço

do corpo maternal, sombrio e cálido.

Agora,

na revelação frontal do dia,

a consciência do limite,

o nervo exposto dos problemas.

(...)

A minha festa,

o meu nascer pareja a cada instante

em cada gesto meu que se reduz

a ser retrato,

espelho,

semelhança

de gesto alheio aberto em rosa”³¹.

³⁰ GOMES, 1994, p. 28.

³¹ ANDRADE, C. D., 1992, p. 140.

No geral, tais obras apresentam ao leitor personagens ambíguos que a todo o momento encontram-se em conflito, angustiados com o novo ambiente imposto. Um ideal novo que se traduz pela produção de novas necessidades, “intensificando os desejos de cada um sobre seu próprio corpo”³².

Por muitos anos, em especial nas três primeiras décadas do século XX, parte desses intelectuais e escritores manteve-se longe da cidade. Era o sonho de escapar de seus vícios, de sua imediatividade, velocidade e de “seu próprio modelo de homem”. No entanto, os mesmos intelectuais que repudiavam o espaço urbano sentiam-se atraídos por ele. Estes iam constantemente às cidades em busca de realização (de seus dotes artísticos) e informações (sobre artes e história moderna)³³.

O artista, sem dar-se conta, participa do “espírito da cidade moderna”³⁴, embebedando-se dele e, por fim, mantendo a arte modernista numa relação especial com a *urbe*. A atração e a repulsão exercidas pelo espaço urbano resultaram em posturas e obras nas quais a cidade aparece não mais como lugar físico, mas como metáfora, tornando-a o ambiente da consciência pessoal e das impressões fugidias³⁵. Assumindo tal postura crítica em suas obras, os modernistas tornaram-se um grupo sem classe social, pois não se limitavam a discuti-la. Abertos à novidade, invocavam a cidade transformando-a em cultura e caos através de temas que falam de desligamento e perda, do homem urbano angustiado e do império da civilização³⁶.

Citando a cidade, tais intelectuais revelam características do espaço que passam a se confundir com os próprios corpos de seus moradores. A arquitetura moderna sugeria os limites e, com eles, propunha a formação do novo homem que se fortaleceria a cada gesto, a cada passo devidamente estudado e educado pela “vastidão simétrica, implacável”³⁷ de ruas largas e retas.

³² FOUCAULT, 2000, p. 147.

³³ BRADBURRY, 1999. Ver, em especial, p.76-82.

³⁴ BRADBURRY, 1999, p. 77.

³⁵ BRADBURRY, 1999, p. 79.

³⁶ BRADBURRY, 1999, p. 80.

³⁷ ANDRADE, C. D, 1992, p. 140.

Este homem é o mesmo que passa a viver nos centros urbanos. Seu corpo submete-se à ordem do concreto, do esquadramento e da retidão corporais que representariam o Brasil próspero. Alertam para o fato de que o progresso traz com ele inovações como também a dor das formas repartidas, a pobreza, a sujeira, os vícios e um passado que deveria ser esquecido. O mesmo passado inscrito nas ruas repletas de construções antigas, nos gestos e comportamentos do homem brasileiro.

Relendo o passado, inscrito nas obras públicas do progresso, como também nos gestos e comportamentos do homem brasileiro, médicos, literatos, políticos e pesquisadores intervêm nesta realidade sócio-histórica, buscando novos caminhos e horizontes que apontassem para um presente e futuro alinhados com a modernidade. Enfim, uma verdadeira “revolução dos costumes”³⁸ e formas advinda da necessidade de tornar o Brasil um país civilizado.



Figura 6: Estímulo à industrialização

³⁸ A expressão “revolução dos costumes” provém do depoimento de Jorge Rangel, inspetor escolar em Juiz de Fora (MG) – 1907, iniciando a discussão presente na tese “Cultura Escolar, Cultivo de Corpos”, de Tarcísio Mauro Vago, sobre “(...) um movimento de afirmação de uma nova cultura escolar, nas primeiras décadas do século XX” em Minas Gerais. VAGO, 1999, p. 14.

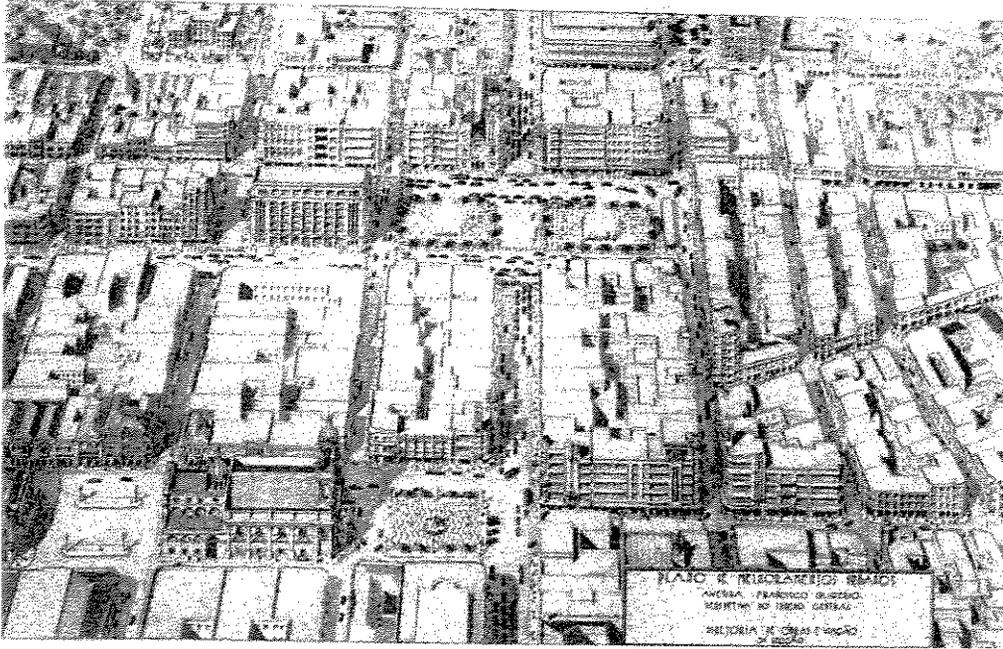


Figura 7: Avenida Francisco Glicério – Largo do Rosário (Campinas-SP).

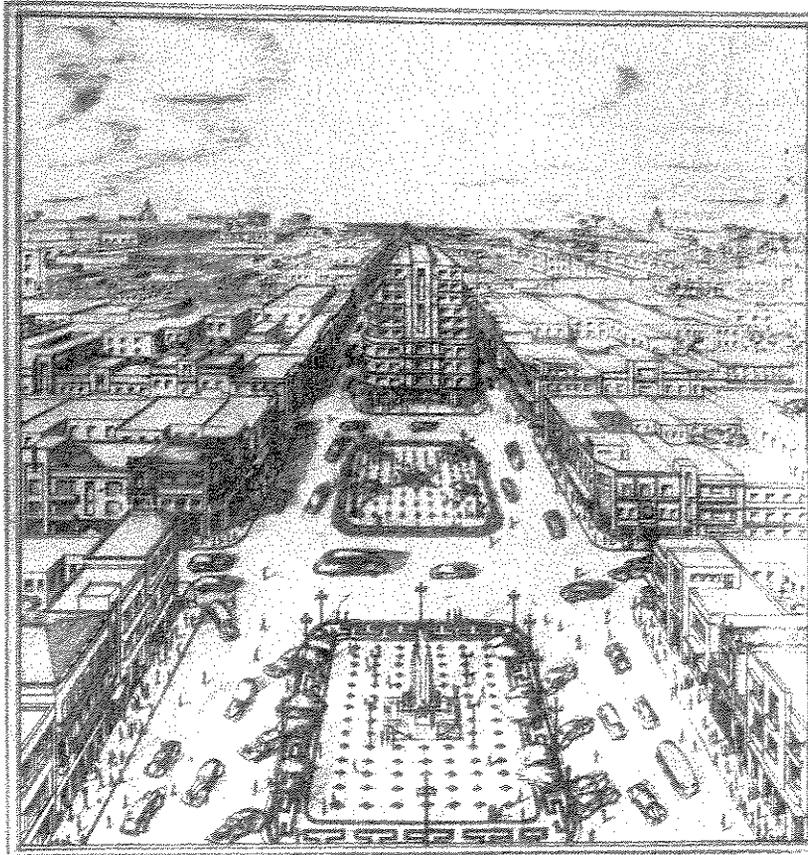


Figura 8: Edifício do Fórum de Campinas-SP, com base em Esboço de Prestes Maia (1937).

De São Paulo encontro Campinas, cidade que participa da reforma nacional voltada à modernização dos espaços e dos corpos daqueles que nela habitavam. Os sentidos da modernidade revelam-se nas construções, nas ruas, nas escolas, como também na iniciativa da prefeitura em apoiar o *Plano de Urbanismo* de Campinas³⁹, plano que apresenta em suas primeiras plantas e estudos o formato da cidade ideal.

Desmontando Campinas, peça por peça, surgem os monumentos, como também surge o desejo por um futuro melhor, revelando o caráter técnico ou científico dos projetos voltados à estruturação moral e física da cidade. O início das alterações do espaço, oficialmente aprovado pelas autoridades locais, data de 1934 com o Plano de Melhoramentos Urbanos de Campinas, ano em que o engenheiro arquiteto Francisco Prestes Maia é contratado para conduzir o desenvolvimento dos trabalhos e propiciar a formulação de propostas que envolvessem o reordenamento do espaço urbano e orientassem, “(...) segundo os modernos conceitos urbanísticos, os novos rumos do crescimento da cidade”⁴⁰.

Tal plano deveria ser cumprido para contemplar “um período de tempo dilatado” definido entre 20 e 50 anos, prevendo que, nesse período, a população atingiria cerca de 280.000 habitantes. Com a extensão do plano para, em média, 30 anos, seriam abertos espaços para propostas passíveis de serem executadas gradualmente, contemplando revisões periódicas, mantendo a cidade em constante crescimento desde então⁴¹.

³⁹ *Plano de Urbanismo* é o primeiro nome dado à iniciativa de engenheiros arquitetos de transformar Campinas numa cidade moderna. Posteriormente passa a chamar *Plano de Melhoramentos Urbanos de Campinas*, pois a denominação anterior foi considerada muito abrangente. Tal planejamento será discutido ao longo deste estudo através do trabalho de BADARÓ, o qual traz o detalhamento deste plano por documentos que exprimem pormenores dos motivos pelos quais houve interesse em reordenar Campinas nos anos 30 – século XX. BADARÓ, 1996.

⁴⁰ BADARÓ, 1996, p. 14.

⁴¹ BADARÓ, 1996, p.50. Sobre a conclusão do plano ver, em especial, p. 152.

A responsabilidade sobre o Plano de Melhoramentos Urbanos de Campinas contava com intervenções de personagens importantes como Anhaia Melo. Este professor de urbanismo da Escola Politécnica de São Paulo visitou a cidade com o objetivo de apresentar propostas de honorários, entregando posteriormente um relatório no qual teceu considerações gerais sobre o urbanismo e sobre a elaboração de um *Master Plan* para Campinas. Além deste, os representantes paulistas Lúcio Costa e Prestes Maia convidam o engenheiro arquiteto Eduardo Edargê Badaró, recém-formado pela Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, para assumir a chefia da Seção de Arquitetura e Urbanismo criada pela prefeitura com o fim de responder pelo planejamento da cidade⁴².

Buscando uma cidade “melhor”, Campinas investe em nomes importantes ligados aos estudos de urbanismo. Seguindo os passos de São Paulo, estes profissionais consideravam que não se poderia comparar os recursos desta cidade com as “modestas” posses dos campineiros. No entanto, acreditavam que obras e projetos realizados em grande escala na cidade de São Paulo poderiam tornar-se realidade numa cidade como Campinas⁴³.

Assim, pelas ruas de Campinas é possível encontrar espaços que se identificam com os grandes centros metropolitanos. De São Paulo e Rio de Janeiro vieram os traços que iriam redesenhar a cidade. Também destas capitais chegaram os principais nomes envolvidos com o (re)planejamento urbano de Campinas, unindo conhecimentos e esforços visando transformá-la *novamente em cidade grande*⁴⁴.

Destaco este acontecimento pois, desde fins do século XIX, Campinas despontava como importante pólo regional, especialmente pela proximidade a São Paulo e por apresentar um “magnífico entroncamento ferro-rodoviário, estando portanto apta a oferecer uma alternativa válida para a instalação de novas indústrias”⁴⁵. No entanto, a história tem como marco a epidemia de febre amarela (1889-1897), que reduziu em grande medida a população local: de 20.000 para 5.000 habitantes, minando as perspectivas de desenvolvimento econômico e urbano.

⁴² BADARÓ, 1996, p. 14.

⁴³ STEVENSON, 1933, p. 8.

⁴⁴ STEVENSON, 1933, p. 40.

⁴⁵ BADARÓ, 1996, p. 57.

Tal fato, marcado na memória da população e das autoridades locais, colabora para que nos anos 30 – século XX – a cidade tenha como objetivo inerente à projeção dos espaços a preocupação com a saúde e bem-estar da população, compondo um programa que priorizava fazer da cidade a mais salubre e limpa do país. Assim, o binômio saneamento/higiene complementou *naturalmente* o plano urbanístico à medida que o crescimento populacional e urbano se intensificou. Em 1900, a cidade registrara 19.000 habitantes, tendo este número triplicado no ano de 1930 (65.000 habitantes)⁴⁶. Nesta perspectiva, “As estreitas ruas centrais com suas edificações do século passado representavam então a antítese do progresso”⁴⁷.

Buscava-se contemplar todos os aspectos do município e da região, cujas condições e possibilidades determinariam o desenvolvimento da cidade. No entanto, para Prestes Maia um plano de urbanismo estava longe de resumir-se a um plano de ruas, pois todos os fatos - aspectos urbanos e municipais - deveriam estar entrelaçados. O plano, para tanto, apresentava como obrigação enquadrar-se num projeto, embora muito sumário, regional⁴⁸. Deveria apresentar propostas a fim de que os defeitos da cidade fossem corrigidos, preparando-a para o progresso futuro, “dentro das normas de beleza, estética e bem-estar da população”⁴⁹.

Aproveitando a antiga trama de estradas e ruas, os bairros operários foram sendo reconstruídos e afastados do centro, ocupando áreas próximas às indústrias, compondo, assim, a nova periferia. O centro histórico da cidade recebeu tratamento próprio, sendo redesenhado com grande preocupação estética e cívica, principais parâmetros a justificar o alargamento das ruas, como também a padronização das edificações particulares e disposições dos edifícios públicos. Aos segmentos de maior renda eram destinados os jardins.⁵⁰

⁴⁶ BADARÓ, 1996, p. 35.

⁴⁷ A epidemia foi tratada pelos campineiros da época como ofensa à cidade considerada capital agrícola do estado, sobretudo no período cafeeiro e, ainda, designada como capital intelectual de São Paulo. BADARÓ, 1996, p. 38.

⁴⁸ BADARÓ, 1996, p. 50.

⁴⁹ Parecer da Câmara Municipal de Campinas, transcrito por BADARÓ, de acordo com os considerandos do ato nº118 de 23/04/1938. BADARÓ, 1996, p. 52.

⁵⁰ BADARÓ, 1996, p. 58.

Não se trata de construções que definam um estilo arquitetônico próprio do Estado Novo, pois, a exemplo de Campinas, muitas das construções que datam de outras épocas permaneceram intactas. O interessante, no caso, é pensar nas diversas apropriações realizadas pelos valores oficiais da época⁵¹, ou seja, nos parâmetros oficiais, pautados de acordo com os princípios modernos, na razão científica e na estatística, responsáveis por informar como as cidades deveriam ser reorganizadas e estruturadas para acolher a chegada das indústrias e de um grande número de pessoas.

Seguindo tais pressupostos, o urbanismo tinha como princípio manter-se como “a ciência e a arte de traçar ruas” e habitantes, pois se considerava que “(...) a cidade civiliza o homem, dá-lhe polidez e linha que ninguém consegue conquistar nos limitados círculos do interior, na vida rústica da roça”⁵².

Nas mãos do urbanista, com projetos correlacionados a outras áreas do conhecimento, estariam os encargos de formar “uma sociedade mais adiantada, como reflexo de escalão de vida mais elevado, de melhores condições de instalação, de bem estar, gozo e conforto que êle pode e deve proporcionar”⁵³.

Ao urbanista destinava-se o passado, o presente e o futuro da cidade, resolver os problemas imediatos e “preparar as cidades de hoje para um tão dilatado amanhã”, articulando o conjunto de elementos que melhor correspondessem às condições de circulação e higiene, como também ao conforto e às facilidades de acesso ao trabalho e recreio de seus habitantes⁵⁴.

⁵¹ Magali Alonso Lima aborda em “Formas arquiteturais do Estado Novo (1937-1945): suas implicações na plástica de corpos e espíritos” a difusão de centros esportivos durante o período. Considera ainda que as práticas corporais (ginástica, esportes) ganharam locais específicos de trabalho. No entanto, procuro dissolver esta educação em centros próprios, como clubes e escolas, para as sutis transformações diárias advindas com o progresso. Diante disso, a nova arquitetura, mesmo não sendo um estilo arquitetônico característico do Estado Novo, guarda consigo elementos importantes para o presente estudo. LIMA, 1979, p. 3.

⁵² O engenheiro dr. Stevenson, em 1933, era membro do Conselho Consultivo da cidade de Campinas. Suas palavras procuravam mobilizar a opinião pública, evidenciando a necessidade de se elaborar um plano de urbanismo para a cidade. STEVENSON, 1933, p. 6.

⁵³ STEVENSON, 1933, p. 6.

⁵⁴ STEVENSON, 1933, p. 8.

“E todos nós, campineiros natos e de adoção, queremos ver esboçado o plano de uma nova cidade, a Campinas de Amanhã, que possa abrir aos visitantes os solares da hospitalidade, pelas portas largas de bem traçadas avenidas, cheias de ar, de luz, de elegantes prédios e bons edifícios públicos”⁵⁵.

Este retrato expõe o desejo pela conquista da sociedade ideal, racional e geometricamente organizada. O caráter científico e técnico do plano tem nas estatísticas e investigações importantes auxiliares, no qual não há espaço para sentimentos ou palpites. “Importantes para a exata definição e equacionamento dos problemas urbanos e de especial utilidade para comparações futuras”⁵⁶, pois a ciência minimiza o engano, a falta, calcula o perigo afastando-o da população, garantindo segurança a todo passo que deveria, a partir de então, ser devidamente estudado.

Prestes Maia estava ciente de que apenas seria viável a concretização do plano se houvesse apoio popular, que, em outras palavras, significa a assimilação e a incorporação dos ideais cívicos e morais pelos habitantes da cidade, visando à conseqüente purificação das ruas, a saúde e o bem-estar da população. A partir destas palavras, chamo a atenção para o fato de que a educação não se dá apenas na escola, mesmo sendo esta uma importante instituição social. O programa visual que define as obras públicas do progresso exemplifica uma experiência corpórea que passa a se conformar por novos desejos que cercam o ambiente.

Nos espaços redesenhados, ocupados por um grande número de pessoas, pode-se notar o alinhamento e o direcionamento dos corpos. Expressa-se a idéia de modernidade tanto na intenção de se implementar o espaço urbano-industrial, como também pelo desejo e necessidade de readaptar seus habitantes às necessidades de uma cidade industrial, torná-los elegantes e bons tais quais os prédios.

Compondo uma nova linguagem urbana, os corpos seriam reconhecidos ora por serem virtuosos, ora viciosos, pois estes continham os traços da saúde ou doença, limpeza ou sujeira, facilmente reconhecíveis pelo modo de se vestir ou de comportar-se.

⁵⁵ STEVENSON, 1933, p. 10.

⁵⁶ BADARÓ, 1996, p. 50.

Nas ruas a condição da observação contínua revela o olhar e, ao mesmo tempo, obriga as pessoas a se colocarem frente a frente⁵⁷. O corpo é o local do reconhecimento, da identidade pessoal, da normalização e moralização do comportamento a partir de parâmetros de saúde, beleza e vitória, características conferidas ao *concreto*, traduzindo em imagens uma expectativa a ser generalizada. Diante desta abordagem, a escola torna-se a instituição capaz de purificar, lapidar os corpos impuros que se encontravam nas ruas.

Durante este passeio por Campinas, reconheço dois personagens de Mário de Andrade: Frederico Paciência e Juca. À primeira vista antagônicos, eles vão se constituindo ao longo do texto como faces da mesma moeda. O convívio destes demonstra uma troca, um desejo mútuo que sintetiza a inteireza da condição humana levantando questões sobre a imperfeição da realidade social.

Mesclando grandeza e impotência, tais presenças levam-me, através deste conto, a imagens outras que surgem a partir da relação que se estabelece entre indivíduo e mundo, mas, acima de tudo, a partir da relação da educação “ilegítima” das ruas e aquela legitimada pela escola.

Orientada pelos escritos de Mário de Andrade, retomo a visão como o principal sentido, como também o mais promíscuo. O olhar reconhece e se faz reconhecer neste ambiente novo, moderno, educado pela aproximação aos novos monumentos erguidos pelo progresso⁵⁸. No entanto, lembrando Carlos Drummond, este mesmo olhar estranha a nova forma de vida, assusta-se, sugerindo a necessidade do “nascido de novo”⁵⁹. A cidade torna-se, enfim, alegoria a partir do momento em que “(...) contando uma história, é capaz de dizer coisas outras – vasculhar o profundo e íntimo sentimento. Mas não se contenta com isso; chegando aos fios, adensa-os, emaranha-os, sublima e encrudesce a vida”⁶⁰.

Na cidade ou na escola, Frederico Paciência é o exemplo da plenitude, o ideal de pureza e vigor físico. Aquele que, ao mesmo tempo, gera inveja e admiração. Juca, em contrapartida, é o anti-herói de parte dos contos de Mário de Andrade, apresenta-se como um tipo fraco, feio e “com tendência altiva para os vícios, preguiça”.

⁵⁷ VAZ in SOARES, 2001, p. 52

⁵⁸ VAZ in SOARES, 2001, p. 52.

⁵⁹ ANDRADE, C.D., 1992, p. 140.

⁶⁰ MORENO in SOARES, 2001, p. 137.

“Frederico Paciência era aquela solaridade escandalosa. Trazia nos olhos grandes bem pretos, na boca larga, na musculatura quadrada da peitaria, em especial nas mãos enormes uma franqueza, uma saúde, uma ausência rija de segundas intenções. (...) Não era beleza, era vitória”⁶¹.

Silenciosamente considerado um caso perdido, Juca, o menino “torto”, sentia as angústias de seu pai, pois enquanto seus irmãos “tiravam distinções na escola”, Juca “tomava bomba”⁶². Esta personagem apresenta-se em constante conflito: as comparações físicas e a falta de estímulo provocam a vontade de ser outro, uma espécie de “aspiração ao nobre, ao correto”⁶³.

Frederico e Juca, ou o excesso e a falta, são diferenciados à medida que novos códigos e práticas estabeleciam a regra do viver, submetendo o corpo destes jovens à linha da ordem e disciplina que impõe, e expõe, a boa ou má conduta⁶⁴.

“Na rua, violentamente cheia de gente e de pressa”, tal fato era perceptível. Juca sentia os olhares atentos daqueles que passavam. A rua utiliza-se da visão como seu principal sentido. É neste mesmo espaço que diferentes olhares se encontram, então produzidos pela condição contínua da observação. Através da aparência física, Juca e Frederico destacam-se, como também por ela exprimem seus valores morais. O olhar, um gesto aparentemente insignificante, ganha novas proporções nos contos de Mário de Andrade. Um olhar que observa, que julga condutas, reprime, cuidando de cada ação do outro...

“Umhas censuras rijas de transeuntes, nem me incomodei, estava sublime de segurança. Qualquer incerteza, qualquer hesitação que me nascesse naquele alvoroço interior em que eu escachoava, a imagem, mas única, exclusiva realidade daquilo tudo, a imagem de Frederico Paciência estava ali pra me mover”⁶⁵.

⁶¹ ANDRADE, M., 1999, p. 76.

⁶² ANDRADE, M., 1999, p. 80.

⁶³ ANDRADE, M., 1999, p. 76.

⁶⁴ Tais observações, que cercam um corpo que se revela a cada movimento, surgem a partir do texto *Corpo, conhecimento e educação* de Carmen Lúcia Soares. Nele a autora destaca o “meticuloso processo de educação” ao qual o corpo está submetido, ou seja: “Uma educação polissêmica que se processa de um modo singular: dá-se não só por palavras, mas por olhares, gestos, coisas pelo lugar onde vivem”. SOARES, 2001, p. 109-130.

⁶⁵ ANDRADE, M., 1999, p. 82.

Ele e Frederico caminhavam vagorosamente em meio à multidão, controlando o andar para manterem-se sempre lado a lado. Como “único amigo”, Frederico passava a ser a salvação de Juca. A força de sua presença fazia com que Juca assumisse a vida do amigo. Passou a se empenhar mais nos estudos, mas, ao mesmo tempo “Sentia um cansaço. E puro. E impuro”⁶⁶.

“No ginásio nossa vida era uma só”, relata Juca. Ambos compreendiam-se bem:

“(…) tanto eu aceitava a honestidade escolar do meu amigo, como ele afinal se dispusera a compreender minha aversão pelo estudo sistemático. Mas a diferença de rumos o prendia em casa e me deixava solto na rua. Veio a placidez”⁶⁷.

Os encontros e desencontros de Juca e Frederico Paciência permitem a presença não mais de dois personagens, mas de dois modelos de conduta que se vêem presentes tanto nos escritos de higienistas e eugenistas, como também nas palavras de pedagogos.

A cumplicidade entre essas duas vozes dissonantes desaparece. Este corpo que se emociona, que vive intensamente as relações que surgem do convívio cotidiano - fossem elas estabelecidas entre o feio ou o bonito, forte ou fraco - não tem espaço nas análises que optam por um único tipo de corpo em defesa da sociedade que se pretende una, homogênea, plena de razão e disciplina.

Traduzido em imagens diversas, o ideal de cidadão brasileiro surge como uma imagem capaz de representar a identidade nacional. O corpo social, composto pela multidão que se aglomerava nos grandes centros, deveria ser reconhecido em sua homogeneidade e harmonia. Lutava-se por um Brasil civilizado, que seguisse um ideário universal guiado pela razão científica e pelo progresso.

⁶⁶ ANDRADE, M., 1999, p. 79.

⁶⁷ ANDRADE, M., 1999, p. 84.

1.2 - Saúde, Beleza e Força



Figura 9: "Bíblia da Saúde"

*“(...) os olhos não vêem coisas, mas figuras de coisas
que significam outras coisas¹.”*

Corpos e cidades, ao se unirem, revelam o movimento entre a imagem ideal - imaginada - que se encontra nas palavras de intelectuais e as imagens concretizadas através do delineamento de cidades e corpos reais, tornando-os virtuosos ou viciosos. Os intelectuais, cada qual à sua maneira, encontram na aparência física da cidade e do cidadão brasileiro um objetivo para seus estudos, buscando “revelar a verdadeira face da nação e de traçar linhas de força para o futuro”². Assim, refletir sobre a reestruturação do país e a superação de entraves à nossa inserção na modernidade passava a ser obrigatório.

Com o anúncio dos anos 30 - século XX - não se objetivava o reconstruir, reformar, mas sim a construção, a predominância irrestrita do novo. Médicos, literatos, pesquisadores, pedagogos e políticos fazem surgir da releitura do passado, inscrito nos gestos e comportamentos do homem brasileiro, intervenções nesta realidade sócio-histórica que apontavam para um presente e um futuro alinhados com a modernidade, resultando em uma indispensável “revolução dos costumes”³ sucedida da necessidade de buscar novos caminhos e horizontes.

Com o progresso, habitações insalubres, cortiços, bairros deteriorados, ruas e casas dos trabalhadores difundem-se entre os novos bairros, gerando uma série de intervenções tanto no espaço urbano quanto na população que nele habitava. Representantes da saúde, os médicos higienistas acompanham e idealizam projetos de reestruturação, reordenamento e saneamento das cidades.

Reconhecidas como as causas que geraram a degradação moral e física de seus moradores, as então chamadas “mazelas da cidade” despertam a atenção do poder público. Desde fins do século XIX, projetos de saneamento das moradias e de educação da população são apoiados a fim de fazer da cidade um espaço civilizado⁴.

¹ CALVINO, 2001, p. 17.

² De LUCA, 1999, p. 19.

³ VAGO, 1999, p. 24.

⁴ ROCHA, 2001.

A “cidade viciosa”⁵, que se caracteriza pela pobreza e doença, atraso e desordem que se encontram tanto nas regiões periféricas de Campinas quanto no centro, oferecem subsídios aos higienistas para a elaboração de um modelo de cidade ideal, pautada no saneamento das moradias e da população.

Criando instituições, formando profissionais, tais representantes da ciência elaboram projetos e, com eles, modelos de intervenção a fim de legitimar hábitos promovendo a formação da consciência sanitária da população. Considerando o rápido crescimento das cidades e a heterogeneidade social ou, mais precisamente, racial, os médicos higienistas assumem a liderança do saneamento popular, dirigindo e orientando um novo modo de vida, tendo como objetivo homogeneizar a população⁶.

A exemplo de Campinas, comissões civis foram organizadas nas diferentes cidades do país. Tais comissões apresentavam caráter cívico, consultivo. Não eram serviços remunerados e só podiam funcionar com a maioria de seus membros presentes. Compostas por profissionais liberais, por representantes indicados pelas diferentes funções sociais como economia, imprensa e serviço público, as diversas comissões serviam de forma direta no desenvolvimento das principais concepções de reestruturação das cidades brasileiras.

Na Comissão de Urbanismo de Campinas, criada pelo decreto nº135 de 1935, o médico Dr. Azael Lobo e o delegado de saúde, Dr. F.A.Roso, faziam parte do plano de melhoramentos urbanos da cidade ao lado de outros nomes considerados importantes para o projeto. Dentre eles estavam: Antonio J. Ribeiro Jr., da imprensa local; Dr. Edmundo Barreto, da imprensa de São Paulo, além de advogados, representantes da Sociedade de Amigos da Cidade, proprietários de imóveis etc.⁷

⁵ A idéia de uma “cidade viciosa” apresentada pela autora como o local onde as formas de se viver ameaçam a sociedade é um importante gancho para o presente estudo por reafirmar o corpo como reflexo dos vícios ou virtudes que compõem os diferentes espaços urbanos. ROCHA, 2001. Ver especialmente p. 23-61.

⁶ ROCHA, 2001, p. 270-322.

⁷ BADARÓ, 1996, p. 53.

Como coordenador do projeto, Prestes Maia acatava os pareceres decorrentes da comissão a partir do momento em que estes conselhos servissem para adequar as linhas gerais do plano à realidade local. Auxiliados, ainda, pela Seção de Estatística, considerada de suma importância, seria possível complementar as propostas da comissão eleita aos dados estatísticos, os quais poderiam ser articulados ao restante do país, gerando “diagnósticos e balizamentos mais reais”⁸.

Verdadeiros “quartéis gerais” da obra sanitária e social, os Centros de Saúde são fundados com o objetivo de possibilitar a difusão do programa de higiene em todo local em que se encontrasse. Tais núcleos seriam os responsáveis por levantar dados e informações dos modos de vida da população via inquérito, estudos e estatísticas⁹.

As referências à saúde e à educação são abordadas, no Plano de Melhoramentos Urbanos de Campinas, sob a denominação de *plano não material*, que, em outras palavras, significa a preocupação destes profissionais em transformar não apenas o domínio físico-urbanístico, o espaço urbano, mas envolver outras esferas, incluindo os demais aspectos da vida pública¹⁰.

Tendo como alvo a educação higiênica da população, a obra sanitária abarcava em seu conjunto de iniciativas: imunizar contra doenças transmissíveis e orientar sobre puericultura, dentre outras. Priorizava, ainda, ações sobre a infância dando preferência às crianças desnutridas e portadoras de deficiências físicas¹¹.

“Criar um sistema fundamental de hábitos higiênicos, capaz de dominar, inconscientemente, toda a existência das crianças. Modelar enfim, a natureza infantil, pela aquisição de hábitos que resguardassem a infância da debilidade e das moléstias”¹².

⁸ BADARÓ, 1996, p. 87.

⁹ Julgo importante destacar que a citação diz respeito ao projeto de criação de postos de saúde para atender à população da cidade de São Paulo. No entanto, utilizo esta referência pois a imagem dos “centros de saúde” como “quartéis gerais da obra sanitária” é pertinente ao projeto idealizado para a cidade de Campinas. SOUZA & VIEIRA in ROCHA, 2001, p. 188.

¹⁰ ROCHA, 2001, p. 88-89.

¹¹ ROCHA, 2001, p. 188-192.

¹² ROCHA, 2001, p. 235.

Em sintonia com a idéia de modernidade, Prestes Maia trabalha com valores considerados universais para o período. Suas propostas visam à formação de um homem-tipo, ideal, cujas necessidades deveriam ser cientificamente conhecidas. Higiene e saúde, educação, o cultivo do corpo e do espírito, eficiência e rendimento eram então as premissas que definiriam o Brasil civilizado e, conseqüentemente, próspero¹³.

A preocupação de Prestes Maia com valores estéticos resulta em projetos nos quais *perspectivas e pontos focais* incidem sobre o corpo, partindo principalmente dos interesses estabelecidos pela elite, automeada porta-voz dos problemas de Campinas, e estendendo-se a toda a população a fim de que esta refletisse o brilho, a saúde, a vitória e o espírito metropolitano da cidade.

Os médicos são aqueles que se destacam como conselheiros, peritos “se não na arte de governar, pelo menos na de observar, corrigir, melhorar o ‘corpo social’ e mantê-lo em um estado permanente de saúde”¹⁴. Os higienistas assumem os cuidados com a higiene física e mental do homem brasileiro, afirmando que “(...) a saúde da raça, a saúde da pátria. É a sua cultura”¹⁵. A profilaxia mental deveria, segundo eles, ser adotada na infância e, mais especificamente, no âmbito familiar. No entanto, estes profissionais da saúde entendiam que apenas na escola haveria possibilidade prática de se detectar os primeiros sinais de anomalias da “intelligencia” ou do caráter¹⁶.

¹³ BADARÓ, 1996, p. 150.

¹⁴ FOUCAULT, 2000, p. 293.

¹⁵ Archivos paulistas de hygiene mental, ano II-III, n. 3-4. São Paulo, 1930, p. 133.

¹⁶ Boletim de Hygiene Mental, n. 12, 1929.

Nos escolares realizavam-se exames físicos detalhados com o objetivo de avaliar sinais de atraso no desenvolvimento de seu sistema nervoso¹⁷. De acordo com os exames, as crianças eram então classificadas conforme sua capacidade “psychica” em: 1) débeis “intellectuais” e retardados; 2) crianças de inteligência normal, porém com transtornos de caráter (instabilidade emocional – depressivos ou emotivos); 3) Crianças precoces, com facilidade para algumas matérias e incapacidade para compreender outras e; 4) crianças que não pertencem a nenhuma das categorias anteriores¹⁸.

Diante deste quadro, o esporte entra em cena como aquele capaz de melhor preparar o indivíduo para a vida social, pois “a força física é a grande propulsora do mundo”. Educar a vontade, ter calma e paciência eram características consideradas indispensáveis para que fosse possível a execução perfeita do exercício, pois dessa forma não haveria “interferência da vontade”¹⁹. A disciplina, então, seria a responsável pelos impulsos individuais, “da renúncia do eu”, à medida que as condições do momento assim exigissem²⁰.

Os exercícios físicos passam a ser naturalmente vinculados à propaganda da higiene mental. A exemplo dos esportes, a atividade física não serviria para os fins de saúde postulados pelos higienistas caso fossem orientados com o fim exclusivo de obtenção de prêmios. Seria necessário, antes de qualquer envolvimento de atletas com práticas esportivas, a avaliação “psycho-physica” do indivíduo para garantir uma prática saudável²¹.

Procurando desfazer uma idéia errada, os representantes da saúde promovem em seus discursos o vínculo entre corpo e espírito, defendendo a concepção de que a nutrição e o desenvolvimento muscular estão diretamente relacionados com o desenvolvimento da inteligência. Pautados pelos resultados de estudos em anatomia, os quais resultaram do aperfeiçoamento dos meios de observação (microscópios), obteve-se grandes avanços em fisiologia e surpreendentes trabalhos experimentais sobre a estrutura nervosa²².

¹⁷ Muitas vezes tais exames foram realizados em parceria com professores de Educação Física, os quais, desde sua formação, aprendiam as principais normas de higiene. Tal discussão será retomada no momento do estudo dos Arquivos de Otilia Forster.

¹⁸ Neste exame realizado por Heuger e Mele, publicado no Boletim de Higiene Mental no ano de 1929, foi, pela primeira vez, possível “uma seleção de crianças anormaes physicas”. Em resumo, de 261 crianças que passaram pelo exame, 45 (21%) foram consideradas “anormaes psychicas de ordem intellectual ou moral”. Boletim de Higiene Mental, n. 12, 1929.

¹⁹ Archivos paulistas de hygiene mental, ano II-III, n. 3-4. São Paulo, 1930, p. 4.

²⁰ Archivos paulistas de hygiene mental, ano II-III, Num. 3 – 4. São Paulo, 1930, p. 4.

²¹ Boletim de Higiene Mental, n. 12, 1929.

²² Boletim de Higiene Mental, n. 15, 1930.

Na escola os avanços médicos foram sentidos nos sucessos obtidos com as atividades físicas. Associando vigor muscular ao aprendizado, estimula-se a prática de exercícios físicos no âmbito escolar. Os reflexos morais deste trabalho estão presentes nos indícios de confiança em si próprio, nas próprias forças conquistadas por um treinamento de resistência e obediência, elementos primordiais para a serenidade e a segurança das atitudes, auxiliando as resoluções a serem tomadas durante a vida²³. “Desse conjunto, que fortalece o espírito, nasce a coragem e o altruísmo, porque, confiante e seguro, o homem arrasta os perigos e ainda lhe sobram energias para ser generoso”²⁴.

Redimindo o corpo dos males da crucificação e elevando-o a uma posição de destaque²⁵, os higienistas reconhecem na Educação Física um grande fator educativo e profilático para a “frenagem dos impulsos”, pois consideravam que “O indivíduo que zela pelo seu physico teme as intoxicações e as evita, porque sabe que a alegria que nos trazem os toxicos é enganosa e ephemera, entorpece-nos, avultando em desgraças futuras”²⁶.

Contudo, a “educação physica” ainda era considerada prejudicial por apresentar um trabalho “immoderado” por parte de seus profissionais, resultando em estudos que avaliavam a “nova physionomia da vida”. Em outras palavras, a organização da vida urbana, a falta de espaço e a intensidade nervosa proporcionaram a reformulação das abordagens realizadas pelos higienistas e educadores físicos e, com ela, a reflexão acerca das práticas que vinham sendo difundidas, celebrando a necessidade de agregar a essas atividades uma consistente concepção científica²⁷.

Proteger a saúde tornara-se prioritário. A Nova “Educação Physica” reestruturava-se apresentando como princípios fundamentais prezar pelo dispêndio de energia cotidiano, pela qualidade de execução dos movimentos e formação do caráter, empregar a força de modo inteligente, além de desenvolver, a partir de exercícios subdivididos por grupos musculares, as proporções do corpo e a postura²⁸.

²³ Boletim de Hygiene Mental, n. 15, 1930.

²⁴ Boletim de Hygiene Mental, n. 15, 1930.

²⁵ Revista Educação Physica, ano I, n. 1, 1932.

²⁶ Boletim de Hygiene Mental, n. 15, 1930.

²⁷ Revista Educação Physica, ano I, n. 1, 1932.

²⁸ Revista Educação Physica, ano I, n. 1, 1932.

A perfeição, tanto dos movimentos quanto da postura, encontra-se relacionada ao bom funcionamento orgânico, pois “a verdadeira beleza repousa sobre a saúde”²⁹. De modo geral, a Educação Física é citada como aquela que exerce grande influência no desenvolvimento do indivíduo por proporcionar o aumento da vitalidade do organismo. Considerava-se que, através das atividades físicas poderiam os organismos normais conquistar o pleno vigor físico, mas, sobretudo, passá-la aos seus descendentes³⁰.

Através deste diálogo entre Educação Física e higiene, apresenta-se a todo o momento a preocupação com o futuro: com o progresso e o desenvolvimento da pátria. Dito em outras palavras, o amor à pátria refere-se à conjugação entre aspectos materiais e sentimentais da terra e do homem³¹.

Guiados por tal convicção, os profissionais dessas diferentes áreas entendiam que apenas produzindo e cultivando corpos normais e hígidos, educados e alegres, seria obtida a fonte de energia necessária para o fortalecimento da nação, fazendo com que o corpo fosse capaz de produzir “(...) o máximo de rendimento physico, intelectual e moral, com o mínimo de fadiga”³². Confirmava-se, com isso, a necessidade de gerar uma força propulsora, “(...) uma força de grandes possibilidades creadoras. Desta compreensão mais lata e mais nobre da educação physica, ou melhor, da educação, homens novos, homens mais fortes, homens melhores vão surgir”³³.

O mundo modernizava-se e, para sanar as dificuldades que surgiam com a sua mecanização, caberia à nova educação física preparar o homem da época nova, o tipo ideal brasileiro que deveria ser saudável, membro do bem-estar coletivo e conservar as características físicas inerentes ao homem moderno.

²⁹ Boletim de Hygiene Mental, n. 15, 1930.

³⁰ Boletim de Hygiene Mental, n. 15, 1930.

³¹ Boletim de Hygiene Mental, n. 15, 1930.

³² As palavras em destaque pertencem ao Dr. Philippe Tissié, que definia a Educação Física como o meio apropriado de diálogo e concurso entre os meios exteriores e o bom desenvolvimento do indivíduo. Revista Educação Physica, ano I, n. 1, 1932.

³³ Revista Educação Physica, ano III, n. 4, 1934.

“(…) de talhe mais delgado que cheio, gracioso de musculatura, flexível, de olhos claros, pele sã, ágil, desperto, dócil, entusiasta, alegre, viril, senhor de si mesmo, sincero, honesto, puro de actos e de pensamentos, dotado com o senso de honra e justiça, compartilhando no companheirismo dos seus semelhantes, e levando o amor de Deus e dos homens no seu coração”³⁴.

Diante desse quadro, a Educação Física é definida no início de 1930 como a área capaz de contemplar o desenvolvimento físico e moral, tendo como objetivo desenvolver a energia e as qualidades de ação ou *viris*³⁵. Vinculando a perfeição física à perfeição moral, passíveis de serem conquistadas pelo exercício físico, o corpo passa a ser visto como elo de ligação entre a ciência e a arte à medida que se deveria priorizar a harmonia das formas do corpo, a saúde e a força³⁶, em função da homogeneização e normalização dos atos e traços de civilidade que definiriam (desenhariam) o homem moderno. Para tanto, a Educação Física não deveria apenas abarcar o desejo de sugerir, propagar e fazer compreender a real finalidade da educação. A “Educação Physica desejava persuadir, estimular, levar a realizar”³⁷.

As auto-intituladas “sciencias-arte” - Eugenia, Higiene e Educação Física - difundiam-se tendo a biologia como seu principal mentor. As formas nocivas que representavam o atraso, o vício, a pobreza deveriam ser extintos, dando lugar aos traços modernos de beleza e pompa entendidas como sinônimos de progresso e desenvolvimento. Tratava-se de uma fusão de interesses, os quais não se limitavam apenas a cultivar a inteligência, mas também a conectar o homem ao ideal coletivo.

³⁴ Revista Educação Physica, ano III, n. 4, 1934.

³⁵ Concepção de Educação Física definida por Georges Hébert publicada pela Revista Educação Physica no ano de 1932. Revista Educação Physica, ano I, n. 1, 1932.

³⁶ Revista Educação Physica, ano V, n. 9, 1937.

³⁷ Revista Educação Physica, ano V, n. 9, 1937.

Compatível às aspirações de formação do novo homem, a eugenia defende a idéia de que este homem, além de forte e sadio, deveria ser um melhor cidadão. Seguindo as palavras de Darwin, para quem “eugenismo é a ponte que une o domínio da sciencia ao domínio humano”³⁸, definia-se a eugenia como uma ciência que não se relacionava apenas aos problemas biológicos, mas, em sua aplicação prática, estabelecia um código moral e desenvolvia artifícios de consolidação do novo através do sentimento de patriotismo.

O eugenismo, definido como a aplicação prática da eugenia, buscava o melhoramento humano social e individual através das ações coletivas. “Corresponde a tudo que direta ou indirectamente possa auxiliar os propósitos da eugenia”, com destaque para: educação, higiene, esportes e legislação, “Tudo que, beneficiando o homem, reverte directa ou indirectamente, em beneficio de sua prole”³⁹.

O Brasil era visto como um grande laboratório pelos eugenistas. Um local onde a fusão de várias raças (índia, branca, mulata e negra) indicava a população brasileira como uma “raça em formação”, cujo bom resultado dependia de um aprimoramento biológico, que estava longe de ser atingido⁴⁰. Tais intelectuais passam a questionar este fenômeno desconhecido e recente: a miscigenação do país, ocasionando a descrença de um possível futuro próspero, pois uma raça mestiça seria uma raça degenerada por natureza⁴¹.

Acreditava-se que, até fins do ano de 1920, a imigração de um grande número de italianos, portugueses, alemães e polacos extinguiria por completo a raça negra. A solução, nesta primeira análise, dependeria em grande medida do tempo que estas nobres raças levariam para suprimir mulatos e mamelucos⁴².

³⁸ Eugenia é definida como a ciência responsável pela “higiene das células reprodutivas, ou hygiene da hereditariedade. (...) Em outras palavras: eugenia é a sciencia da protecção e da seleção das sementes humanas” . Eugenismo, em contrapartida, é a aplicação prática, sociológica desta ciência. “Inspira-se no estudo da eugenia e aplica este estudo para fins sociais e patrióticos”. Boletim de Eugenia, v. I, n. 3, 1929.

³⁹ Boletim de Eugenia. Instituto Brasileiro de Eugenia - São Paulo, ano I, n. 8, 1929.

⁴⁰ SCHWARCZ, 1993, p. 232.

⁴¹ SCHWARCZ, 1993, p. 30.

⁴² Boletim de Eugenia, ano I, n. 6-7, 1929.

Mediante tais colocações, a intervenção direta desta ciência na sociedade redefine os limites biológicos das diferenças, as quais não mais se encontravam na cor da pele, mas na divisão da espécie humana em: “gente innata e intrinsecamente **humana**, gente **domesticavel** e gente **doente e indomável**, esta última intangível a todos os processos e esforços educativos”⁴³.

“Mas a seleção da raça, qualquer que seja sua latitude que se queira dar a este vocabulo, há de se fazer pela cultura incessante do ‘palium’ augusto que discrimina o homem na escala zoologica, com a esperança de que este aperfeiçoamento com todos os seus corollarios se perpetue na descendencia para o progresso moral e a perfeição da espécie”⁴⁴.

Em contrapartida, com a chegada dos anos 30, a possibilidade da regeneração firmase como princípio de racionalidade. Trazendo para o social a possibilidade da intervenção de medidas biológicas, os eugenistas criam mecanismos para a administração da diversidade.

Revelando-se coniventes com as possibilidades de regeneração física do povo brasileiro, estes cientistas uniam o valor conferido à hereditariedade aos problemas adquiridos no ambiente moderno. No entanto, as opiniões de diferentes grupos divergiam entre a aceitação das teorias estrangeiras, que condenavam o cruzamento racial, e a sua readaptação a uma realidade na qual o povo já se encontrava muito miscigenado.

“Multiplica a civilização moderna os próprios meios de luta contra o contagio pelo bacillo de Koch, mas todo o problema não está nisso. Os esforços da sociedade permanecerão sempre inferiores à tarefa ingente, enquanto não for eliminado o factor primordial: a procriação de indivíduos tarados”⁴⁵.

⁴³ Boletim de Eugenia. São Paulo, ano I, n. 9, 1929.

⁴⁴ Archivos Paulistas de Hygiene Mental, ano II-III, n. 3-4. São Paulo, 1930, p.132.

⁴⁵ Boletim de Eugenia. São Paulo, ano III, n. 28, 1931.

Destacando os males que trariam a procriação de indivíduos anormais para a civilização moderna, Renato Kehl, principal referência daqueles que se mantinham fiéis às antigas propostas da eugenia, defendia veemente a esterilização, considerando ser este o único caminho possível para se alcançar a regeneração da raça. Para os mais moderados, essa massa de “doentes crônicos” desapareceria naturalmente.

Familiarizado com projetos de esterilização de certos grupos humanos, Kehl lutava pela implantação de medidas extremas de controle da população. Estas não chegaram a ser aprovadas no Brasil, mas em países que adotavam modelos eugênicos, as leis de esterilização eugênicas foram implantadas com sucesso⁴⁶.

Comprovando o argumento de que o “Brasil se definia pela raça”, a interpretação sobre a miscigenação no Brasil persiste ora nas severas colocações de Renato Kehl, ora na defesa de Gilberto Freyre por uma democracia racial. Apesar do sucesso das teorias raciais no país, nos anos de 1870, estas foram enfraquecidas, nos anos de 1930, pelas teses culturalistas de Freyre, como também por intelectuais que combatiam tais modelos nas esferas políticas e sociais⁴⁷.

Ao repensar tais modelos, parte dos eugenistas, associada ao discurso médico-higienista, reestrutura seu campo de trabalho. O Brasil representado por uma “raça degenerada” pela natureza de sua mestiçagem perde força, pois, partindo da boa aparência física, acreditavam poder alcançar a inteireza humana, composta ainda pela preocupação com o desenvolvimento psíquico e mental.

“Fundada em preceitos humanos e acordes com a razão que prende nossos atos, em relação aos nossos semelhantes”, a eugenia moderna apresenta-se como a “sciencia-arte” que busca, e atende, tanto o vigor físico quanto o desenvolvimento intelectual, visando ao equilíbrio que se expressa no aforismo “mens sana in corpore sano”⁴⁸.

⁴⁶ SCHWARCZ, 1993, p. 235.

⁴⁷ SCHWARCZ, 1993, p. 247. Sobre o tema, merecem destaque as obras de: NOGUEIRA, 2000, p. 8-53; FREYRE, 1992 e 1996; PRADO, 1928; e HOLANDA, 1995.

⁴⁸ Boletim de Eugenia, vol. I, n. 4, 1929.

A nação, pensada por estes profissionais como um corpo social homogêneo e harmônico, levava alguns cientistas a manter como pressuposto de suas análises a possibilidade da transformação “(...) da população local mestiça em ‘gregos puros’, modificados em suas características físicas e morais”⁴⁹. Corpos saudáveis e atléticos representariam a regeneração física da raça/nação.

A ligação expressa entre regeneração física e moral e formação de corpos atléticos não é realizada ao acaso. A doutrina eugênica nasce, segundo os próprios eugenistas, com a filosofia grega. Diziam eles: “Os hellenos foram os primeiros mestres e videntes do eugenismo”⁵⁰.

Para aperfeiçoar o corpo, desde a adolescência os gregos dedicavam-se à ginástica. A cultura do físico, mais especificamente da beleza, era um compromisso que os homens gregos assumiam consigo mesmo. Acreditava-se que por serem “Cultores do Bello” em todas as suas modalidades (arquitetura, teatro, pintura, escultura, poesia), os helenos tornaram-se seres imortais, como também exemplos a serem seguidos por sua serenidade, sabedoria e heroísmo.

Assim, “Na tendência moderna, temos o ressurgimento da concepção hellenica do Bello”. O modelo de cidadão moderno forte e culto de uma robustez artística, que diferentes áreas idealizavam, mantinha-se imortalizado nas figuras de Apollo e Antinoüs⁵¹.

Apollo é citado como o exemplo mais impressionante da cultura física. Antinoüs é eleito por Fernando de Azevedo como “um dos mais formosos e robustos ephebos”⁵². A necessidade do aprimoramento físico ainda na juventude é discutida pela beleza física, a qual deveria contemplar a saúde, a proporção da figura humana, e a harmonia entre vigor e forma física. A verdadeira Educação Física manteria, então, como objetivo realizar estes tipos perfeitos que, segundo Fernando de Azevedo, apresentariam a força harmoniosa de Antinoüs...

⁴⁹ Lilia Schwarcz cita que “as primeiras leis eugênicas foram introduzidas no cantão de Vaud, na Suíça em 1928, na Dinamarca em 1929 e nos Estados Unidos em 1919”. Entre 1930 e 1940 mais de 8 mil dinamarqueses teriam sido esterilizados por conta de suas “anormalidades físicas e sexuais”. SCHWARCZ, 1993, p. 233.

⁵⁰ Boletim de Eugenia. São Paulo, ano I, n. 8, 1929.

⁵¹ Revista Educação Physica, ano V, n. 12, 1937.

⁵² Revista Educação Physica, ano IV, n. 6, 1936.

“(...) a força – emanção natural do vigor e da hygiene, com que se identifica, e não o resultado ephemero e scenico da hypertrophia muscular; a força – expressão objectiva da bella saúde, e unida, como o perfume à flor, à belleza gymnastica, à perfeição anatômica”⁵³.

O eugenismo presente na Educação Física era lembrado pela defesa do harmonioso equilíbrio entre corpo e mente. Falava-se em preocupação com a formação atlética da raça sem desconsiderar a formação moral, a qual deveria ser rigidamente acompanhada através de fichas que deveriam conter dados a respeito da saúde física daqueles que freqüentassem os clubes esportivos e centros de saúde. No entanto, os eugenistas consideravam que, “para inculcar esta responsabilidade racial é necessário que o ideal eugênico forme parte do systema de educação”⁵⁴, agregando as escolas ao seu domínio. “Os povos cultos do mundo aceitavam a cultura física como fator importante na pedagogia moderna. A saúde é o equilíbrio do organismo. Sem a cultura física bem orientada difficilmente o organismo será saudável”⁵⁵.

Com a moderna civilização amparada sobre as “sciencias physicas”, a pedagogia é constantemente citada como alicerce, ora para civilizar o corpo, ora para ensiná-lo a ser útil e higiênico⁵⁶. Os “hodiernos” conceitos de hygiene, eugenia e educação física concentram na educação integral do homem sua prioridade, visando ao desenvolvimento de uma maneira completa e útil. Os elementos que geram os projetos de aprimoramento racial, robustecimento do povo e moralização dos indivíduos encontram-se na promiscuidade das ruas.

⁵³ Revista Educação Physica, ano IV, n. 6, 1936.

⁵⁴ Boletim de Eugenia. São Paulo, ano I, n. 8, 1929.

⁵⁵ Revista Educação Physica, ano IV, n. 6, 1936.

⁵⁶ SOARES in SOARES, 2001, p. 112.



Figura 10: Menino Plantando Bananeira (1940) – Candido Portinari



Figura 11: Crianças Brincando (1940) – Candido Portinari

Os meninos e meninas de rua - personificados na figura de Juca no conto de Mário de Andrade - eram descritos como aqueles que conviviam com jogos brutais e espaços insalubres nos cortiços malsãos; com a falta de movimento, gerada pela circulação intensa de veículos e transeuntes; e com o ar impuro que vinha das fábricas e automóveis. Na visão dos educadores físicos, essas crianças, se não fossem acudidas, poderiam vir a ser energias econômicas desperdiçadas ou mesmo elementos perigosos⁵⁷.

Médicos higienistas consideravam que “um homem está sujeito ao poder do hábito (...) porque tem um corpo”. Tanto as virtudes quanto os vícios, acrescentam, são conseqüências do hábito, aumentando a responsabilidade dos educadores no trabalho escolar, pois “os hábitos adquiridos pela educação inibem e abafam, durante a vida, a maior parte das tendências naturais”.

O hábito era entendido como uma “segunda natureza”, ou melhor, considerada “dez vezes mais forte que a natureza” ao menos na idade adulta⁵⁸. “Como uma folha de papel dobrado ou a roupa amarrotada guardam os vincos e as dobras que lhes tenhamos feito, assim o systema nervoso se desenvolve na linha em que o exercitemos”⁵⁹.

O modo de se vestir ou despir, comer e beber, as saudações, os atos de cortesia, como também a linguagem cotidiana, são ações que compõem o hábito de forma que se fixam a ponto que, para cada espécie de impressão, há uma resposta pronta.

Considerando que “O hábito é uma ação repetida”, pois “Pode ser boa ou má”, eugenistas, higienistas e educadores físicos concentram esforços a fim de garantir que a educação esteja ao alcance do maior número de crianças possível, pois a educação é considerada a “arte de fazer passar o consciente ao inconsciente”⁶⁰. Caracterizada por agregar um grande número de crianças, a escola assume a educação como “arte de formar hábitos”⁶¹; a instituição escolar tornar-se-ia, assim, a expressão material da idéia de educação do corpo⁶². Estabelecendo normas, condutas, tempos e espaços, capazes de determinar posturas, ritmos e gestos, a escola apresenta-se como importante espaço de difusão dos ideais de saúde, beleza e força.

⁵⁷ Revista Educação Physica, ano V, n. 11, 1937.

⁵⁸ Boletim de Hygiene, n. 20, 1930.

⁵⁹ Boletim de Hygiene, n. 20, 1930.

⁶⁰ Revista Educação Physica, ano V, n. 11, 1937.

⁶¹ ROCHA, 2001, p. 236

⁶² SOARES in SOARES, 2001, p. 113.

Sobre a educação, os higienistas tinham como meta “fazer do systema nervoso um aliado e não um inimigo”. Para atingir tal objetivo, julgavam que deveriam “tornar automáticas e habituaes (...) o maior número possível de acções úteis’ e fugir com grande cuidado a tudo que puder engendrar hábitos nocivos”⁶³.

Para cumprir tal papel, a instituição escolar deveria ser a imagem do meio social, funcionando como uma “família ideal, onde o pai verifica o que convém à criança e lhe proporciona o que ela necessita”⁶⁴. Neste ambiente, o ensino é tratado como forma de educar “os membros da sociedade democrática” em termos de igualdade. Em outras palavras, o ensino deveria tornar os indivíduos participantes e interessados no reajustamento social, “mentalmente habilitados” a realizar mudanças sociais “sem provocar confusão e desordem”⁶⁵.

As afirmações expostas podem ser pensadas a partir do que Dewey⁶⁶ entendia ser o mundo moderno nos anos de 1930. O autor considerava que o transporte, a imigração, o comércio e a intercomunicação haviam transformado a sociedade, ou seja, os grupos passavam a conviver tanto com os costumes tradicionais quanto com as inovações tecnológicas advindas com o progresso.

No entendimento da época, cada hábito apresentava como princípio modificar a mentalidade, fixar “certas propensões e desejos”. Modificando o hábito, haveria influência direta na própria percepção cotidiana, como também nas relações com outros homens. Tal processo vinculava-se, ainda, ao chamado robustecimento do hábito, fortalecendo certos traços do caráter, este conhecido popularmente como moral⁶⁷.

⁶³ Boletim de Hygiene Mental, n. 20, 1930.

⁶⁴ AGUAYO, 1939, p. 41.

⁶⁵ DEWEY, 1979, p. 32.

⁶⁶ O Dr. John Dewey, segundo Aguayo em seu livro “Novas orientações da educação”, publicado em 1939, foi quem primeiro teorizou a “nova educação”, baseando-se numa filosofia de ensino pautada na experiência como processo prático. Para Dewey: “De um lado experiência significa atividade, escolha deliberada e intencional; de outro é estimulada pelo contato de indivíduos com o meio físico e social”. Desse modo, julgo ser possível afirmar que a teoria de Dewey teve forte repercussão na constituição do pensamento educacional do período. AGUAYO, 1939, p. 41.

⁶⁷ DEWEY, 1979, p. 393.

A moral compreende, enfim, o caráter. Este deveria identificar-se com a educação do “homem em todo o seu feitio e manifestações concretas”⁶⁸. Significa, assim, trabalhar o homem para que ele se torne pleno em suas atitudes e não reconhecido por poucos traços que possam ser mencionáveis. Este homem ideal carrega com ele atitudes que envolvem o relacionamento social, as quais passam a dar significado ao caráter. Dewey acrescenta:

“Chamar-lhes virtudes em seu isolamento, se assemelharia a tomar o esqueleto pelo corpo vivo. Os ossos têm, sem dúvida, importância, mas sua importância está no fato de suportarem outros órgãos do corpo, de modo a torna-los capazes de atividade integrada e eficaz”⁶⁹.

Os atos são tratados como excelências morais, as quais implicam outras atitudes que dependem do meio social. Neste sentido, entendia-se que “A educação é uma atividade formadora ou modeladora – isto é, modela os seres na forma desejada de atividade social”, dizia Dewey. A educação deveria, enfim, gerar oportunidade de ações em conjunto para que os educandos compreendessem o sentido social de suas aptidões e dos recursos e materiais utilizados⁷⁰. Prosseguindo em sua análise, Dewey afirma que a escola deveria oferecer algo parecido com “um ambiente homogêneo e bem equilibrado para as pessoas mais jovens”, afastando a juventude do ambiente impuro das ruas⁷¹.

Segundo Aguayo, tal filosofia foi avaliada como uma “afronta às tradições pedagógicas”, as quais desconsideravam o vínculo das matérias com a vida dos educandos. A atividade física, diante disso, passava a ser vista como aquela capaz de ajustar o corpo ao estado mental, tornando-o “mais obediente e mais flexível” aos olhos dos pedagogos defensores do novo modelo de ensino.

⁶⁸ DEWEY, 1979, p. 393.

⁶⁹ DEWEY, 1979, p. 393.

⁷⁰ DEWEY, 1979, p. 11.

⁷¹ DEWEY, 1979, p. 23.

“Ao mesmo tempo, reage ella (atividade corporal) sobre a mente, desenvolvendo, precisando, aclarando os estados que procuram traduzir-se em atos. Há, pois, uma reciprocidade, bem reconhecida, de funções: os pensamentos, os desejos, as emoções criam as atitudes do corpo; e estas, actuando sobre suas causas determinantes, fazem-nas mais conscientes e, por isso, mais susceptíveis de controle”⁷².

No campo da pedagogia, o respaldo da Educação Física dava-se por três funções principais, as quais deveriam ser devidamente dirigidas e orientadas por médicos ou técnicos capacitados. São elas: “*physica, esthetica e dynamica*”⁷³. A “*physica*” seria a função considerada empolgante para as crianças, além de proporcionar a vivência de situações reais da vida. Tais movimentos “espontâneos” possibilitariam aos alunos externar seus “pensamentos, desejos, emoções que lhes vão pela alma”⁷⁴. A função “*esthetica*” dizia respeito à correção provocada pelos movimentos, restabelecendo a “*harmonia do conjunto*”, evitando a “*adiposidade*”, apurando e enrijecendo o corpo, favorecendo a “*belleza physica*”. Conseqüentemente, dos movimentos regulares e firmes:

“(…) nascem uma elegância austera e uma graça discreta que dão graça ao corpo e às maneiras encanto e distinção. Ninguém despreza esses atributos agradáveis para serem vistos nos outros, enlevam quando sentidos na própria pessoa que se examina”⁷⁵.

No entanto, o autor destaca que o benefício da ginástica não seria completo ao favorecer apenas a beleza física. Sua função “*dynamica*”, a qual desenvolve força, destreza e resistência, tendo como resultados “*vigor muscular*”, “*presteza e segurança*” são considerados importantes à saúde.

Diante deste parecer, João Toledo apresenta o que ele considera ser o “*typo humano ideal*”: “(…) Ser forte e saudável é já grande coisa, e se ainda for inteligente é melhorar de muito o próprio valor; mas, se além de forte, saudável e inteligente, pode o homem ser bello, tem elle, sem dúvida, realizado a felicidade biológica”⁷⁶.

⁷² TOLEDO, 1930, p. 290.

⁷³ TOLEDO, 1930, p. 290.

⁷⁴ TOLEDO, 1930, p. 291.

⁷⁵ TOLEDO, 1930, p. 292.

⁷⁶ TOLEDO, 1929, p. 65.

O consenso estava estabelecido, ou seja, seria através da formação de novos cidadãos que surgiria uma nova pátria próspera e passível de desenvolvimento. No entanto, “(...) não é o consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos”⁷⁷.

Em Campinas virtudes e vícios, descritos como características sociais e urbanas advindas com o progresso, revelam-se pelos problemas que definiam as mazelas da população brasileira. “A memória (...) repete os símbolos para que a cidade comece a existir”⁷⁸.

A preocupação com o bem-estar do corpo e com a boa aparência ocupa um lugar importante no discurso sobre a formação do jovem. No cotidiano escolar a construção do sujeito, isto é, a constituição e a instauração de valores, seria reforçada pela atividade física visando a uma legitimação dos hábitos. Seria necessário criar uma consciência do indivíduo sobre seu próprio corpo, sobre o que seria um corpo saudável, reflexo que se faria sentir, conforme os ideais vigentes, no corpo da sociedade.

Servindo e legitimando a estrutura da sociedade, além de mostrar-se coerente com os avanços científicos da época, a educação física, sustentada por parâmetros biológicos, passa a ser reconhecida como área atraente de reordenamento destes corpos débeis, incompatíveis com o futuro próspero pretendido para a nação.

A cidade acolhe os projetos urbanísticos e sociais visando à saúde e ao desenvolvimento pautado nos pressupostos modernos. Projetos estes condizentes com ideais do Estado, que deveriam ser devidamente orientados e desenvolvidos em um ambiente familiar ideal: a escola.

⁷⁷ FOUCAULT, 1996, p. 146.

⁷⁸ CALVINO, 2001, p. 23.

1.3 – Limites do Corpo

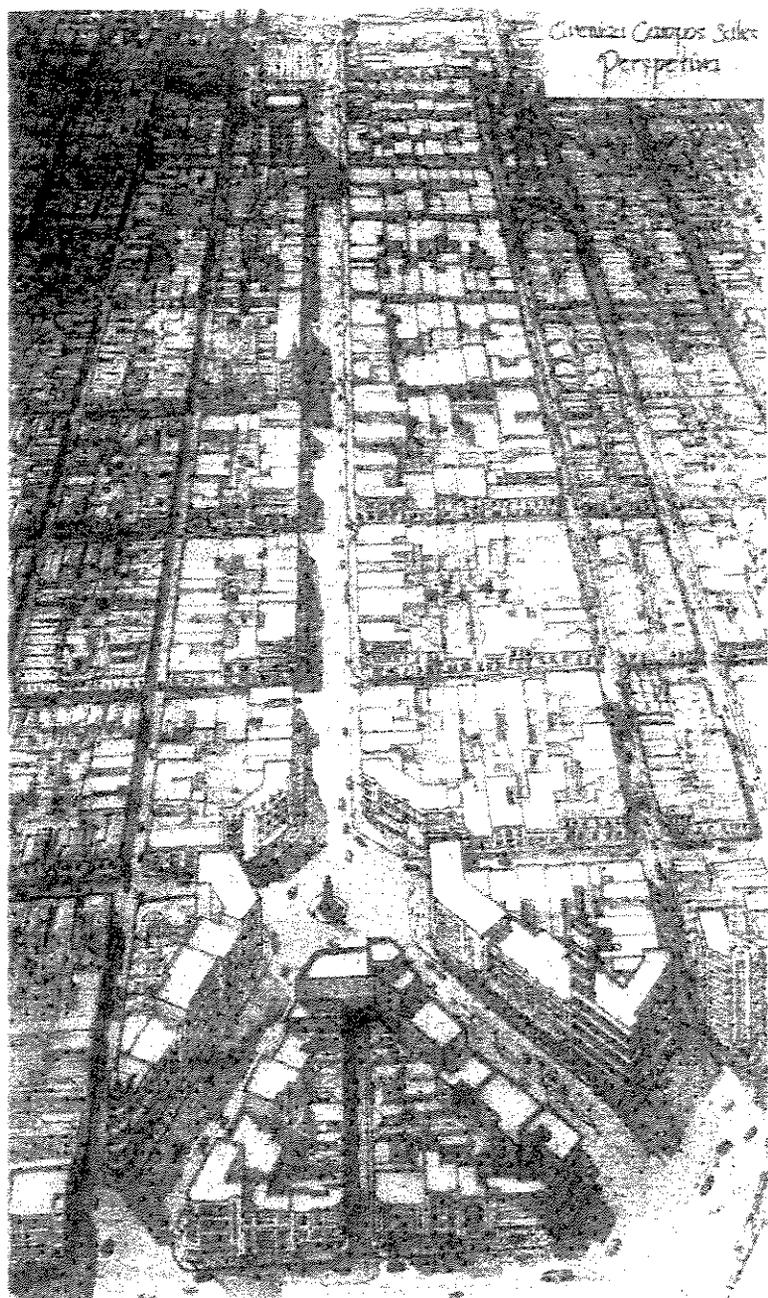


Figura 12: Avenida Campos Sales (Estação - Centro): Campinas-SP.

“Os jogos infantis são impregnados de comportamentos miméticos, que não se limitam de modo algum à imitação de pessoas. A criança não brinca apenas para ser comerciante ou professor, mas também moinho de vento e trem”¹.

A estrutura do espaço urbano apresenta-se, em um primeiro momento, pelo desenho da cidade ideal. A partir do modelo perfeito, os espaços são reavaliados e passam a ser inscrição dos desejos e necessidades do próprio homem que realizou o esboço. A menção refere-se à(s) cidade(s) do período que envolve o Estado Novo, período este movido pelo ideal de fazer do Brasil um país moderno, novo e, conseqüentemente, próspero.

Nas ruas, o convívio entre o velho e o novo fazia do espaço público um lugar suscetível aos vícios. Apesar das construções e inovações advindas com o mundo moderno das máquinas e dos grandes prédios, a pobreza e a sujeira eram consideradas entraves à inserção do país na modernidade. Em especial, a livre circulação dos corpos levava aos centros urbanos o corpo sujo e insalubre das moradias pobres e, com ele, os traços do que deveria ser extinto. A ordem do concreto e a da retidão elegem o modo de ser e de estar do homem moderno, que deveria ser forte e belo, saudável e dinâmico tal qual o ambiente que se construía à sua volta.

O olhar que se lança ao novo habitua-se a esses saberes modernos, assemelha-se a ele. A afinidade entre o espaço urbano e os corpos guarda consigo a importância fundamental do saber que apenas o homem é capaz de revelar e produzir. Para que fosse possível chegar à perfeição, os modelos de virtude e vício eleitos por intelectuais de diferentes áreas passaram a caminhar lado a lado, pois um passa a ser a afirmação do outro, recriando e reagregando palavra e imagem para que fossem atenuados os conflitos e as perdas diante deste novo mundo que se configurava pelo modo de vida que se pretendia urbano, e não mais rural. Os modelos serviriam, assim, à explicação do bom ou mau gesto na cidade grande.

¹ BENJAMIN, 1995, p. 108.

Reconhecidas como as causas que ocasionaram a degradação moral e física de seus moradores, as chamadas “mazelas da cidade” tornaram-se o protótipo de imperfeição inscrito nas ruas e nos gestos dos próprios habitantes. Seguindo este corpo acessível às novas tecnologias, como também aos desvios do padrão de comportamento, a educação do corpo desperta a atenção do poder público atestando a escola como um espaço privilegiado entre os intelectuais preocupados com a reestruturação e a superação de entraves à inserção do Brasil na modernidade.

Legitimando hábitos, dialogando com a sociedade, a escola reestrutura-se a favor “dos valores, ideais e práticas de seu tempo”². Torna-se o espaço da ação direta de médicos e pedagogos preocupados com a nova geração que se construía, assumindo a escola como ambiente ideal. Afastadas das ruas, as crianças encontram-se devidamente protegidas pelos olhares cuidadosos da ciência, da razão e da disciplina que compunham um suposto ambiente de convívio saudável. A fim de garantir a aquisição de bons hábitos, os professores não deveriam abrir mão de tornar o ensino vivo, atraente e prático. Conscientes do papel que lhes cabia na formação da raça, os discursos unem-se em torno do que consideram ser os meios ideais de preparo para a vida social, os quais seriam: a brincadeira, os esportes e a ginástica.

Templo de civilização³, como também de aprimoramento da raça, a instituição escolar passava a ser o local da ordem e disciplina, educando a partir de princípios gerenciados pelas leis do progresso, acolhendo os corpos que se transformavam à medida que as cidades cresciam. Este espaço deveria contemplar a instrução adequada, devidamente orientada e sustentada pelas novas construções e discursos, garantindo a educação intelectual, moral e física das crianças. A educação se daria, enfim, pela vida e para a vida.

Caracterizada por agregar um grande número de crianças, a instituição escolar atua como importante espaço de difusão dos ideais nacionalistas que abarcam a construção da civilização brasileira, a qual deveria contemplar o preparo “physico”, moral e intelectual do homem para o futuro⁴.

² AGUAYO, 1939. p. 25.

³ Termo utilizado por Rosa Fátima de Souza em seu estudo sobre a implantação da escola primária no Estado de São Paulo entre os anos de 1890 e 1910. SOUZA, 1998.

⁴ Revista Educação Física, ano I, n. 1, 1932.

Neste contexto, a Educação Física, conforme a observação de Soares, "(...) foi e é compreendida como um importante modelo de educação corporal que integra o discurso do poder" ⁵. Tal afirmação pode ser entendida a partir da análise do projeto político e ideológico que fazia parte do governo Getúlio Vargas, período este em que ocorreram importantes reformas educacionais no Brasil.

O apelo ao patriotismo permeou os discursos de Getúlio Vargas, desde a Plataforma da Aliança Liberal no Distrito Federal em janeiro de 1930, relacionando a glorificação da pátria à educação do povo brasileiro para o trabalho. Justifica-se, neste contexto, a necessidade de preparação de uma raça forte, capaz de amar e merecer esta pátria engrandecida⁶. Através dos conceitos de raça e pátria, a legislação reintroduziu o tema civismo na legislação educacional, em julho de 1934.

Vargas assume o governo provisório em novembro de 1930. Em 1931, cria o Ministério de Educação e Saúde Pública e anuncia um programa de reconstrução nacional, cujas tarefas seriam o saneamento moral e físico através de uma “campanha sistemática de defesa social e educação sanitária”, difundindo, para tanto, o ensino público através de um sistema que envolvia a colaboração direta com os Estados⁷.

Francisco Campos, em 1931, introduziu a obrigatoriedade de exercícios físicos em todas as classes do ensino secundário, atribuindo-lhe a função de “proporcionar aos alunos o desenvolvimento harmonioso do corpo e do espírito, concorrendo assim para formar o homem de ação, física e moralmente sadio, alegre e resoluto, cômico de seu valor e de suas responsabilidades”⁸.

⁵ SOARES in SOARES, 2001, p. 112.

⁶ HORTA, 1994, p. 147.

⁷ VARGAS, 1938, vol. 1, p. 72.

⁸ Os exercícios de educação física deveriam ser realizados diariamente, com a duração de 30 a 45 minutos, sendo aconselhada a adoção das normas e diretrizes do Centro de Educação Física do Exército. HORTA, 1994, p. 66.

Em 1935...

“Isto dar-se-á de uma forma bastante estranha, por um decreto que cria, no Ministério da Educação e Saúde, uma Inspeção Geral do Ensino Emendativo e estende a todos os estabelecimentos escolares dependentes deste Ministério a obrigatoriedade do ensino da educação física e do canto orfeônico”⁹.

O estranhamento parte da concepção de que, neste ano, a educação passava de problema nacional a problema de segurança nacional, reflexo do aumento do interesse de certos setores militares pelo sistema educativo, os quais visavam ter maior presença nas escolas, defendendo o desenvolvimento físico individual relacionando-o ao fortalecimento da raça¹⁰.

A Educação Física é justificada, nesse momento, por ser referência do trabalho realizado em países de civilização mais adiantada, como também pela crença de que a “Nação é um somatório do valor triplice (físico, moral e intelectual) de suas parcelas (os indivíduos)”. Incluía-se, com isso, a educação eugênica como um dos deveres do Estado, guiada pelo ideal de aperfeiçoamento físico do indivíduo¹¹.

Ao ser elaborada a constituição de 1937, Francisco Campos, então ministro da justiça, abre espaço para que fosse possível a difusão de práticas consideradas mecanismos de mobilização da juventude, a qual deveria ser objeto de cuidados especiais por parte do Estado. No capítulo referente à educação, priorizou-se a fundação, pelo Estado, de instituições destinadas a promover aos jovens “disciplina moral e adestramento físico”, com o objetivo de prepará-los “ao cumprimento de seus deveres para com a economia e a defesa da nação”¹².

⁹ A obrigatoriedade do canto orfeônico é justificada tanto por seu valor educativo quanto por ser considerado um meio de renovação e de formação moral e intelectual. HORTA, 1994, p. 147.

¹⁰ HORTA, 1994, p. 2.

¹¹ HORTA, 1994, p. 147.

¹² HORTA, 1994, p.205.

Supõe-se que, ao incluir tal dispositivo, Francisco Campos estaria forjando uma estreita ligação do Estado com o sistema de ensino, que ele contava poder dirigir dominando o Ministério da Educação. Neste mesmo capítulo da Constituição destinado à educação, Campos incluiu a obrigatoriedade do ensino cívico e da Educação Física em todas as escolas primárias e secundárias do país, visando estabelecer bases sólidas para garantir seu predomínio nesta área. “Naturalmente” vinculada a este movimento, a Educação Física passou a traduzir a ligação existente entre educação e saúde e logo passou a ser relacionada ao objetivo de fortalecimento da raça¹³.

As aulas de Educação Física nas escolas brasileiras do período caracterizavam-se, enfim, pelas premissas de um governo que cada vez mais considerava o ensino premissa básica para o desenvolvimento do país, mesmo não apresentando um programa educacional estruturado. A evolução contínua das discussões em torno do ensino tendia sempre para um mesmo sentido: colocar o sistema educacional a serviço da política autoritária e centralizadora de Getúlio Vargas¹⁴.

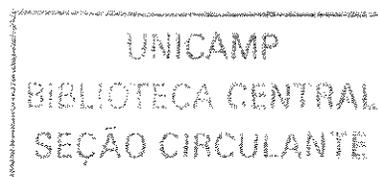
Seguindo tal referencial, os documentos de Otilia Forster permitem uma análise mais detalhada das aulas do período, as quais apresentam o ideal moderno como fator importante para a (re)construção da nação. Também neste período os jovens recebem atenção especial por serem eles os representantes do conhecimento racional e da disciplina, impostas pelas normas de civilidade.

Cada sociedade, em busca de identidade, elege um certo conjunto de atributos conferidos ao homem, gerando uma série de projetos que versam sobre as atividades corporais de acordo com uma máxima codificação dos espaços, do tempo e do movimento, sujeitando constantemente suas forças, formando corpos obedientes, aptos e capazes em sua relação cotidiana com o mundo novo¹⁵.

¹³ HORTA, 1994, p. 67.

¹⁴ HORTA, 1994, p. 2.

¹⁵ LIMA, 1979, p. 19.



Contempla-se, com isso, “um trânsito ininterrupto entre o corpo e o espaço urbano, há um prolongamento infinito e, em via dupla, entre o gesto humano e a marca ‘em concreto’ de suas ambições e de seus desejos”¹⁶. Seguindo o olhar que confunde os traços do espaço urbano com o corpo, a *urbe* abre espaço para ser narrada através de um dos elementos que envolvem tais projetos, pois, neste momento, a ginástica torna-se o cerne para que se possa conhecer a cidade. Reafirmando a Educação Física como a área capaz de agregar diferentes saberes, higienistas, eugenistas e pedagogos ao se unirem proclamam um projeto comum: a regeneração moral e física dos homens, tornando estes corpos identidade e reflexo de um Brasil que se regenerava física e moralmente.

¹⁶ SANT’ANNA, 1995, p. 17.

Capítulo Dois

O Exercício do Poder



Figura 13: Menino com Pião (1947) – Candido Portinari

De São Paulo Otilia traz o Método Francês de Ginástica e, com ele, a beleza, força e saúde, apresentando à nova geração os limites do corpo através dos saltos, evoluções, rodas, flexionamentos executados por imitação, exercícios mímicos, pequenos jogos e jogos respiratórios. Estes eram devidamente autorizados pela razão científica do período¹.

¹ O texto apresenta dados presentes na entrevista cedida por Otilia Forster (1996) cedidas ao LAHO (Laboratório de História Oral – UNICAMP).

2.1 – Na Escola

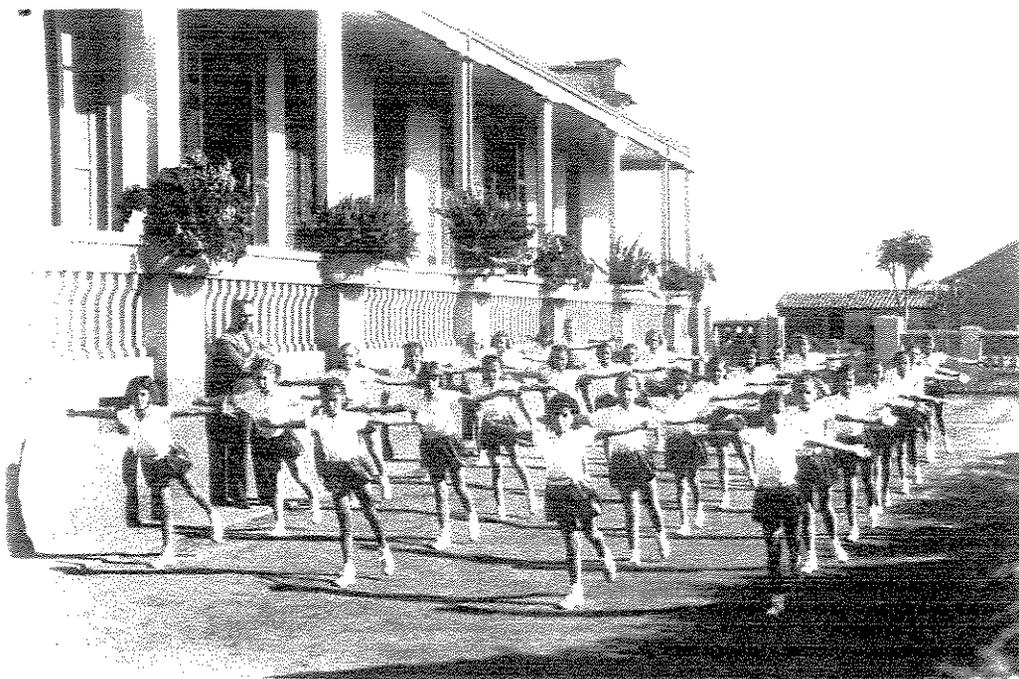


Figura 14: "Aula de Ginástica Feminina" (Grupo Escolar de Souza)

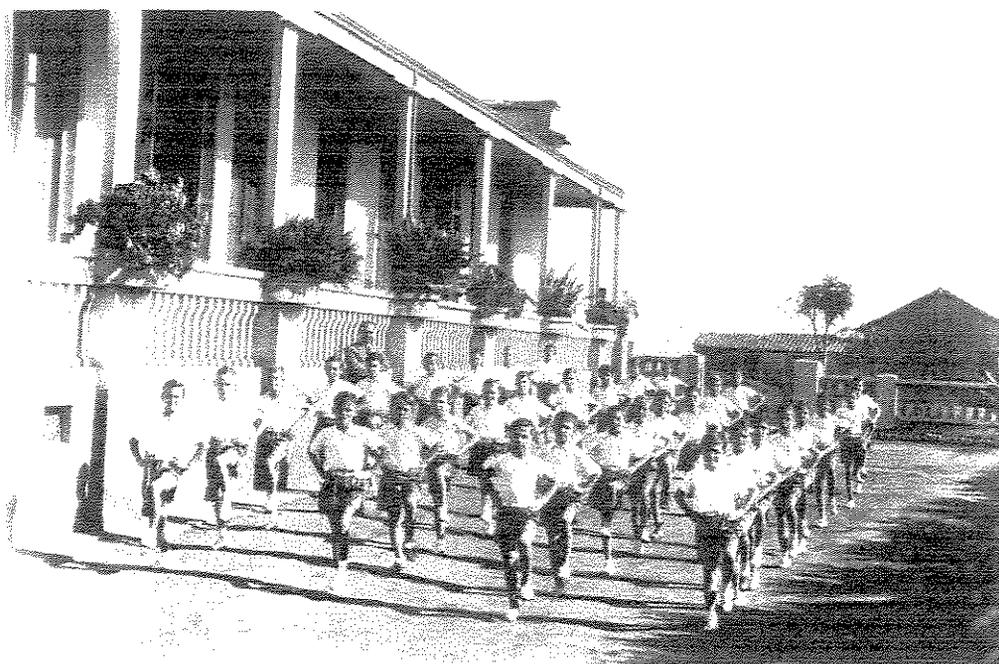


Figura 15: "Aula de Ginástica Masculina" (Grupo Escolar de Souza)

"En la pugna de los espíritus late siempre el germen del progreso; esto nos inclina a esperar, con ánimo confiado, el decisivo avance que ha de salir de esta pugna pedagógica en beneficio de nuestra educación, de la cual ha de brotar asimismo la fuerza impulsiva que determine la regeneración de nuestro pueblo"².

Os professores formados pela Escola Superior de Educação Física de São Paulo³ passavam a ocupar cargos de coordenação no interior do estado, tendo como objetivo difundir a Educação Física em locais mais afastados. Em 1937 Otilia Forster, recém-formada pela escola citada, volta a Campinas como a primeira professora de Educação Física formada e logo é contratada pela Delegacia Regional de Ensino para “coordenar” um programa de estruturação das aulas de Educação Física em Campinas e região. de 1937 a 1945⁴. As aulas eram destinadas a todos os alunos e um programa especial era direcionado especialmente àqueles selecionados que iriam compor as equipes de ginástica de suas escolas.

² RUDE, 1929, p. 102.

³ A Escola de Educação Física de São Paulo foi fundada em 1º de agosto de 1934. Os “instructores de gymnastica” formavam-se em 1 ano de curso, estando aptos a ministrarem o ensino e a prática da “physiocultura”. Os “professores de educação physica” estudavam um ano a mais e estariam aptos a serem “verdadeiros directores de educação physica” nos colégios ou clubes esportivos. O curso foi elaborado considerando ensino da prática e teoria da educação física. Os métodos ginásticos faziam parte do conteúdo. No entanto, apenas o método francês de ginástica era ensinado durante os dois anos de curso. Para serem admitidos, os alunos deveriam apresentar: a) idade mínima de 18 e máxima de 30 anos; b) conclusão do curso secundário; c) identidade; d) idoneidade moral; e) vacinação recente; f) não sofrer de moléstia contagiosa ou repugnante; g) aprovação nas provas de “sufficiencia physica” determinadas pelo Departamento de Educação Física. Revista de Educação Physica, ano IV, n. 7, 1936.

⁴ Os principais documentos considerados correspondem ao período de 1937 a 1945, os quais dizem respeito ao desenvolvimento das aulas de Educação Física, contemporâneo ao Estado Novo.

Otília Forster recebia ordens de São Paulo e participava as informações ao delegado regional de ensino de Campinas, relatando os procedimentos a serem seguidos nos núcleos escolares. Sob constante fiscalização do governo, o desenvolvimento do trabalho de Otília Forster encontra-se condensado em relatórios, circulares, pareceres e fotografias. A partir de sua chegada a Campinas, o futuro próspero e a regeneração física e moral ganham forma e cor, beleza, saúde e força, contemplando o ensino dos futuros homens modernos. Seu trabalho segue definido pelo desenho da cidade ideal, onde apenas os eleitos poderiam participar do projeto de modernização do país.

Através de circulares a então coordenadora enviava aos estabelecimentos de ensino as diretrizes do programa no início de cada ano letivo visando, com isso, à sua uniformização. As circulares chegavam aos grupos escolares assinadas por Otília Forster, mas devidamente autorizadas pela Delegacia Regional de Ensino.

Em circular entregue aos grupos escolares, datada de 12 de fevereiro de 1941, redigida por Milton de Tolosa, então Delegado Regional de Ensino, explicita-se o papel da professora como intermediadora entre este órgão do governo e os diretores dos estabelecimentos de ensino.

“Esta delegacia vem determinar-vos, com relação à prática de Educação Física no estabelecimento sob vossa direção, a adoção da seguinte prática:

1º - sejam estritamente seguidas as instruções constantes da circular de 6/3/1940 que vos foi dirigida pela professora de Educação Física desta delegacia, D. Otília Forster;

2º - sejam, até ordem em contrário, seguidos nêsse estabelecimento, os mesmos planos de aula que, pela mencionada professora, vos foram fornecidos;

3º - sejam imediatamente organizadas as **equipes de ginástica**, nos moldes traçados pela circular de 6/3/1940, e a sua constituição comunicada à delegacia em 2 vias;

4º - seja por vós remetido à delegacia, até 15 de dezembro, impreterivelmente, um relatório sucinto mas completo dos trabalhos de Educação Física, durante o ano, em 2 vias.

Desse relatório deverá constar:

- a) as equipes do grupo, sua constituição e número de crianças por sexo;
- b) uniforme adotado, peças e cores;
- c) critério adotado para a seleção dos alunos;
- d) professor responsável pela equipe;

- e) orientação seguida nas aulas de Educação Física;
- f) comemorações e certames em que a equipe tenha tomado parte;
- g) juntar sempre que possível, fotografias e recortes de jornais mais pertinentes ao assunto.”⁵

Apresentando desde as normas a serem seguidas na condução das aulas até uso de uniformes pelos alunos, os relatórios dos grupos escolares tornam-se expressão de uma visão autorizada de ensino pelos órgãos administrativos, confirmando em forma de texto o movimento criado para e pelas aulas de Educação Física, anunciando, ainda, a preocupação constante dos dirigentes com o desenvolvimento e fortalecimento de seu povo, pretendendo torná-lo civilizado.

Através do contato direto com as escolas, Otilia Forster realizava a avaliação do ensino, formulada a partir dos relatórios entregues pelos diretores dos estabelecimentos de ensino ao final do período letivo. Elaborados não por professores, mas pelos diretores, cabe destacar que as informações contidas nos relatórios dos estabelecimentos de ensino que chegavam às mãos de Otilia Forster são visões extremamente parciais, na medida em que a apreciação sobre o andamento das aulas partia não daqueles envolvidos diretamente com o ensino, mas daqueles que ocupavam cargos superiores dentro das escolas.

Tais relatórios continham pareceres acerca do desenvolvimento das aulas e desempenho dos alunos, ou seja, informações pertinentes às instruções previamente deferidas por Otilia Forster. Os relatórios encaminhados pelos diretores dos grupos escolares chegavam à Delegacia Regional de Ensino já organizados pela professora na forma de relatórios de atividades.

Assim, os relatórios de atividades eram compostos pela lista dos grupos escolares que receberam instruções e daqueles que enviaram efetivamente os relatórios, com ou sem fotografias, os horários das aulas ministradas por Otilia Forster, planos de aula distribuídos, nomes dos professores auxiliares responsáveis por representar as escolas, além do resumo de suas atividades contendo críticas positivas e negativas sobre o trabalho, tendo anexos os relatórios dos grupos escolares.

⁵ Circular distribuída pela Delegacia de Ensino aos grupos escolares no ano de 1940, conforme citado. Tais instruções permanecem durante o andamento do trabalho junto aos estabelecimentos de ensino, de 1937 a 1945. Coloco em destaque as **equipes de ginástica** como forma de reafirmar a atenção especial conferida a este conteúdo das aulas de Educação Física do período citado.

As aulas ministradas pela professora, denominadas “aulas-modelo”, eram baseadas no Método Francês⁶ de ginástica e deveriam, obrigatoriamente, ser assistidas pelas respectivas professoras do grupo escolar em que as mesmas ocorressem e, eventualmente, assistidas por professores de demais grupos. Tais professores, seguindo o plano de aula distribuído, seriam os responsáveis por dar continuidade ao ensino iniciado na ocasião das aulas.

A ginástica francesa foi oficialmente implantada no Brasil em 1921, através do decreto n.14.784. Pautado nos ideais pedagógicos de Rousseau, Condorcet e Leppelletier, este método ginástico conserva a educação integral do homem como essencial para o desenvolvimento social do cidadão. Então recomendada não apenas aos militares, mas a todos os residentes no Brasil, a ginástica francesa coloca-se como importante meio para a formação do homem universal⁷.

A entrada deste método no Brasil deve-se à Missão Militar Francesa, a qual se deu no ano de 1907, “com a finalidade de ministrar instrução militar à Força Pública do Estado de São Paulo”. Sua presença na escola significava a presença da força militar brasileira neste ambiente, pois a questão educacional, conforme citado anteriormente, passou a ser problema de segurança nacional, no ano de 1935⁸. No entanto, a presença deste método nas escolas brasileiras, antes de significar uma suposta “militarização das aulas de educação física”, devido a suas raízes, a escola francesa de ginástica é implantada por ser uma prática científica, que apresenta propostas voltadas ao enaltecimento da nação, ordem, disciplina, formação de hábitos, dentre outras⁹.

⁶ Alguns relatórios e depoimentos que constam no Acervo de Otilia Forster, Centro de Memória – UNICAMP, citam o Método Francês como aquele que vem substituir a antiga severidade do método sueco, então em desuso. Otilia Forster, expondo o programa de demonstração pública realizada em 10 de setembro de 1939, deixa clara a opção pelo método: “(...) a parte esportiva do programa constou de: demonstração de uma aula de ginástica pelo método francês, a comando, com 450 alunos” – Relatório de atividades referente ao ano de 1939.

⁷ SOARES, 1994, p. 61. Complementando a discussão, cabe ainda destacar que o Método Francês chega ao Brasil com base na Escola Militar Joinville-Le-Pont. Reeditado em 1927, sob o nome de “Reglément General D’Éducation Physique, Méthode Française”, define a forma final do chamado “Regulamento n. 7 de Educação Física”, ou ainda Método Francês, oficialmente adotado no Brasil em 1930 com a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública. Sobre o tema ver, em especial, SOARES, 1994 e GOELLNER, 1992, p. 63-70.

⁸ HORTA, 1994, p. 2.

⁹ Dentre as principais áreas que influenciaram sua sistematização destaco a biologia, pedagogia, medicina, anatomia e fisiologia. SOARES, 2001, p. 60-68.

As “aulas-modelo” de ginástica, responsáveis por difundir o Método Francês - como também por disseminar esta gama de qualidades que conformariam o homem universal - seguem os mesmos princípios e objetivos destinados às escolas-modelo do final do século XIX. Tais escolas tinham como fim proporcionar a prática de ensino aos professores, então chamados alunos mestres, recém formados pela escola normal, tornando-se um paradigma para as demais escolas públicas do Estado, consideradas centros de irradiação dos novos métodos de ensino¹⁰.

Diante deste quadro, o discurso e prática de Otilia Forster não se distanciam do entendimento que se tinha de escola, de educação e, mais precisamente, de Educação Física da época. Ao associar com muita competência e organização suas “aulas-modelo” à velha fórmula e exemplo das escolas-modelo, a professora tem como resultado um trabalho que envolve a formação e orientação dos professores, priorizando a padronização do método de ensino.

Os planos de aula, elaborados e distribuídos na ocasião das aulas-modelo aos professores que haviam formado em seus grupos escolares as equipes de ginástica, apresentavam como conteúdo o “o quê” e o “como” deveria seguir o ensino de ginástica sob os parâmetros da escola francesa. Os planos de aula contavam com uma base comum a todos, descritos a seguir:

“Fim a atingir: contribuir para assegurar a saúde

Fim geral: desenvolver normalmente as faculdades físicas da criança segundo as condições fisiológicas do crescimento e particularmente a função respiratória. Auxiliar o desenvolvimento da criança pelo exercício atraente; explorar sua faculdade de imitação.¹¹”

Um programa de exercícios composto por evoluções e rodas, flexionamentos executados por imitação, exercícios mímicos, pequenos jogos e jogos respiratórios compunha o chamado regime de trabalho, item que determinava o regime de lição a ser seguido:

¹⁰ Rosa Fátima de Souza, em seu livro “Templos de Civilização”, discute as transformações do ensino ocorridas na virada do século XIX para o XX, tendo como pano de fundo a situação política do Brasil que, na época, recentemente deixara de ser Império e passava à condição de República. SOUZA, 1998.

¹¹ Plano de aula elaborado pela professora Otilia Forster e entregue aos grupos escolares em 10 de maio de 1939.

“Regime de Trabalho

Regime de Lição:

1. Sessão preparatória reduzida:

Evoluções

Flexionamentos simples: braços, pernas, tronco

Jogos respiratórios.

2. Lição propriamente dita:

Um exercício de imitação por família

Dois pequenos jogos.

3. Volta à calma:

Normal.”¹²

Tal formato manteve-se em todos os planos de aula elaborados pela professora. As alterações diziam respeito apenas aos exercícios que seriam executados no decorrer do ensino, tendo como produto diferentes coreografias a serem apresentadas em comemorações públicas pelas equipes de ginástica.

Atenta ao resultado do trabalho, Otilia Forster detalhava cada etapa do planejamento, indicando para qual turma as aulas deveriam ser direcionadas, faixa etária dos grupos, os exercícios a serem desenvolvidos, além do tempo de duração das sessões apresentadas.

A “sessão preparatória reduzida” era equivalente a dois décimos da lição, aproximadamente quatro minutos do total da aula, partindo da chamada evolução - “os alunos estando em marcha normal a um sinal da professora as crianças iniciam um canto conhecido”¹³ - dando seqüência aos flexionamentos de braços, pernas, tronco e caixa torácica, contendo, ainda, o número de repetições para cada exercício descrito.

¹² Plano de aula datado de 10 de maio de 1939, elaborado para o 2º ano do ciclo elementar – turmas femininas e masculinas do 1º e 2º anos, referente à faixa etária de 7 a 9 anos, com duração total de 12 a 20 minutos.

¹³ Plano de aula de 10 de maio de 1939.

Um tempo maior era dedicado ao desenvolvimento da “lição propriamente dita”, sete décimos, ou aproximadamente quatorze minutos, que seriam dedicados a: marchar¹⁴, trepar¹⁵, levantar e transportar¹⁶, correr, lançar e atacar e defender-se, além de dois chamados pequenos jogos¹⁷. Os exercícios de canto e marchas, além dos exercícios de ordem conformam a chamada “volta à calma” afirmando o término da aula, fase esta que corresponde a aproximadamente dois minutos do total.

Cabe lembrar que as aulas de ginástica, com a conseqüente formação das equipes de apresentação, foram constantes e prioritárias no trabalho desenvolvido por Otilia Forster. No entanto, havia ainda os jogos esportivos – tanto individuais quanto coletivos – que passaram a ter destaque por volta de 1942, momento em que ocorreu certo descontentamento, por parte dos professores, envolvendo a falta de colaboração dos professores da rede de ensino de Campinas e região no trabalho com as equipes de ginástica. Tal fato refletia-se na organização das equipes, que se tornaram escassas a partir de então.

“A dificuldade apresentada em alguns grupos escolares na organização das equipes é arranjar professor responsável que siga minhas instruções, repetindo a 2ª aula semanal, pois elas alegam que nada recebem, nem mesmo alguns pontos por ano...(...)”¹⁸.

¹⁴ “O anão e o gigante” é um exemplo de “marcha” citado por Otilia Forster, no qual os alunos em círculo, marcham flexionando as pernas recordando a andadura de um anão, ou sobre as pontas dos pés aumentando suas alturas o mais possível para imitar um gigante, conforme o comando do professor. Plano de aula de 10 de maio de 1939.

¹⁵ Um dos exercícios existentes para trabalhar tal fim é o chamado tirador d’água, no qual “as crianças formadas em uma só fileira ou em círculo, imitam o gesto de quem tira água por meio de um balde preso por uma corda”. Plano de aula de 10 de maio de 1939.

¹⁶ No “sapo”: “as crianças em círculo flexionam as pernas, e os pés, colocam as mãos no chão, corpo direto, e dão pequenos saltos no lugar, imitando o sapo”. Plano de aula de 10 de maio de 1939.

¹⁷ Referência ao plano de aula de 10 de maio de 1939.

¹⁸ Depoimento de Otilia Forster acerca do andamento das aulas de Educação Física no ano de 1942 presente nos relatórios de atividades referentes ao ano de 1942.

Mediante tais ocorrências, ou seja, os entraves que cercam a continuidade de um bom desenvolvimento das aulas de Educação Física devido a falta de estrutura para que se desse a exclusividade do trabalho com a Ginástica Francesa, a professora Otilia Forster inicia alguns treinos de jogos esportivos: Bola ao Cesto, Voleibol e Atletismo. Estava em processo de elaboração a Iª Olimpíada Infantil Campineira, caracterizada por competições entre os grupos escolares. No entanto, a ginástica persiste ocupando um lugar especial na abertura dos campeonatos, trazendo assim sua ordem, exibida em forma de colunas devidamente alinhadas, e o patriotismo, através do canto.

Buscando uma explicação do porquê ser a ginástica o principal conteúdo desenvolvido nas aulas de Educação Física ministradas por Otilia Forster, encontro um esclarecimento plausível nas palavras do Dr. Américo R. Netto, professor da Escola Superior de Educação Física do Estado de São Paulo. Dizia ele: “Ela (a ginástica) busca o homem normal, médio, reduzindo ao mesmo denominador comum todos os typos que se afastam do padrão normal”¹⁹.

Divulgando as significações que envolviam esporte e ginástica na Revista Educação Physica²⁰, importante veículo de divulgação científica da área durante o período, este professor realiza uma leitura pormenorizada das associações pertinentes ao esporte e a ginástica, descrevendo uma prática caracterizada pela ausência da luta, a qual representava a ação coletiva através da ausência de disputa.

A ginástica era classificada como uma prática eminentemente educativa em função estática latente, pois apresentava para cada atitude um gesto correlato. Suas formações em colunas, como também o ritmado e simétrico movimento das pernas e braços, indicavam um padrão humano que se repete e uma preparação pormenorizada insistente e progressiva²¹.

¹⁹ Revista de Educação Física, ano VII, n. 16, 1938.

²⁰ A Revista “Educação Physica” foi publicada entre os anos de 1932 e 1945.

²¹ Revista de Educação Física, ano VII, n. 16, 1938.

“(...) a gymnastica considera o individuo como um problema commum, cujas particularidades procura destacar, conhecer e articular, indo do geral para o especial e deste voltando ao geral, mas com um objectivo diffuso, como quem ensina o alphabeto e syllabario a quem mais tarde deve saber ler”²².

Os esportes eram considerados pelo Dr. Américo R. Netto práticas pouco educativas, nas quais prevalecia o movimento individualizado e sintético por excelência, caracterizado pela “mais ampla e variada liberdade pessoal, do qual nascem os estilos, um para cada praticante (...) com suas variantes de pessoa, de logar e de momento”²³.

Apesar da ausência de professores capazes de cumprir as finalidades prescritas no programa de ensino do método, as equipes de ginástica continuavam a merecer atenção especial por parte da Delegacia de Ensino. O discurso sob fundamentação biológica referente ao desenvolvimento fisiológico da criança não sofre com tais recorrências, pois segue enfatizando a condição primeira de assegurar a saúde.

Assim, os resultados obtidos com o trabalho, principalmente via ginástica, faziam-se sentir tanto pelo desenvolvimento físico quanto moral.

“(...) Inegavelmente, a cultura física, aqui ensinada, vem preenchendo, tanto quanto possível, a sua finalidade e, embora a pouco iniciada, já vem apresentando alguns resultados. Citemos os principais:

- a) as **más atitudes** do corpo de inúmeros educandos estão se transformando em **boas**;
- b) as **faculdades cerebrais** tem sido estimuladas;
- c) o **poder de atenção** está se aumentando;
- d) as **funções orgânicas**, principalmente a **respiratória**, vêm se desenvolvendo normalmente;
- e) a **ordem** e a **disciplina** tem sido adequadas com mais facilidade, graças aos exercícios de ordem, como voltas, passos e formaturas, praticadas pelos alunos”²⁴.

²² Revista Educação Physica, ano VII, n. 16, 1938.

²³ Revista Educação Physica, ano VII, n. 16, 1938.

²⁴ Depoimento do responsável pelo Grupo Escolar de Souza que faz parte do relatório de atividades do ano de 1938.

A escola cumpria seu papel, agindo como veículo de “formação harmônica do corpo e do espírito” através da atenção dispensada à educação integral do aluno, compreendida por sua formação física, mental e intelectual²⁵. Pautado na eugenia e higienismo, o comprometimento escolar com a formação do aluno concentra-se na hierarquização, ou seja, na idealização de modelos compatíveis com a construção de uma nação forte. Para concretizar tais resultados, o amparo científico foi imprescindível. Eram necessários dados, avaliações que concretizassem a correlação entre força moral e física.

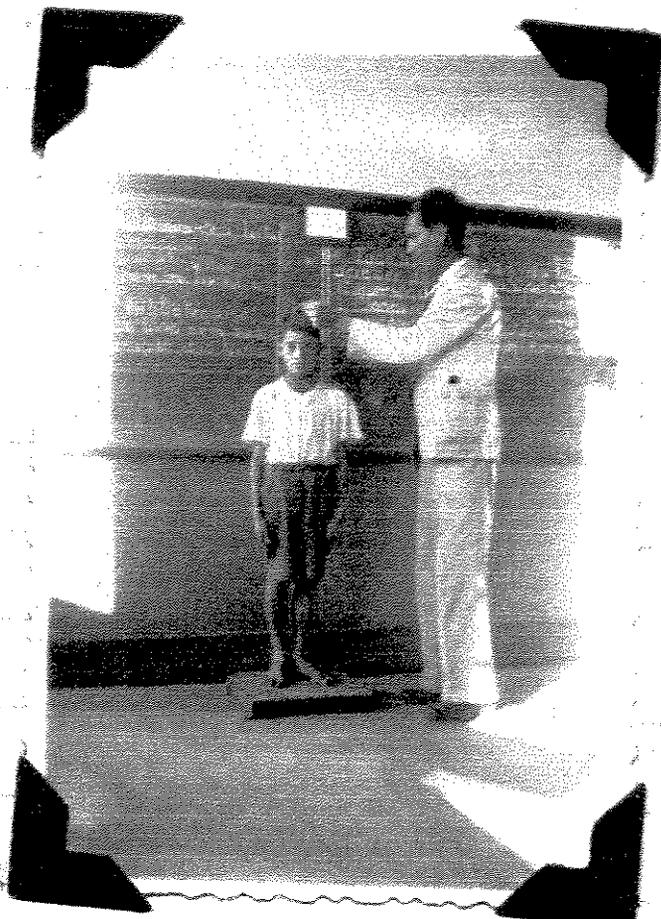
Vale, para isso, voltar à análise do que considero serem os principais focos do trabalho de Otilia Forster junto à formação das equipes de ginástica nos grupos escolares: a seleção dos alunos e o exame médico, num primeiro momento, seguida da análise das fotografias presentes nos relatórios de atividades encaminhados à Delegacia Regional de Ensino por Otilia Forster.

Assim, em “O Corpo sob Medida”, retomo a constante presença dos médicos no âmbito escolar, como também alguns parâmetros de análise utilizados como forma de controle e inspeção dos alunos. Tais fatos expressam tanto o desejo pela saúde perfeita como pela aparência ideal, ou seja, a seleção dos alunos seria realizada por parâmetros médicos, mas, devido à falta de recursos, tal triagem para a formação de equipes de ginástica desdobra-se em formas outras de eleição, a exemplo da seleção pela idade ou aparência, descrita em inúmeros relatórios de atividades enviados pelos diretores dos estabelecimentos de ensino à Otilia Forster.

As fotografias, tratadas em “Corpo e Moldura”, demonstram a “realidade” do imaginário do poder no período, pois estas imagens foram exigidas como forma de avaliação das aulas nas escolas. Revelam, assim, a contínua articulação entre palavra e imagem, pois as interpretações surgiam, muitas vezes, a partir da imagem ilustrando o texto contido nos relatórios, os quais traziam pareceres acerca do desenvolvimento das aulas e dos alunos. Em contrapartida, as fotografias apresentam a fragilidade a partir de pequenos detalhes que, em outras palavras, significam a imperfeição da realidade.

²⁵ AGUAYO, 1939. p. 7.

2.2 – O Corpo sob Medida



EXAME ANTROPOMETRICO DOS ALUNOS

Figura 16: "Exame Antropométrico" (G.E. de Pinhal – SP, 06/dez/1939)

Apesar de assumir suas funções na Delegacia Regional de Ensino em meados de 1937, é no início de 1938 que se pode encontrar uma evidente operacionalização do programa através do Projeto de Orientação para o Ensino de Educação Física, nos Grupos Escolares de Campinas. Este programa notifica que

“Os grupos escolares, conforme ficou estabelecido, deverão ter as suas equipes de ginástica. Essa será selecionada dentre os alunos de 3º e 4º anos, que apresentem a mesma idade cronológica e fisiológica, obtendo-se assim uma turma o mais homogênea possível¹”

sem, portanto, desprezar a força dos parâmetros biológicos existentes na Educação Física, considerando, ainda, que apenas “(...) **os mais fortes, portanto os de melhor aparência²**” participariam das equipes.

Adotados como parte integrante da avaliação e seleção dos alunos que participariam das equipes de ginástica, os exames antropométricos foram parcialmente utilizados por Otilia Forster. Digo parcialmente pois o exame antropométrico exigia uma série de análises que necessitavam de profissionais capacitados para realizá-las. Através da avaliação da circunferência de diferentes membros, do peso, da altura e da composição corporal, os alunos seriam classificados como saudáveis ou não de acordo com um parâmetro de normalidade obtido por meio da comparação de dados. Especialmente o teste de composição corporal necessitava de aparelhagem específica, como também de profissionais competentes, gerando dificuldades na aplicação do método por parte dos próprios professores³.

¹ "Projeto de orientação para o ensino de educação, nos grupos escolares de Campinas e região" referente ao ano de 1938.

² Grifo tais colocações por estas resumirem o ideal de beleza difundido. Elaborado por Otilia Forster, este documento, citado na nota anterior, traz sinais do ponto de vista da professora sobre o que, para ela, seria um trabalho devidamente orientado.

³ Matiegka, em 1921, foi o primeiro cientista a apresentar um modelo de aplicação devidamente sistematizado. As quatro variantes consideradas importantes para o cálculo eram: pesos do esqueleto (S); da pele mais tecido subcutâneo (SK + ST); dos músculos esqueléticos (M); e do restante (R), de forma que os quatro componentes seriam iguais ao peso corporal. Define-se por: Peso corporal total = S + [SK + ST] + M + R. Os valores estimados e formas específicas de obtenção de resultados parciais encontram-se detalhados em McARDLE; KATCH & KATCH, 1998, p. 513.

Realizados muitas vezes pelos próprios professores dos grupos escolares, tais exames revelaram-se providenciais para o período que fazia a leitura da realidade a partir dos dados quantitativos: "(...) foi feito um fichamento muito resumido, por não termos aparelhos, fichas e exame médico necessários, constando somente da parte de minha competência"⁴. A busca de dados estatísticos que pudessem esclarecer a real condição dos alunos revela-se como expressão dos métodos científicos adotados na época, ou seja, uma incansável presença da razão instrumental no âmbito escolar.

A ciência necessitava da precisão para poder realizar um trabalho digno, pois se considerava que o povo, submetido à ficha de controle, no caso os livros de matrícula e exames antropométricos, "é um povo que se sujeita a ser lapidado como um diamante", desde que os lapidários fossem munidos dos instrumentos necessários e dos processos modernos⁵.

Os grupos escolares cumpriam as instruções conforme suas possibilidades. No geral, a seleção dos componentes das equipes de ginástica foi feita com base na idade e na aparência física, pois nem todos tinham acesso a centros de saúde ou contavam com a colaboração de lapidários - ou médicos - especializados.

Devidamente orientado, o seletivo conjunto de alunos que compunha as equipes tinha seus dados pessoais arquivados em livros especiais de matrícula⁶, servindo como parâmetro para posteriores comparações de resultados. O exame médico, para tanto, surge no decorrer do trabalho como fator relevante para a realização de uma análise mais detalhada da condição de saúde dos alunos.

"Os alunos foram selecionados pela idade e físico. Foram escolhidos entre os mais fortes e assíduos à escola. Foi adotado esse critério por não haver médico no lugar e no estabelecimento não existir material adequado para uma seleção mais racional"⁷.

⁴ Depoimento que faz parte do resumo dos trabalhos realizados nos grupos escolares, redigido por Otilia Forster, no período de agosto de 1937 a julho de 1939, no qual a professora relata suas maiores dificuldades e conquistas no início do trabalho.

⁵ Revista Educação Physica, ano V, n. 11, 1937.

⁶ Livros especiais de matrícula, destinados aos integrantes das equipes, foram organizados em cada escola, contendo as seguintes informações: número de matrícula, número de ordem, idade, filiação, naturalidade, profissão e nacionalidade do pai, residência, medidas antropométricas, ano do curso e observações sobre os alunos, servindo como parâmetro para posteriores comparações de resultados. Arquivo Histórico Otilia Forster - Centro de Memória UNICAMP.

⁷ Parecer do Grupo Escolar Rangel Pestana presente no Relatório de Atividades do ano de 1940.

Professores e médicos ganhavam o status de vigilantes de uma obra maior voltada à "redenção do país"⁸. Apresentando-se como representantes da razão científica, os médicos traziam ao meio escolar o saber que garantiria uma avaliação mais detalhada do desempenho dos alunos, complementando, assim, o trabalho dos professores.

Pretendendo reafirmar sua postura, os médicos higienistas realizaram uma curiosa intervenção na “Escola Pacheco e Silva”, obedecendo à determinação da “illustre directoria do Hospital Juquery”. Tal investigação propunha um plano de ensino que continha sugestões para o desenvolvimento dos alunos em idade escolar.

Segundo descrição do trabalho, haveria aulas pela manhã de Educação Física e de disciplinas que constituíssem o programa pedagógico e, diariamente, à tarde haveria aulas de trabalhos manuais. A partir destas aulas, os alunos seriam classificados em dois grupos distintos: “a) susceptíveis de instrução e; b) insusceptíveis de instrução”⁹.

Tal norma de classificação parecia persistir nos demais meios de ensino. Em especial o discurso médico defendia que toda e qualquer irregularidade do aluno deveria ser detectada por exames de saúde que deveriam ser exatos e completos. Os médicos seriam, enfim, os responsáveis por detectar o problema e os professores de Educação Física aqueles que corrigiriam os defeitos físicos. A correlação entre os trabalhos apresentava como objetivo apagar as irregularidades e promover a integração do aluno ao estudo¹⁰. No entanto, para ser possível a realização do trabalho, os alunos seriam divididos em dois grupos específicos.

Os exames médicos¹¹ constituíam o espaço da revista e da observação científica. No caso do trabalho realizado por Otilia Forster, a seleção dos alunos foi uma forma de apreender tal conhecimento médico e agregá-lo aos demais objetivos que a educação física perseguia: a reeducação física e moral dos alunos.

⁸ MARQUES, 1994, p.25.

⁹ Boletim de Hygiene Mental, n. 21, 1930.

¹⁰ Boletim de Hygiene Mental, n. 21, 1930.

¹¹ Legalmente, o exame médico foi requisito das aulas de Educação Física de 1971 (decreto n. 69.450/71) a 1996, quando da promulgação da nova LDB (n. 9.394/96). Os anos de 1980 foram decisivos para a reformulação de tais Leis de Diretrizes de Base para a Educação Física. Durante este período questionou-se, sobretudo, as influências médicas, militares e articulações com teorias raciais, as quais marcaram a inserção da Educação Física nas escolas, especialmente, em fins do século XIX e primeira metade do século XX. Na década de 90 – século XX – professores de Educação Física entenderam que era hora de ultrapassar questionamentos e buscar novas formas de participação da área na cultura escolar. CBCE (org.), 1997, p. 121-122.

Para tanto, o agrupamento de informações sobre as aptidões, vícios e degenerescências dos alunos serviria para estabelecer as normas de conduta, os hábitos a serem seguidos, como também comparar, classificar, categorizar, permitindo comparações futuras sobre o que seria uma boa ou má conduta através de modelos vivos: os próprios alunos.

Visando à homogeneização/normalidade da equipe, o trabalho manteve-se com base na eleição daqueles considerados modelos de saúde e beleza - por influência médica e pedagógica - a serem atingidos. A marginalização dos mais fracos, pobres, franzinos encontra-se patente na própria seleção dos alunos. Apenas os de melhor aparência, ou seja, os mais fortes, seriam capazes de representar um futuro próspero, no esforço de se construir uma nação forte. Assim, pelas palavras do diretor: “(...) Passando em revista os alunos, tenho notado melhor desenvolvimento, maior peso e mais atividade. Penso que o nosso trabalho foi compensador”¹².

O detalhamento das informações contidas no Projeto de Orientação para o Ensino de Educação Física, nos Grupos Escolares de Campinas de 1938, segue enfatizando a obrigatoriedade do uniforme¹³ adotado pela Delegacia de Ensino, o número de alunos, que deveria variar de 20 a 60, sendo a turma mista de meninos e meninas. Definia-se ainda que, uma vez por semana, no próprio horário e período em que estudavam, aqueles alunos iriam compor as equipes de ginástica, sendo uma vez por mês realizada uma aula em conjunto, isto é, com o total de alunos de diferentes escolas que compunham as equipes, ministradas geralmente aos sábados por Otilia Forster.

A obrigatoriedade do uniforme explica-se pelo desejo que se proclama para toda a população brasileira: homogeneizar a população, torna-la um corpo único, um corpo forte, belo, saudável e, conseqüentemente, apto a participar da vida moderna.

¹² Grupo Escolar de Campinas. Relatório referente ao ano de 1938.

¹³ “Constará o uniforme de: blusa branca, calção azul marinho, cinto, soquete e tenis branco. Para as meninas é obrigatório o uso de uma saia pregueada, azul marinho, sendo aberta em um dos lados, será fechada por meio de colchetes de pressão, para ser usada por cima do calção, portanto mais comprida que esse, para os dias de em que houver necessidade de desfilar pela cidade”. Projeto de Orientação do Ensino de Educação Física de 1938.

No ano de 1942 a seleção dos alunos foi modificada. Os alunos envolvidos em equipes formadas para as competições esportivas seriam aqueles que participariam das equipes de ginástica. A aparência física vincula-se, com isso, ao bom desempenho do aluno. A ginástica e o esporte aparecem como atividades complementares, as quais serviriam a um mesmo espaço público.

A Educação Física participa, enfim, da concretização do novo mundo. Fragmenta o corpo, transforma-o em membros, articulações e músculos para, ao final, concretizá-lo sob os moldes da modernidade, visando sempre corrigir, utilizando-se, para isso, dos modelos ora viciosos, ora virtuosos. Elegendo aqueles que melhor representariam tal ideal, os alunos são tirados das ruas e levados novamentê a elas devidamente reeducados. Seriam estes, os mais fortes, portanto os de melhor aparência, que tornariam vivos o silêncio dos prédios e a palavra de políticos, higienistas e eugenistas.

Trata-se do processo de construção do Brasil saudável, forte e belo, do qual a Educação Física participou como mediadora no processo de criação do tipo ideal de homem, vinculando a atividade física, em especial a ginástica, aos ideais de ordem e progresso expressos ora nas palavras dos intelectuais do período, ora na própria cidade. À medida que a Educação Física popularizava-se, atingindo diferentes parcelas da população, difundia-se com ela a “vida anormal das cidades industriais super-povoadas”¹⁴ e a possibilidade de transformar em verdade um possível futuro de progresso e desenvolvimento.

A ginástica é a prática que aparece com maior constância nos relatórios de Otilia Forster. Seu fator educativo, constantemente citado, procurava construir o homem ideal a partir da condução de seus gestos, ou ainda através da avaliação médica, as quais definiriam o novo corpo que seria, posteriormente, apresentado à cidade.

“No ano de 1938 foi organizada neste estabelecimento, a título de experiência, dadas as dificuldades do nosso meio, que é rural e a distância em que moram os alunos, a equipe de ginástica. Um outro fator a observar era a surpresa que dominava os alunos, que não estavam habituados a exercícios assim ritmados, ao uso de calções, etc”¹⁵.

¹⁴ Revista Educação Física, ano V, n. 11, 1937.

¹⁵ Depoimento que consta no relatório referente ao ano de 1938 das aulas do Grupo Escolar de Jardim.

A imposição do modo de vida urbano chega à periferia da cidade provocando o estranhamento dos alunos, como também o imperativo dos instrumentos de correção do corpo. A simples surpresa diante da nova prática indica a forma de utilização, ou apropriação, do corpo das crianças.

O uniforme obrigatório pode ser considerado uma segunda *pele*, a qual revela o corpo como um espaço passível de manipulação direta e concreta que ultrapassa os limites do material. Carrega consigo toda a simbologia e cultura desta época, revelando a necessidade de unificar, homogeneizar o país a favor do desenvolvimento e do progresso.

2.3 – Corpo e Moldura



Figura 17: Secção Feminina de Ginástica (G.E. Luiz Leite, 1938)



Figura 18: "Secção Masculina de Ginástica" (G.E. Luiz Leite, 1938)

“Os retratos, afinal, podem colocar no cêntrico do palco os sujeitos da história: não apenas a sua obra (...), mas sobretudo, o rosto, o corpo e as concepções de vida dos mais diversos personagens que povoam o passado”¹.

O corpo é marcado, enfim, por diferentes histórias que partem de pontos de vista que se aproximam. A higiene, a eugenia e a Educação Física fizeram da educação do corpo o meio de se chegar à civilização da pátria. Neste ambiente específico, referente a 1930 e 1940, o corpo apresenta uma plástica, uma aparência que o elege representante da sociedade. Neste contexto, o homem passa a ser seu corpo e, o corpo, sua alma.

Após reconhecer as intervenções médicas e pedagógicas no ideal de fortalecimento físico e moral da nação, cabe rever o resultado deste processo em imagens fotográficas. Este material, utilizado como ilustração e comprovação dos trabalhos realizados por Otilia Forster, tornou-se uma fonte capaz de retratar fielmente a realidade.

780 fotografias são o resultado de 9 anos de trabalho da professora Otilia Forster junto aos grupos escolares de Campinas e região. Parte destas imagens está presente nos relatórios encaminhados pela professora à Delegacia Regional de Ensino de Campinas para que fosse avaliado o desenvolvimento do trabalho com as práticas que serviriam a apresentações públicas – ginástica e esportes.

“Encomendadas” por este mesmo órgão do governo, as imagens tornaram-se uma forma específica de apresentação e avaliação do trabalho escolar realizado por Otilia Forster, dando visibilidade e veracidade aos fatos. Destacando as práticas corporais, realçando expressões e transformando o discurso da época em algo tangível àqueles envolvidos com a Educação Física escolar, os sentidos destes documentos, que têm como característica representar a própria vida, recuperando tanto a dimensão material do que foi captado pela máquina fotográfica quanto a espiritual, ou da alma. São estes, os sentimentos da alma, expressos na alegria e entusiasmo dos alunos ao realizar a ginástica².

¹ GRANGEIRO, 2000, p. 140.

² CORBIN in PERROT, 1997, p. 423, v. 4.

"Acompanham o presente relatório, algumas fotografias que bem atestam o garbo e entusiasmo com que os alunos das equipes se empenharam durante o ano para o bom êxito não só dos desfiles, como das demonstrações esportivas em que tomaram parte"³.

Transmitindo um certo sentimento nostálgico através do registro da memória, tais fotografias fizeram com que esses alunos se tornassem imortais, pensados hoje como capazes de suscitar lembranças. Repetindo-se constantemente, as imagens trazem os corpos dos jovens, tornando-os locais inesquecíveis. Contudo, esta sensação é frágil na medida em que pensamos não haver mais nada que se possa dizer desses corpos, a não ser o que já foi dito pelos documentos, ou pela própria história. No entanto, segundo Benjamin: "(...) um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites"⁴.

Em outras palavras, a análise da fotografia como registro fiel da realidade não contempla o fato de que as representações artísticas, no caso a fotografia, "tem o compromisso literário de contar uma história"⁵, além de estar diretamente relacionada a outros dois aspectos. São eles a educação do olhar e a difusão de conhecimento que seria considerado conveniente a tais produções⁶.

Seguindo tal perspectiva, meu primeiro olhar incide sobre a disposição dos alunos: as fotos apresentam os jovens escolares que faziam parte das equipes de ginástica. O uniforme expõe-se como uma segunda *pele*, exprimindo corpos igualmente uniformes e rostos assustadoramente homogêneos. Esta foi a juventude que representou o novo, o futuro do homem. Este futuro correspondia, na época, a um vínculo direto com organização, ordem e disciplina. Da mesma forma, saúde e força deveriam fazer parte não apenas do corpo individual, mas também do social.

³ Relato do diretor do Grupo Escolar Francisco Glicério, referente ao ano de 1938.

⁴ BENJAMIN, 1994, p. 37

⁵ MASCARO in *Folha de S. Paulo*: Caderno Mais, dezembro, 2000.

⁶ MASCARO in *Folha de S. Paulo*: Caderno Mais, dezembro, 2000.

São imagens que falam de aulas, desfiles, comemorações públicas, atestando o conjunto de informações contidas nos relatórios sobre o desenvolvimento e o andamento do programa de estruturação das aulas de Educação Física. Se a escola deveria afastar a juventude do ambiente impuro das ruas, acolhendo os jovens em “um ambiente homogêneo e bem equilibrado para as pessoas mais jovens”⁷, as fotografias foram capazes, até certo ponto, de concretizar tal desejo.

Sobre a imagem, Bachelard explicita que:

“Recebemo-la, mas temos a impressão de que poderíamos criá-la, de que deveríamos criá-la. A imagem se transforma num ser novo de nossa linguagem, exprime-nos o que ela exprime, ou seja, ela é ao mesmo tempo um devir de expressão e um devir de nosso ser. No caso ela é a expressão criada do ser”⁸.

Seguindo as palavras do autor, penso nos limites estabelecidos pelo retrato. Neste recorte da realidade, os alunos são alocados em locais específicos. A mesma disposição de seus corpos, devidamente ordenados pela ginástica. Em apresentações públicas ou na escola, estes corpos mantinham a mesma ordem e linha devidamente traçadas pelo professor que se coloca, como artista, ao lado de sua criação. Através desta análise, noto uma certa conquista no campo educacional, pois a educação conquista a rua, transformando-a em palco de mais um projeto do Estado, o qual visava à modernização do país.

Rua e escola apresentam-se nas fotos como cenário. Neste momento, os corpos que estão nas ruas são aqueles que estão na escola, igualmente produzidos e dispostos no ambiente. Expressam materialmente a “aspiração ao nobre, ao correto”⁹. Os meninos e meninas que posam para as fotografias tornam-se o ideal de pureza e vigor. Nestas mesmas imagens, a Educação Física conquista o centro do palco, local este privilegiado para ensinar modos de olhar e de preferir.

⁷ DEWEY, 1979, p. 23.

⁸ BACHELARD, 1977, p. 32.

⁹ A expressão em destaque é de Mário de Andrade, específica do conto *Frederico Paciência*, a qual exprime o desejo de Juca de ser tão virtuoso quanto Frederico. ANDRADE, M., 1999, p. 76.

O espaço urbano, com suas concretas realizações (prédios, indústrias, novas vias de circulação...), apresentou ao morador de Campinas a possibilidade de um mundo novo. Propiciou-lhe, à mesma medida, a vivência deste novo. Na cidade, o corpo movimentava-se através das linhas que o espaço lhe permite. A arquitetura sugere os caminhos a serem seguidos. Há uma ordem, uma disposição de elementos espaciais e temporais que direcionam o olhar para o novo, para o futuro promissor que seria alcançado pela higienização do corpo, como também por seu fortalecimento.

“O olhar é aquele que traça esta visão”¹⁰, que reconhece neste espaço algo “mágico” que começa a existir com a atmosfera metropolitana pairando sobre a cidade. Assim, aqueles que viviam em locais insalubres, cortiços, passam a ser tratados como elementos viciosos, que devem ser corrigidos, apurados, fortalecidos para sanar os males que remetiam o Brasil ao atraso.

No caso da escola, tratada como o ambiente puro, como a família ideal, os alunos passam a ser reconhecidos como produto de uma soma de esforços de diferentes áreas preocupadas em fazer deles cidadãos civilizados, empenhando-se, ainda, para que estes jovens pudessem fazer parte da paisagem que se construía fora dos muros da escola.



Figura 19: Alunos da Equipe de Ginástica do “6º Grupo Escolar” (Campinas-SP)

¹⁰ ALMEIDA, 1999, p. 25.

Contudo, certas marcas no corpo e nos gestos dos alunos fazem com que a escola perca sua imunidade à proporção que se torna possível reconhecer certas imperfeições. Seguindo tal questionamento, volto, mais uma vez, à cidade. Procuo a resposta na rua, pois, no período em questão, foi deste espaço que partiram as incertezas, os vícios e os maus hábitos que marcaram os corpos e o levaram para a escola.

O enquadramento desses corpos tão semelhantes dentro ou fora da escola, apresentando gestos contínuos e uniformes indicativos de um padrão humano que se repete, limita não apenas o retrato, mas os corpos que deveriam ser vistos. A afirmação parte de uma simples questão: onde estariam os meninos e meninas que, com seus pés descalços, corriam sem lei ou norma pelas ruas tortas da periferia?



Figura 20: Grupo Escolar do Taquaral (Campinas-SP: 1939)

Em um primeiro momento julguei que estes se encontravam além do enquadramento do retrato. Mantinham-se fora da moldura que se formara ao redor destes corpos que iriam participar dos desfiles públicos, representando o Brasil próspero. No entanto, surpresa, encontro estes pés descalços não mais nas ruas, mas na própria escola, procurando, em algumas imagens, esconder seus pés para que não pudessem ser vistos.

Pode-se constatar, através de tal fato, que a realidade escolar podia contar com certas resistências dos alunos, apesar de devidamente uniformizados com calções, ou saias, azuis e blusas brancas, sugerindo a harmonia das formas. Ou ainda, imagino que a escola era, justamente, o lugar destes corpos tortos, pois seria este ambiente puro que iria moldá-los, transformá-los para que pudessem desfilar e apresentar aos demais o futuro do país.

A fotografia congela o instante. Não o instante real, mas sim a imagem idealizada por pessoas que visavam transformar em verdade seus desejos, medos e necessidades. Desejavam, então, trazer para o centro do *palco*, no caso a cidade, estes jovens devidamente lapidados pela educação física.

Capítulo Três

O Corpo em Exposição



Figura 21: Grupo Escolar “Cel. Joaquim José” (São João da Boa Vista –SP, 1938)

O trabalho de Otilia Forster sai às ruas de Campinas e região integrando-se ao cenário do progresso e do desenvolvimento das cidades¹.

O ritmo é geralmente o dos pés. Um passo familiar. A equivalência dos participantes se ramifica na equivalência de seus membros. Cada perna, cada braço parecia viver por si só. Todos atuavam da mesma maneira e com a mesma intenção, sentindo-se como um em sua excitação extrema. Os passos somados simulam um número maior de homens, envolvendo toda a cidade².

¹ Informações que constam no Acervo Otilia Forster, Centro de Memória - UNICAMP

² CANETTI, 1995, p. 29-33.

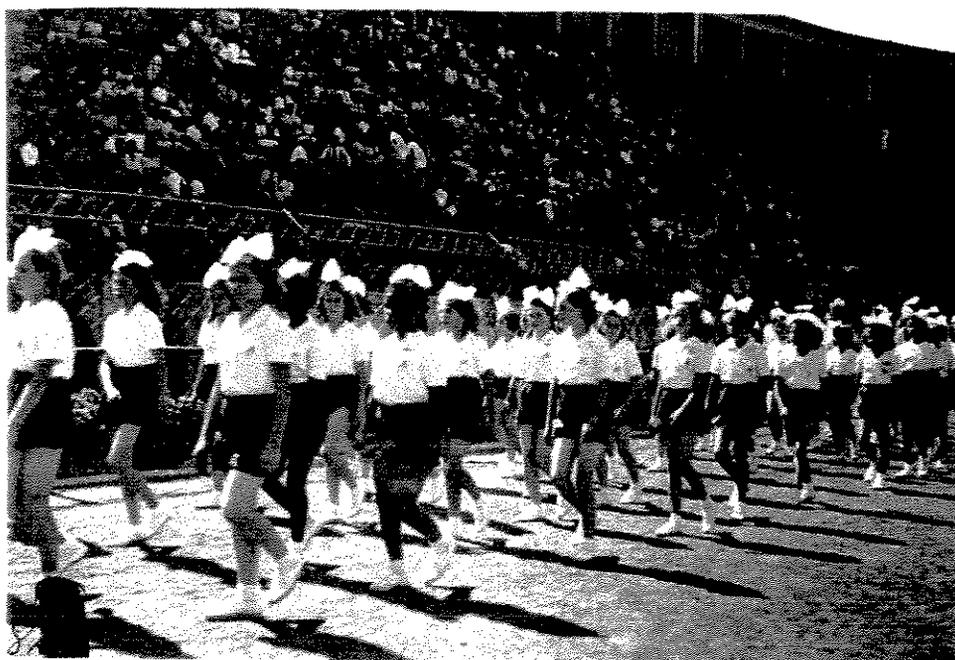


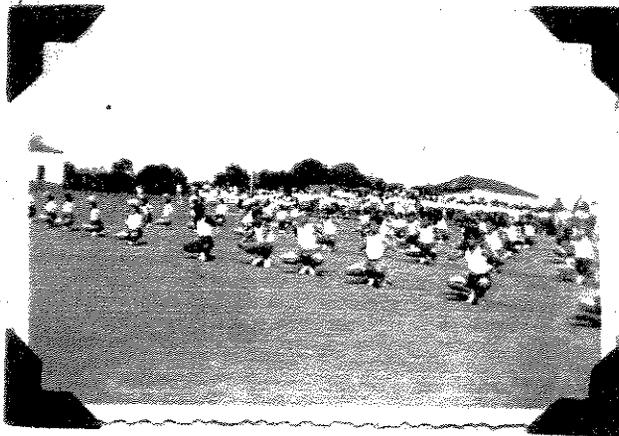
Figura 22: "Inauguração do Estádio do Pacaembu" (1945) - Desfile



Figura 23: "Inauguração do Estádio do Pacaembu" (1945) - Demonstração de Ginástica



Figura 24: "X Aniversário da Escola de Educação Física do Estado de São Paulo" (Estádio do Pacaembu, 22/out/1944)



DEMONSTRAÇÃO DE GINASTICA NA PRAÇA PUBLICA

??????????????

Jardim, 6-12-939

Figura 25: "Demonstração de Ginástica em Praça Pública" (G.E. Jardim)



Figura 26: "Aluna na abertura da III Olimpíada Campineira" (1944)

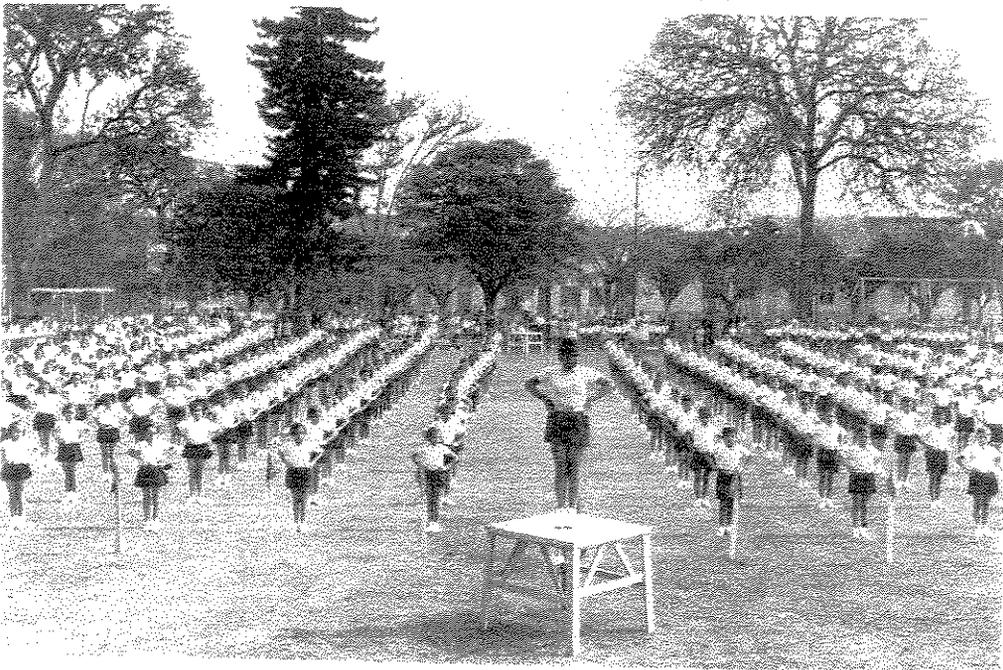


Figura 27: Demonstração Pública de "Aula-Modelo" de Ginástica



Figura 28: "III Olimpíada Campineira" (1944) – Cerimônia de Abertura



Figura 29: "Público da III Olimpíada Campineira" (1944)



BRASIL

Figura 30: "Alegorias do Brasil"



Figura 31: "Desfile de 7 de Setembro"

Tanto pela formação das equipes de ginástica quanto pela conseqüente presença dos jogos esportivos - individuais e coletivos - nas comemorações públicas, o corpo atlético torna-se o alvo principal da Educação Física escolar: cuidar do corpo seria prepará-lo para ser mostrado e elevado a símbolo da regeneração física do Brasil.

As festividades, envolvendo "rituais cívicos", monumentos e símbolos nacionais, merecem uma interpretação que ultrapasse questões de organização interna dos estabelecimentos de ensino³, pois visavam enaltecer o Brasil, unindo um grande número de pessoas em torno de um ideal comum: a inserção do país no mundo moderno.

Considero as comemorações públicas uma análise do produto final do trabalho de Otília Forster. O referencial, diferentemente do que ocorria com o exame médico, não está somente naqueles que cumprem o programa dentro dos muros da escola, mas também naqueles que admiram a qualidade das apresentações dos grupos escolares nas festividades, servindo ainda de propaganda política para o Estado.

³ HOBBSAWM e RANGER, 1984, p. 22.

Para transformarem-se em nacionais, os valores que se encontravam ainda vagos para a população brasileira, como o “amor à pátria” ou o “patriotismo”, foram sacralizados e concretizados em atitudes e eventos que homenageariam a pátria⁴. As datas cívicas passaram, então, por uma espécie de “seleção”, ou seja, foram escolhidas aquelas que mereceriam ser comemoradas e elevadas a “tradições nacionais”⁵.

Tal movimento se dá, ainda, pelo quadro político e econômico brasileiro. A criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) ocorre na expectativa de centralizar, coordenar, orientar e superintender a propaganda nacional⁶. Portanto, não é de se estranhar a existência de inúmeras comemorações cívicas nesta época, as quais estão vinculadas a datas cívicas, como 7 de setembro, 12 de outubro (dia da raça)⁷ e 15 de novembro.

“A publicidade é, talvez, o exemplo mais ilustrativo da forma de investimento sobre o corpo”⁸, pois o controle pelos meios de comunicação se exercia também sobre um ideal de corpo a ser difundido. Assim, as fotografias que acompanham os relatórios anuais dos grupos escolares, exigidos pela delegacia de ensino, passam a ser uma prévia de um trabalho escolar que tinha por objetivo a exposição deste corpo.

No dia da raça, como nas demais comemorações, um grande número de pessoas encontrava-se reunida em um mesmo ambiente. Envolvido pela música, pelas saudações, mesmo quem não desfilava participava da festa: “(...) as milhares de bandeiras que drapejam farfalhantes dão ao ambiente um entusiasmo febril, comunicativo, que empolga, galvaniza (...) reina alegria por toda a parte”⁹.

⁴ BITTENCOURT, 1990, p. 168.

⁵ BITTENCOURT, 1990, p. 178.

⁶ GOELLNER, 1992.

⁷ De acordo com os documentos presentes no Acervo Histórico de Otilia Forster, o “dia da raça” era comemorado na mesma data em que ocorriam as celebrações da semana da criança – 12 de outubro. Tal comemoração agrega essencialmente a celebração da raça brasileira e da grande nação à visão do “glorioso” futuro do país. Pelas palavras de Loyola, o “dia da raça” colocava em cena “a mocidade do Brasil(...)”. Os jovens de cabeça erguida, atitude correta, passo firme, marcham garbosamente, sorridentes e belos, disciplinados e convictos, uma esplêndida visão do que será o Brasil glorioso de amanhã”. LOYOLA apud GOELLNER, 1943, p. 3.

⁸ Em sua tese de doutorado, a autora Ana Márcia Silva discute temas atuais como a reificação do corpo através do culto à aparência e seu constante uso pela mídia como sinônimo de saúde e beleza. Trata-se de uma discussão que, na década de 40 – século XX – apresenta ideais publicitários próximos aos de hoje, ou seja, um corpo desejado devido a valores de saúde e beleza que lhes foram (são) atribuídos. SILVA, A. M., 1999.

⁹ LOYOLA apud GOELLNER, 1992, p. 149.

A “multidão enche as ruas, desloca-se de um lugar para o outro, movimenta-se sempre, ávida por aplaudir o grande espetáculo”¹⁰. Constituindo uma “muralha”, os espectadores passavam a delimitar o espaço da apresentação com seu próprio corpo, compondo uma outra cidade na medida em que “Todos os presentes voltam as costas à cidade”¹¹ primeira.

A imagem dos jovens alunos em idade escolar, desfilando ordenados e disciplinados, simulava a nação devidamente educada e higienizada. Celebrando virtudes¹², busca-se a participação da população, sem a qual não seria possível a concretização do ideal de transformar o país em uma nação una e homogênea, como bem definira Prestes Maia¹³ ao elaborar o Plano de Melhoramentos Urbanos de Campinas.

O caminho já havia sido traçado dentro dos muros da escola. A participação dos alunos em comemorações públicas era uma exigência determinada pela Delegacia Regional de Ensino. Eles seriam os astros da festa. Todos estavam ali para assistir aos representantes da pátria. Mas, para cumprir tal papel, esses alunos perdem sua identidade própria e passam a ser apenas virtudes. São os jovens que “(...) de cabeça erguida, atitude correta, passo firme, marcham garbosamente, sorridentes e belos, disciplinados e convictos”¹⁴.

Nas ruas, as apresentações eram realizadas de forma que todos pudessem sentir e ver o mesmo. Todos se comportavam de modo semelhante, todos se viam. A excitação visível de uns aumentava a dos demais, que aclamavam, por fim, a juventude que se construía. Assistindo ao espetáculo, pais, professores e figuras importantes do governo representavam uma margem sólida, limitando não o movimento, mas o caminho que estes jovens alunos deveriam seguir¹⁵.

Merecendo atenção particular por parte dos professores, aulas especiais eram realizadas para as equipes, reuniões feitas para que fosse definido o trabalho visual final que daria forma, cor e som às conquistas realizadas. Nestas reuniões imagens e idéias eram discutidas, com as quais produzir-se-ia o espetáculo.

¹⁰ LOYOLA apud GOELLNER, 1992, p. 149.

¹¹ CANETTI, 1995, p. 27.

¹² ALMEIDA in SOARES, 2001, p. 80.

¹³ BADARÓ, 1996, p. 88.

¹⁴ LOYOLA apud GOELLNER, 1992, p. 148.

¹⁵ CANETTI, 1995, p. 82.

No momento da definição da coreografia e dos exercícios a serem apresentados, Otilia Forster reunia-se com os demais professores, informava-lhes como as aulas de preparação dos alunos deveriam ser realizadas para, posteriormente, reunir os alunos para o ensaio final, treinando-os para que os movimentos saíssem perfeitos. Em forma de flexões de pernas, braços, nos saltos estavam o resultado de todo o trabalho idealizado por Otilia Forster.

A imediatividade e a velocidade da vida urbana pedem um modelo próprio de homem. As comemorações eram os espaços eleitos para exhibir o homem integral - física, moral e intelectualmente educado - mobilizando e captando sentimentos e ações a fim de que os espectadores assimilassem a nova ordem da retidão e da saúde.

Assim, através dos meios de comunicação, "O que se universaliza é a imagem iconográfica do corpo como parte da promessa da modernidade, mas, o que existe de fato é uma representação, uma abstração do corpo, apenas desejada e não existente, como todo o universo da mídia¹⁶".

Os jornais, atentos a tudo aquilo que envolvia a regeneração moral e física do país, apresentavam as notícias à população, informavam data, hora e local das comemorações, anunciando a alegria de poder visualizar o Brasil crescendo ordenado, apumado, sem os males que ofereciam riscos ao seu crescimento. A cidade de Campinas, participando do movimento de regeneração física e moral do Brasil, transforma o corpo em virtuoso, ou vicioso, para logo fazer dele notícia.

As apresentações, para César Augusto Cardoso¹⁷, são o exemplo deste trabalho que tem a Educação Física como importante mediadora no processo de criação do "tipo humano ideal". Pelas próprias palavras do jornalista, as apresentações de ginástica levavam os espectadores a acreditar no futuro próspero, ou melhor "(...) a prophetizar para um futuro não muito remoto, uma sadia geração a integrar-se com facilidade para uma perfeição eugênica"¹⁸.

¹⁶ SILVA, A. M., 1999. p. 130.

¹⁷ Os artigos de César Augusto Cardoso apresentam argumentos que fugiam do padrão dos demais, pois teciam comentários técnicos e científicos que iam ao encontro das idéias difundidas pela Educação Física do período.

¹⁸ "Cultura Physica" é o nome do artigo publicado por César Augusto Cardoso no Diário do Povo em 1940, do qual este trecho foi retirado.

A rua, mais uma vez, é o centro dos acontecimentos, o local da verdade. No entanto, não mais os meninos e meninas de rua, expostos a toda a sorte, encontravam-se nela. Jovens e crianças são retirados das ruas e levados novamente a elas devidamente reeducados. Assim, apenas os belos modelos, os mais fortes, portanto os de melhor aparência, que tornariam vivos o silêncio dos prédios e a palavra de políticos, higienistas e eugenistas, exemplo de virtude e perfeição eugênica, mereciam estar no centro do palco participando da nova vida que se configurava.

Citando Fernando de Azevedo, César Augusto Cardoso apresenta um corpo que é, ao mesmo tempo, ciência e arte na medida em que se deveria priorizar a harmonia das formas do corpo, a saúde e força¹⁹, em função da homogeneização e normalização dos atos e traços de civilidade que definiriam (desenhariam) o homem moderno.

Os traços da modernidade eram reconhecidos na união dos alunos, os quais formavam grandes grupos e demonstravam o vínculo entre perfeição física e perfeição moral, passível de ser conquistada pelo exercício físico. Dando visibilidade ao homem devidamente educado, a ginástica transforma o corpo em membros, músculos e articulações, em saúde e força.

" (...) a ginástica escolar é uma arte que consiste no exercício sistemático do corpo, executando de acordo com certas regras e escudados nas leis anatômicas e fisiológicas e que tem por fim desenvolver de um lado certas facilidades morais, favorecer a energia vital e a sua redistribuição em todos os sistemas e por todos os recessos do organismo"²⁰.

¹⁹ Revista Educação Física, ano V, n. 9, 1937.

²⁰ "Os benéficos melhoramentos que o Estado Novo vem operando no nosso programa geral de educação", de César Augusto Cardoso, 24 de novembro de 1942.

A aparência física dos jovens encantava por serem eles fortes, belos e, conseqüentemente, saudáveis. Esta aparência demonstrava, do mesmo modo, o valor conferido à educação do corpo. Um corpo que precisa de uma identidade, de cuidados, pois o Brasil, considerado um país mestiço, necessitava regenerar-se dentro dele próprio para que pudesse se integrar ao mundo moderno, forjado "(...) nas mais delicadas finalidades therapeuticas que prepara o organismo das crianças e dos jovens, contra a fadiga, enriquecendo a respiração e a circulação e aumentando-lhes progressivamente a força muscular"²¹.

A Educação Física é reconhecida como um meio competente na preparação dos alunos para o mundo novo que os aguardava fora da escola. Considerava-se, na época, tanto nas palavras de médicos quanto na de educadores, que a rapidez do cotidiano e da vida moderna exigiam um "treinamento" para não haver gasto inútil de energia, exigindo "circulação e nutrição perfeitas, a fim de manter o perfeito intercâmbio às intenções combustões das células dos sistemas cerebro-symphaticos"²².

As associações à possibilidade de um Brasil próspero seguem pelo campo da ciência, pois o futuro, para ser seguramente construído, deveria passar por seus cuidados. Foram muitas as formas de traduzir este pensamento racional, pois foram igualmente inúmeros os projetos de intervenção tanto na cidade quanto no corpo de seus habitantes. Referindo-se a atividades, o autor do então artigo intitulado "Cultura Physica", de 1940, defende as vantagens do ensino de Educação Física nas escolas por seu poder de moralizar e, ao mesmo tempo, garantir o desenvolvimento fisiológico dos alunos.

César Augusto Cardoso é aquele que aparece como "interlocutor" neste ambiente em que a ciência e as imagens, em comunhão, são apresentadas ao público, descrevendo corpos fisiológica e moralmente saudáveis e belos, associando a apresentação dos jovens ao importante envolvimento do governo com os resultados obtidos.

²¹ "Cultura Physica", por César Augusto Cardoso, 1940.

²² "Cultura Physica", por César Augusto Cardoso, 1940.

Em "Os benéficos melhoramentos que o Estado Novo vem operando no nosso programa geral de educação"²³, o autor destaca a eficiente colaboração das escolas para formar crianças sadias, ou seja, "as dignas representantes desta grande pátria, como mensageiras de saúde, força e beleza"²⁴.

César Augusto Cardoso cita que finalmente pôde compreender o pensamento de Platão, pois "O homem é uma alma que se serve de um corpo" gerando, assim, "Mens sana in corpore sano". Considerados conceitos imutáveis, o futuro do cidadão estaria assegurado, garantido pela formação física, moral e intelectual dos alunos. Para tanto, a higienização e a eugenia, mais uma vez, estão em destaque.

"(...) Como defensores de nossa integridade higida e, em benefício da geração que se forma, devemos considerar que a cultura física deve seguir de perto os ensinamentos imprescindíveis dessas duas ciências, a menos que não queiramos fugir às prescrições infalíveis da biologia aplicada. Para a sua perfeita colaboração será humanamente impossível conseguir-se inteligência perfeita, equilíbrio mental e beleza plástica. A higiene e eugenia, de braços tem nos destinos da humanidade uma função social de transcendental relevância. Propagadoras incansáveis de uma fé robusta, elas constituem fontes geradoras de saúde, criando meios legais e humanitários para a estabilidade do lar, e, portanto, para a grandeza da pátria, na formação consciente e cultural da raça".

²³ Publicação do jornal Correio Popular datada de 24 de novembro de 1942. Tal artigo destaca o programa de "educação integral", confirmando a eficiente colaboração das escolas reconhecida pelo "brilhantismo da 1ª Olimpíada Infantil", reunindo na ocasião exercícios distribuídos de acordo com a faixa etária e "executados com tal precisão dignos de empolgar qualquer assistência". O artigo faz referência, ainda, a crianças alegres e interessadas, dando razão à necessidade de um fichário antropométrico "(...) em prol da completa edificação da geração que vai se formando".

²⁴ Em "Os benéficos melhoramentos que o Estado Novo vem operando no nosso programa geral de educação", de César Augusto Cardoso, 24 de novembro de 1942.

Seguindo tal parâmetro, o autor destaca o valor de uma prática física que convença e empolgue aqueles que a executem, considerando um dos principais méritos das aulas de Otília Forster a possibilidade de ver crianças alegres e espontâneas que anteriormente faltavam. Referindo-se à importância de uma política educacional condizente aos anseios cívicos, destaca a importante iniciativa do governo na área educacional, antes inexistente, pois o "aparelho escolar da época (...) apresentava a dolorosa característica de não prestar absolutamente à implantação de nenhum tipo racional de educação"²⁵.

Trata-se, assim, de uma fusão de interesses, os quais não se limitavam apenas a cultivar a inteligência, mas sim desejavam conectar o homem ao ideal coletivo, fazendo com que o grande número de pessoas que assistiam às apresentações pudesse reconhecer-se naqueles movimentos ordenados, racionalizados.

A "Educação Physica desejava persuadir, estimular, levar a realizar"²⁶. A ginástica apresentava, além da base científica, um forte caráter educativo, pois para cada atitude expressava-se um gesto correlato. Suas formações em colunas, como também o ritmado e simétrico movimento das pernas e braços, indicavam um padrão humano que se repete e uma preparação pormenorizada insistente e progressiva²⁷. Esta prática não sugeria apenas, mas propagava, através do espetáculo, a real finalidade da educação.

As auto-intituladas "sciencias-arte" - Eugenia, Higiene e Educação Física - difundiam-se tendo a biologia como sua principal mentora. Associadas ao imaginário do poder, as formas *nocivas* que representavam o atraso, o vício, a pobreza são colocadas à margem do espetáculo, dando lugar aos traços modernos da harmonia e da hegemonia, da beleza e da pompa entendidas como sinônimos de progresso e desenvolvimento.

Incorpora-se a essas imagens a expressão de uma visão "biologizada", científica, dos indivíduos, defendendo a idéia de ordem e esforço individual associados à saúde por influência médica. Torna-se imprescindível buscar a boa aparência e, conseqüentemente, o bom cidadão, que estaria representado na sociedade por um corpo saudável.

²⁵ "Os benéficos melhoramentos que o Estado Novo vem operando no nosso programa geral de educação", de César Augusto Cardoso, 24 de novembro de 1942.

²⁶ Revista Educação Physica, ano V, n. 9, 1937.

²⁷ Revista Educação Physica, ano VII, n. 16, 1938.

Com propriedade, César Augusto Cardoso²⁸ coloca ainda ao leitor as principais influências para a sistematização da Educação Física escolar durante o período descrito. Dentre elas estão os nomes de Demeny e Heckel²⁹, o primeiro por seus estudos sobre a mecânica muscular e o movimento e o segundo como profundo conhecedor das moléstias da nutrição e método de cura pelo exercício físico.

A riqueza de informações presentes nos textos de César Augusto Cardoso configura o "novo" através da imagem do jovem atlético, propiciando-lhe um estilo de vida diferente, mais saudável.

A ginástica cumpre seu papel auxiliando o projeto de civilização dos gestos e hábitos dos alunos a favor do "novo", orientando a conformação dos corpos pelos limites da pedagogia, da higiene e da eugenia. Os jovens, representantes do futuro da nação, apresentam-se devidamente limpos, higienizados, disciplinados e moralizados expondo os cuidados com o corpo pensado pela biologia e pela pedagogia.

²⁸ Infelizmente não consegui maiores detalhes acerca da formação profissional de César Augusto Cardoso.

²⁹ Além de Demeny e Heckel, o autor refere-se ainda a Tissié, Higgins, Hebert e Lagrange no mesmo artigo citado.

3.1 - O Corpo: limites, medidas, molduras e exposição

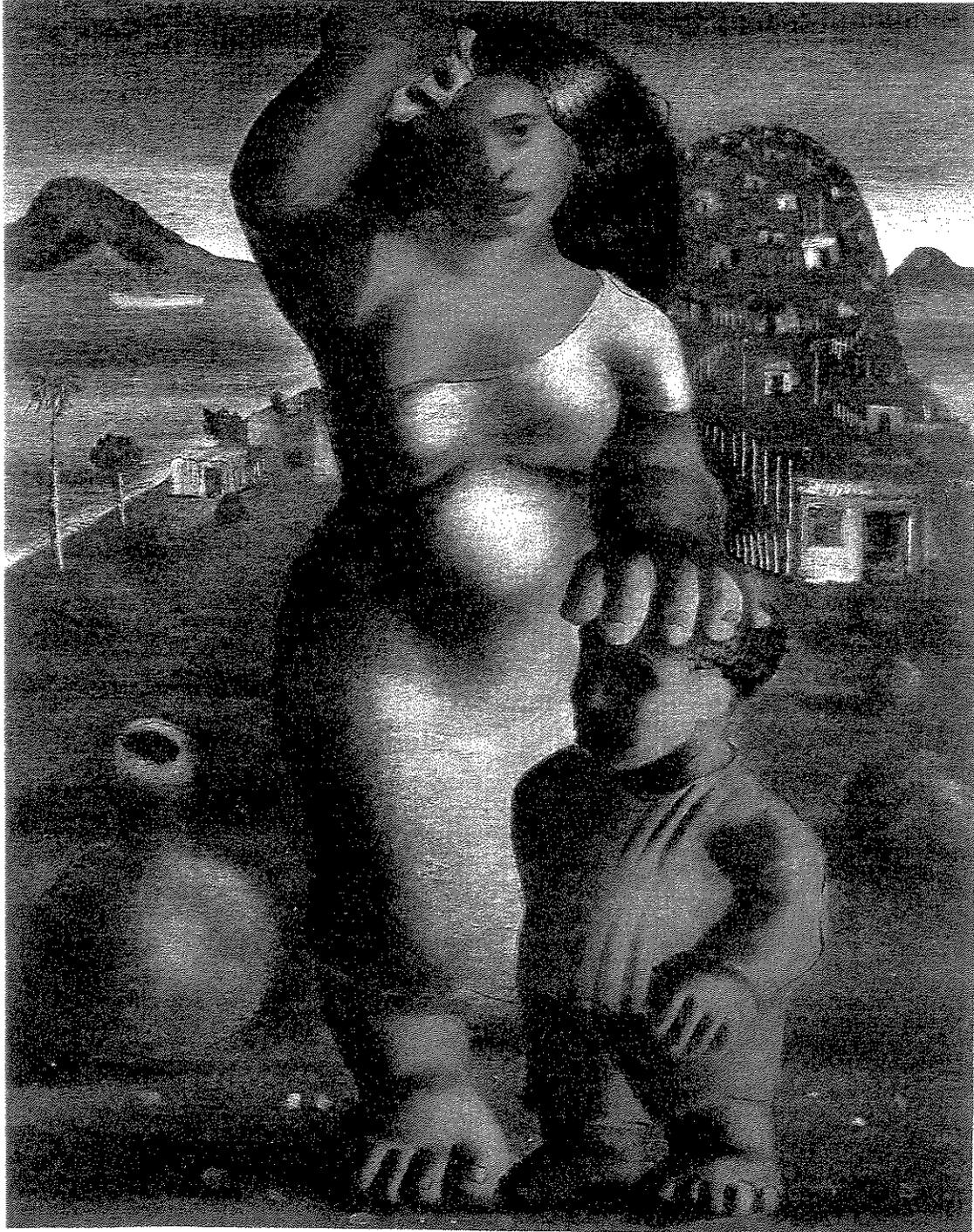


Figura 32: Mulher e Criança (1936) – Candido Portinari

“Não há nada que o homem tema mais do que o contato com o desconhecido. Ele quer ver aquilo que o está tocando; quer ser capaz de conhecê-lo ou, ao menos, de classificá-lo. (...) Nem mesmo as roupas proporcionam segurança suficiente – quão fácil é avançar até a carne nua, lisa, indefesa da vítima”¹.

A vida moderna, regida pelo ritmo das indústrias e dos automóveis, pouco se relacionava, no período pesquisado, ao tempo das colheitas e aos passos lentos dos carros de bois. O ambiente rural e o urbano afastavam-se um do outro dia após dia, não fossem os resquícios do passado que se encontravam tanto na própria cidade quanto nos corpos de seus habitantes.

Todos assistiam perplexos e fascinados às transformações diárias do ambiente. A tecnologia inovadora dos meios de transporte alterava o tempo de deslocamento. A cada dia, o gado nos centros urbano não mais seria considerado uma possibilidade de transporte, mas sim um entrave à marcha dos bondes. Ocorria o mesmo processo com os bairros deteriorados, os quais imprimiam uma imagem de atraso quando vistos próximos às ricas residências². O passado deveria ser esquecido, como também as antigas práticas rurais, pois o país empenhava esforços para transformar a nação em moderna, industrial.

Os corpos circulavam livremente por todos os ambientes. Vindos de cidades que se encontravam no mesmo período, mas em outro “ritmo” ou “estação”, os imigrantes deparavam-se de imediato com o novo espaço, como também com outros corpos que agiam e se comportavam de acordo com o modo de vida urbano.

¹ CANETTI, 1995, p. 13.

² LÉVI-STRAUSS, 1994, p. 69.

Como bem cita Canetti³, nada é mais assustador do que ser tocado pelo desconhecido. Um “toque” cotidiano que se concretizava no próprio corpo, transformando-se em sensações comuns aos “tempos modernos”⁴. Dentre elas estão a velocidade, o odor desagradável da sujeira nas ruas, da poluição dos carros; o olhar desconfiado e seletivo que ao mesmo tempo é apaixonado por cinema; o ouvido atento ao Hino Nacional e às canções que ritmavam a marcha dos alunos; as refeições sagradas que uniam a família... Sensações enaltecidas pela harmonia dispersa entre virtudes e vícios.

A heterogeneidade presente nas ruas e o convívio entre o velho e o novo, passaram a compor uma nova realidade que despertava curiosidade tanto dos habitantes quanto de intelectuais de diferentes áreas do conhecimento preocupados em “revelar a verdadeira face da nação e de traçar linhas de força para o futuro”⁵, pautadas nos preceitos modernos. Intelectuais que tinham em vista um projeto comum de inserção do país na modernidade.

Para que tal projeto se concretizasse aos olhos de todos, os homens de ciência buscavam explicações, como também realizavam projetos e intervenções a fim de que fossem repensados os espaços e as formas de convívio. Transformando o “desconhecido” em dados estatísticos, desenvolvendo projetos, os intelectuais dirigiam a opinião pública e incentivavam a participação popular. Idealizava-se, com isso, despertar o sentimento nacional, como também o apoio e envolvimento da população, pois se acreditava que a nação se desenvolveria a partir do momento em que cada cidadão assumisse seu papel na sociedade, aceitando a modernização do país como algo capaz de melhorar suas vidas.

Partindo das fotografias, ou “fragmentos desta realidade”, presentes no acervo histórico de Otilia Forster, foi possível reler algumas correlações existentes entre o trabalho realizado por estes homens da ciência na escola, como também fora dela, apontando seu vínculo com os ideais de desenvolvimento pensados para que o Brasil se fortalecesse física e moralmente.

³ CANETTI, 1995, p. 13.

⁴ Alusão ao filme *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin, 1936.

⁵ De LUCA, 1999, p. 19.

Através da leitura dos diferentes corpos que surgiram durante a investigação realizada, passo a rever o período não mais sob a ótica de um único discurso, ou seja, penso nas diferentes histórias que, ao se unirem, compõem o cotidiano daqueles que viveram o período. Tais histórias, ao se encontrarem, desvendam a sutil transformação cotidiana daqueles que habitavam as cidades então movidas pela desejada ordem, progresso e modernização do país.

Para tanto, interpretar o período passou a ser um dos pontos principais deste estudo. Em outras palavras, refiro-me aos diversos pontos de vista que se apresentavam ora na escola, ora fora dela. Passei, assim, a questionar, a partir de então, o porquê da evidência destes corpos belos e saudáveis, o paralelo existente entre estes modelos de corpo, o que eles representavam, assim como as referências ao processo de sua construção.

O período é marcado por projetos de construção de uma nova pátria. O moderno passava a suprimir qualquer tipo de conduta ou formas que expressassem o atraso e o retrocesso. Lutava-se por um Brasil civilizado a partir da superação de entraves à sua inserção na modernidade.

Dessa forma, a idéia de uma cidade em constante transformação pela ação do progresso é o indicativo de que os corpos compunham e eram forjados pelo ambiente, definindo-lhes limites. Meu olhar recai, neste momento, sobre o traçado das ruas *tão largas e retas* e dos passos tortos que não mais seriam aceitos pela nova cidade que se reestrutura constantemente em função da modernização do país.

Tudo era exposto, claro, cintilante, utilizando as palavras de Carlos Drummond de Andrade⁶. Prédios, indústrias, novas vias de circulação, instalação de serviços de utilidade pública, crescimento populacional, dentre outros, representam a entrada do progresso e da tecnologia na vida diária da população, redesenhando espaços e habitantes. Enfim, torna-se possível rememorar uma cidade que expressa, sob os parâmetros da razão científica que se instala com o progresso, a possibilidade de um futuro próspero. Um “novo” que vê a Educação Física como uma área capaz de “organizar” o corpo destes cidadãos que representariam a força e a regeneração física e moral da nação, revelando um momento de grande euforia em relação à atividade física.

⁶ ANDRADE, C.D., 1992, p. 140.

O paralelo entre a construção das cidades e dos corpos daqueles que nela habitavam, surge traduzido em imagens diversas. Em especial com o auxílio da câmera fotográfica, as representações aparecem então pautadas pela legitimação do domínio científico. Assim, a fotografia, entendida como retrato “fiel” da realidade para aqueles envolvidos com a educação no período, passa a revelar tanto o lado “bom” do progresso, expresso pelo desenvolvimento do país, quanto as “mazelas” da cidade que representam a degradação moral e física da população.

A urbanização dos espaços realizaria muito mais que o simples reordenamento de ruas e implantação de novas vias de circulação. Ordenaria também os passos, os gestos, os hábitos e os costumes que deveriam ser compatíveis aos monumentos erguidos pelo progresso. Os cidadãos brasileiros deveriam ser educados seguindo o rigor da razão instrumental para que houvesse a formação do novo homem, o qual deveria ser forte, saudável, limpo, conforme a cidade, conforme os grandes prédios e avenidas sugeriam.

Entre virtudes e vícios, devidamente alocados em habitações próprias nestes pequenos fragmentos da realidade, os cidadãos surgem como exemplos de conduta a ser seguida. Como em um desenho, tais fotografias unem, com apenas um traço, os homens e suas habitações.

Para tanto, os estabelecimentos de ensino foram considerados “ambientes ideais”, ou ainda espaços em que a educação se faria completa, pois formar o homem do futuro inspirava cuidado. O conteúdo a ser ensinado deveria estar vinculado à cidade que se transformava fora dos muros da escola. A cidade modernizava-se e, para tanto, os futuros cidadãos brasileiros deveriam estar aptos a participar deste mundo.

Diante deste quadro, propostas são instauradas a fim de fazer da *urbe* um espaço civilizado. Se na rua a heterogeneidade ocupa o ambiente, na escola o ambiente passa a ser, supostamente, o espaço da homogeneidade, da saúde e da disciplina ancoradas pela razão médica e pedagógica. Cumprindo seu papel, a escola passava a ser a imagem do meio social, oferecendo algo parecido com “um ambiente homogêneo e bem equilibrado para as pessoas mais jovens”, como bem fala Dewey⁷.

⁷ DEWEY, 1979, p. 23.

Lembrando a organização do programa de Educação Física realizada por Otilia Forster, a seleção dos alunos deveria ser feita a partir do físico. Apenas os de melhor aparência deveriam representar a instituição escolar nas comemorações públicas.

Conforme dito anteriormente, os alunos, então vistos como o futuro da nação, vinculavam a imagem da ordem e disciplina à sua aparência física, isto é, apenas alguns “seriam capazes” de representar a força e o vigor físico que serviriam à identificação do país com o progresso e a modernidade.

A Educação Física, responsável pela educação moral e física dos alunos, revela traços da importância destinada à ciência, em especial, discutidos pelo conhecimento médico-biológico, o qual garantiria uma verdade que se estabelece sob parâmetros da razão instrumental, expondo ainda a sanidade mental dos alunos.

O “exame antropométrico” representa, dessa forma, a importância do discurso médico para a construção deste corpo. Capaz de avaliar as condições físicas e mentais do aluno, tal exame foi muito utilizado como forma de garantir o respaldo científico da formação das equipes. Os dados pessoais dos alunos que fariam parte das equipes de ginástica eram devidamente arquivados em livros especiais de matrícula e utilizados para posteriores comparações. Com este exame, os limites do corpo, em seu aspecto físico e moral, eram transformados em medidas (altura e peso) que praticamente “previam” como seria este corpo percebido no meio social.

Vinculado ao parâmetro científico de descrição do “bom” ou “mau” desenvolvimento explicita-se, através de depoimentos de diretores das escolas como também da própria Otilia Forster, a necessidade do auxílio médico através do contato com os centros de saúde. Assim, o contato estabelecido entre a instituição escolar e a médica confirma o objetivo das aulas de Educação Física: a melhora das condições fisiológicas dos alunos.

Considero importante realçar que, apesar de o programa de Educação Física ser destinado a todos os alunos dos grupos escolares de Campinas e região, apenas os selecionados mereciam tal atenção. Assim, voltando a discussão ao resultado deste trabalho realizado na escola, recorro às comemorações públicas como meio utilizado para a exposição do corpo ideal à população. Trata-se de uma representação da realidade, projetada para confirmar o importante papel destinado à educação na formação de jovens fortes e saudáveis, como forma de propaganda do Estado e de concretização dos ideais patrióticos. Dessa forma, a escola apresenta ao público apenas aqueles que se encontravam compatíveis aos anseios do período, revelando um objetivo de formação e educação que se encontra além dos muros da escola.

Conforme indicava o caminho do progresso, experimentado “corporalmente” pela disposição e organização das cidades racionalmente construídas, à margem da população localizavam-se os vícios e, conseqüentemente, a desordem urbana. Entendo as fotografias apresentadas como uma possibilidade de visualizar, na imagem destes alunos, a evidência destes corpos modelares que fariam parte de uma sociedade limpa, ordenada e civilizada. No limite estabelecido por este retrato da juventude, aparecem apenas os “escolhidos”. À margem, fora das vistas de todos, encontravam-se os alunos rejeitados, tanto pela câmera fotográfica quanto pelos ideais de progresso e desenvolvimento.

O limite, do mesmo modo, pode ser reconhecido pelo controle e comedimento dos exercícios ginásticos. Apenas determinados saltos, flexionamentos e gestos, sob o aval da ciência, seriam permitidos, pois não ofereceriam riscos à formação física e moral dos alunos.

A análise das aulas de Educação Física do período, como também dos valores e normas que compunham este “estado de espírito”, que garantem a esta atividade escolar a condição de importante mediadora do processo de construção de um biotipo que relaciona saúde e beleza à organização do país. As aulas cumpriam seus objetivos. Mereciam ser elogiadas pela organização e pelo envolvimento de Otilia Forster para que cumprissem seu papel.

Neste caso, mais uma vez, reafirmo minha opção por buscar no aparente, como também na ausência, um discurso voltado para a eleição de alguns em detrimento de outros; destacar a quem atendem tais ideais, abordando, assim, a Educação Física como expressão da realidade social antes de ser considerada simplesmente uma prática ingênua, como muitos a definem ainda hoje.

Permeando este estudo, as imagens são parte inerente às discussões desenvolvidas até então, colocando no “centro do palco” a ginástica como aquela que contém os traços visíveis do espaço em que se encontra: a cidade. Tais representações da realidade instigam o olhar para diferentes áreas do conhecimento da época, como também permitem a lembrança da própria história do leitor. Quantos de nós já não usamos uniformes? Quantos não desfilaram em paradas cívicas? Por fim, todos fizemos parte do ambiente escolar e nos envolvemos, em algum momento de nossas vidas, com práticas físicas e cívicas.

Assim, as imagens não mais servem exclusivamente à ilustração, mas incitam olhares outros que possibilitam tanto o entendimento da época sobre os corpos dos anos de 1930 e 1940, como também abrem espaço para que outras histórias possam ser contadas, uma vez que muitas das formações em colunas, das marchas, ou mesmo o desenvolvimento das cidades, enfim, das práticas aqui discutidas, fazem parte do nosso olhar do presente, passível de lembrança apenas por aqueles que estão vivos, pois “para imaginar é preciso estar vivo, os mortos não o podem mais”⁸.

Mais que explicações, desejo que este texto permita ao leitor abrir outras janelas, as quais possibilitem sua entrada no passado que, conforme citei, é muito mais presente do que possa parecer. Minha opção foi pela “janela” disponibilizada por Otilia Forster. No entanto, as interpretações possíveis de seu material não se esgotam aqui, como também não se encerra o olhar possível para o período estudado.

Há muitas outras janelas dispostas em diferentes alturas, em casas, prédios, bairros, cidades, quadros. Cabe a cada um a opção de apropriação da vista que estas oferecem. No entanto, não apenas limitando-se a olhar, mas sim experimentando “corporalmente” a paisagem, pois a moldura da janela, tal qual aquela definida pelo retrato, esconde elementos que, muitas vezes, não são o discurso oficial da época, tornando-se, enfim, uma realidade a ser considerada.

⁸ ALMEIDA, 1999, p. 1.

Bibliografia

Arquivos

Acervo Histórico Otilia Forster, cx. 1, Arquivos Históricos, Centro de Memória - UNICAMP.

Archivos Paulistas de Hygiene Mental. São Paulo: n. 3-4, 1930.

Coleção Otilia Forster. Documentação Iconográfica, Centro de Memória - UNICAMP.

Otilia Forster – Entrevista (1994 e 1996). Laboratório de História Oral (LAHO), Centro de Memória - UNICAMP.

Annais de Congressos, Periódicos e Jornais

A Gazeta Esportiva, São Paulo, 1945.

Boletim de Eugenia. Instituto Brasileiro de Eugenia, São Paulo, n. 1-36, 1929-1931.

Boletim de Hygiene Mental. Liga Paulista de Hygiene Mental, São Paulo, n. 10-25, 1929-1931.

Correio Popular, Campinas, 1939, 1940, 1942, 1943, 1945.

Diário do Povo, Campinas, 1939, 1940, 1942, 1943.

Folha de S. Paulo; Caderno Mais, São Paulo, 2000.

Quinto Congresso Brasileiro de hygiene: 17 a 22 de outubro de 1929, Recife. Annais. Rio de Janeiro, 1929, v. I.

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 1940, 1943.

Revista Educação Physica, São Paulo, 1932-1945.

Livros e Teses

- AGUAYO, A. M. *Novas orientações da educação*. Editora Saraiva e Cia, 1939.
- ALMEIDA, Milton José de. *Cinema: arte da memória*. Campinas: Autores Associados, 1999.
- AMARAL, Araci. *Tarsila do Amaral*. São Paulo: Fundação FINAMBRÁS, 1997.
- AMORA, Antônio Soares. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Editora Saraiva, 1958.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992.
- _____ *Confissões no rádio*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- _____ *A rosa do povo*. 17ª edição. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1996.
- ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo : Livraria Martins Editora, 1960.
- _____ *Contos novos*. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 17. ed., 1999.
- _____ *De Paulicéia Desvairada a Café: poesias completas*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1977.
- BADARÓ, Ricardo. *Campinas: o despontar da modernidade*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- BARBOSA, Rita de Cássia. *Carlos Drummond de Andrade: seleção de textos, crítica, notas, estudo biográfico e histórico*. São Paulo: Nova Cultural, 1990.
- BASBAUM, Leôncio. *História sincera da república: de 1930 a 1960*. 4. ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1981.
- BATISTA, Marta Rossetti; LIMA, Yone Soares. *Coleção Mário de Andrade*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros-USP, 1984.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas; v. I. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____ *Rua de mão única*. Obras escolhidas; v. II. São Paulo: Brasiliense, 1995.

- BERGER, Peter. *Socialização: como ser um membro da sociedade*. In: MARTINS, José de Souza; FORACCHI, Marialice Mencarini. *Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1994.
- BETELHEIM, Bruno. *O coração informado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- BETTI, Mauro. *Educação física e sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.
- BITTENCOURT, Circe. *Pátria, civilização e trabalho*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro, 1982.
- BRADBURY, Malcolm. *O mundo moderno: dez grandes escritores*. São Paulo, Cia das Letras, 1989.
- _____ *Modernismo: guia geral*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.
- BRECHT, Bertold. *Poemas: 1913-1956*. Rio de Janeiro, Editora 34, 2000.
- CALLADO, Antônio. *Candido Portinari*. São Paulo: Fundação FINAMBRÁS, 1997.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- CANETTI, Elias. *Massa e Poder*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- CANTARINO FILHO, Mário Ribeiro. *A Educação Física no Estado Novo – história e doutrina*, 1992. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília.
- CBCE - Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (org.). *A educação física escolar frente à LDB e aos PCNs: profissionais analisam renovações, modismos e interesses*. Ijuí: Sedigraf, 1997.
- CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o estado: pesquisa em antropologia política*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- CORBIN, Alain. *O segredo do indivíduo*. In: PERROT, M. (org.). *História da vida privada*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997, v.4.
- D'ARAÚJO, Maria Celina de. *As instituições brasileiras da era Vargas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- De LUCA, Tânia Regina. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.
- DEWEY, John. *Democracia e educação*. 4ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história de costumes*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1994, v. 1.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis : Vozes, 1996.
- _____ *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. 32. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1992.
- _____ *Sobrados e mucambos: uma introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo*. São Paulo: Editora Símbolo, 1977.
- GOELLNER, Silvana Villodre. *O método francês no Brasil: da caserna à escola*, 1992. Dissertação (Mestrado) URGs, Porto Alegre.
- _____ *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*, 1999. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas.
- GOMBRICH, Ernst Hans. *Para uma história cultural*. Lisboa: Gradiva, s/d.
- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades: a cidade*. São Paulo: Rocco, 1996.
- GRANGEIRO, Cândido Domingues. *As artes de um negócio: a febre photographica (São Paulo: 1862-1886)*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HORTA, José Silvério Baía. *O hino, o sermão e a ordem do dia: a educação no Brasil (1930-1945)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Saudades de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- LIMA, Magali Alonso. *Formas arquiteturais no Estado Novo (1937-1945): suas implicações na plástica de corpos e espíritos*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1979.
- MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1998.

- MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização das raças*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- MARINHO, Inezil Penna. *História da educação física no Brasil*. Companhia Brasil Editora, s/d.
- McARDLE, William; KATCH, Frank; KATCH, Victor. *Fisiologia do exercício: energia, nutrição e desempenho humano*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.
- MORAIS, Fernando. *Olga*. 16. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MORENO, Andrea. *Corpo e ginástica num Rio de Janeiro: mosaico de imagens e textos*, 2001. Tese (Doutorado) – UNICAMP, Campinas.
- NOGUEIRA, Nádia Cristina. *Sexualidade e socialização em Gilberto Freyre*, 2000: Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas.
- NOVAIS, Fernando Antônio. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v.3.
- PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v.4, v.5.
- PESSANHA, José Américo Motta. *Despir os nus*. In: GRANGEIRO, C.D. *As artes de um negócio: a febre photographica (São Paulo: 1862-1886)*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.
- PRADO, Paulo. *Retratos do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: D.P. & C., 1928.
- ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. *A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do instituto de higiene de São Paulo (1918 - 1915)*, 2001. Tese (Doutorado) – USP, São Paulo.
- RUDE, Adolph. *La escuela nueva y sus procedimientos didácticos*. Espanha: Editorial Labor, 1929.
- SANT'ANNA, Denise Bertuzzi de. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

- SILVA, Ana Márcia. *O corpo do mundo: reflexões acerca da expectativa de corpo da modernidade*. 1999. Tese (Doutorado) – UFSC, Florianópolis.
- SILVA, Hélio. *Vargas*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1980.
- SOARES, Carmen Lúcia. *Educação física: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994.
- _____. *Imagens da educação no corpo*. Campinas : Autores Associados, 1998.
- SOARES, Carmen Lúcia (org.) *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.
- STEVENSON, C.W. *Conferência acerca do urbanismo*. Campinas: Rotary Club de Campinas, 1933.
- TOLEDO, João. *Escola brasileira*. 2. ed. São Paulo: Livraria Liberdade Editora, 1929.
- _____. *Didática*. 2. ed. São Paulo: Livraria Liberdade Editora, 1930.
- VAGO, Tarcísio Mauro. *Cultura escolar, cultivo de corpos: educação física e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos das crianças no ensino público Primário de Belo Horizonte*, 1999. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, USP, São Paulo.
- VARGAS, Getúlio. *A nova política do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938, vol. 1.
- VISÃO didática da educação física: *análises, críticas e exemplos de aulas*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1991.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

